

PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO XV • Cr\$ 32.000,00

# CADERNOS

## DO TERCEIRO MUNDO

157

ANTONIO HOUAIS

# SOCIALISMO

## O RENASCER DAS CINZAS

**EXCLUSIVO**

**DEBATE DA INTERNACIONAL  
SOCIALISTA EM BERLIM**

### SUPLEMENTO

ESPACIO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS



**O SOM DO  
TRABALHO  
NO CAMPO**  
Página 1

#### MULHER

Assédio sexual  
no mundo árabe  
Página 11

#### TABACO

Fumantes passivos  
ganham na justiça  
Página 10

#### ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

A burocracia da cura  
Página 8

**MÉDICO DE FAMÍLIA  
EXPERIÊNCIA CUBANA DÁ  
CERTO NO BRASIL**

**NESTE NÚMERO, NOVO SUPLEMENTO**





Administração Sul do Banco Mercantil, em São Paulo

# IMPLANTAR. QUALIFICAR. EVOLUIR.

Acompanhando as tendências do mercado. Perseguindo qualidade e produtividade. É assim que o Mercantil tem conquistado seu crescimento. Fundado em 1970, o banco expandiu-se numa rede supra-regional, implantando agências nos principais centros financeiros do país. Uma prova de trabalho bem estruturado. Uma evolução direcionada pelo claro objetivo de situá-lo, solidamente, entre as mais importantes instituições financeiras do país.

**O**cupar espaços.  
Consolidar parcerias.  
perseguir qualidade e  
produtividade.  
Evoluir. Solidamente.  
Conquistar novos mercados.  
Valorizar, mais que tudo, o cliente.  
Ser um banco contemporâneo.

**MERCANTIL** 

Banco Mercantil S.A.

**O Banco que dá valor a você.**

**Administração - Sul:**  
Alameda Santos, 880 - Jardim Paulista, CEP 01418, São Paulo, SP  
Tel. (011) 289.4666 - Fax (011) 289.4007 - Telex (11) 33708

**Administração - Sede:**  
Rua do Imperador D. Pedro II, 307, Santo Antônio, CEP 50.010, Recife, PE  
Tel. (081) 224.3466 - Fax (081) 424.1069 - Telex (81) 2424/8801



# SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS



## O SOM DO TRABALHO NO CAMPO

Página 2

### MULHER

Assédio sexual  
no mundo árabe

Página 11

### TABACO

Fumantes passivos  
ganham na justiça

Página 10

### ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

A busca da cura

Página 6





## O canto do trabalhador rural

*O registro da produção cultural do homem comum do interior da Bahia mostra uma riqueza que a mídia ignora e o país praticamente desconhece*

### Carlos Lopes

**D**a quixabeira pro berço do rio é um samba de roda de Zé Barriquinha que o Brasil não conhece, mas que a comunidade rural de Tapuio, do município de Araci – Sertão da Bahia –, canta com animação nas noites de festa. O samba é bom, na música e na letra (“... não adianta ter uma namorada, ver as faces dela e não poder beijar”), mas o Brasil não precisa ficar triste. Não por isso.

*Da quixabeira pro berço do rio* virou título de um disco que a Nova Pesquisa e Assessoria em Educação está lançando, resultado de três anos de trabalho de campo no interior da Bahia. A Nova é uma entidade autônoma, com atuação na área de educação popular, e este é o segundo disco que

produz. Em 1991, foi lançado o “Movimento de Compositores da Baixada Fluminense”, reunindo sambas de trabalhadores urbanos, que não têm a música como meio de vida.

Gravado em Salvador, *Da quixabeira...* (uma árvore do Sertão que nasce próximo aos córregos) mostra o canto do trabalhador rural de localidades do Recôncavo e do Sertão baiano.

A partir do levantamento de cerca de 50 músicas, o resultado final apresenta 17 faixas, interpretadas por representantes das comunidades de Lagoa da Camisa e Matinha (Feira de Santana), Subaé e Boa Vista 2 (Serinha), Tapuio (Araci) e algumas localidades do município de Valente. Zé Barriquinha e Fulô são os únicos autores identificados. Todas as outras músicas são de domínio público, e atravessaram várias gerações.

“Nessas localidades, não existe o músico profissional, e a música funciona sempre agregada a alguma atividade, como a dança, a festa e o trabalho”, diz Bernard von der Weid, pesquisador da Nova e organizador da coletânea.

Os arranjos do maestro Afonso Machado – assessor musical da Nova Pesquisa, e músico do conjunto Galo Preto – tiveram o cuidado de não ferir a tradição cultural. Nas músicas de festa, como o samba santo-amarense, a chula, o samba de roda, a folia de reis e o samba-martelo, os instrumentos são os mesmos que eram tocados pelos colonos, e que já desapareceram da região. Naquelas ligadas ao trabalho, o forte é a percussão.

Bernard von der Weid observa a importância do disco para a própria comunidade, uma vez que, a partir do





registro musical, os mais jovens passam a se interessar pela cultura local. Ele já tem novos projetos, que pretende desenvolver em outras regiões do país, mas lamenta que as grandes empresas não se interessem em investir na pesquisa e divulgação daquilo que o brasileiro produz no terreno da cultura.

Com o dinheiro arrecadado na venda do disco, a Nova Pesquisa pretende criar um fundo cultural, e entregar sua administração aos próprios trabalhadores rurais. "O dinheiro poderia ser usado na compra de instrumentos e na promoção de festas", diz Bernard.

Os intérpretes *Da quixabeira pro berço do rio* são pequenos agricultores, voltados para a produção de feijão, milho, mandioca, amendoim, fumo e sisal. Através do disco, pode-se ter uma idéia de todo o processo produtivo nas regiões pesquisadas.

**Boi de roça** - *Boi de Orerê*, de Fulô, é um boi de roça, cantado pela comunidade do Sertão no trabalho de preparação da terra para o plantio, nos meses de maio e junho.

Às três horas da manhã, um grupo de homens se reúne para "roubar o

*Os agricultores de Tapuio (esq.) e de Lagoa da Camisa (dir.) saíram de suas localidades às 4h, gravaram durante seis horas em Salvador e voltaram, para não perder um dia inteiro de trabalho*

boi" de um vizinho. "Roubar o boi" é a denominação do adjutório (mutirão), preparado para ajudar um companheiro. O grupo entra na roça em silêncio e aduba a terra, enquanto o dono do roçado dorme, sem saber de nada. Depois, eles vão para o terreiro ao lado da casa e disparam um rojão para o ar, dando início à cantoria.

O jornalista Josias Pires explica: "De dentro da casa, vem o grito: 'Tô roubado. Batalhão tá na roça'. Pego de surpresa, o dono da pequena propriedade sai de casa para cumprir a parte que lhe cabe neste ritual: matar uma rês - daí a expressão 'roubar o boi' -, alguns porcos e providenciar cachaça para o batalhão."

Bernard von der Weid esclarece que o boi da roça já sofreu adaptações, uma vez que essa gente tem hoje em casa apenas pequenos animais. Mas não só nos estilos, como em muitas letras, é forte a presença do boi e do vaqueiro, personagens importantes no processo de colonização do Sertão.

Durante horas seguidas, os bois de roça são cantados no roçado, enquanto se cava e se joga a semente. Uma parrelha puxa a cantoria, o batalhão responde em coro. O ritmo é marcado pela batida das enxadas no chão.



## DA QUIXABEIRA PRO BERÇO DO RIO



### Boi de Orerê

*Oi Zeca ainda vou  
na tua aldeia passear,  
boi danço é diô  
só pra ver vaca parida  
touro bravo esturrar  
aquele boi que tu vendeu  
no riachão  
ainda tem geração  
manda o vaqueiro buscar  
chorando ou sorrindo  
semente de boi turino  
não pode se acabar  
tu vai me dar um bezerro  
pra eu criar em nosso meio  
eu atravesso o rio  
só pra ver Zeca cantar*

*meu boi de orerê diôô  
meu boi de orerê diôô*

**A bata** – Em setembro e outubro, após a colheita, as comunidades voltam a se reunir para fazer as batas de milho e feijão. Josias Pires descreve uma bata de feijão.

“A produção dos roçados vizinhos é reunida no terreiro de uma das casas. O terreiro deve ser bem varrido, e sobre ele fica uma enorme ruma de pés

de feijão bem seco, com as vagens ainda presas. Com porretes na mão, cantando, os homens vão circulando em torno do monte. As batidas dos porretes fazem soltar as sementes das vagens, e funcionam como percussão para os batuques, uma música ligeira, cantada com entusiasmo e alegria. Com os pés, os homens suspendem as vagens debulhadas. As mulheres recolhem os grãos soltos e fazem a limpeza final, usando peneiras trançadas de palhas.”

No disco, vários batuques de bata de milho e feijão, todos de autores desconhecidos, foram reunidos numa mesma faixa, interpretada pela comunidade de Subaé, do município de Serinha.

*Galo canta à meia-noite;  
Moça bonita; Bata de milho  
Duas maracanãs;  
Que lajedo tão bonito;  
Amarra do bode*

*Galo canta a mesma noite  
nesta mesma serenata  
eu vim aqui saber  
se é bonita a minha chegada*

*Moça bonita  
não dorme na cama  
dorme na limeira  
debaixo da rama  
Bata de milho / se Deus quiser  
fica para o ano  
se Deus nos der*

*Por detrás daquela serra  
tem duas maracanãs  
uma diz que é de noite  
outra diz que é de manhã*

*que lajedo tão bonito  
pros cabritos vadiá*

*Pega o bode, amarra o bode  
na galha do calumbi  
este bode meia-noite  
não deixou ninguém dormir*

**Brincadeira de roda** – O trabalho coletivo de trançar palha para fazer esteiras e balaies chega a reunir 100 mulheres na comunidade de Boa Vista 2 (Serrinha). Enquanto vão trançando elas cantam brincadeiras de roda, como *Adeus pavão dourado*, cantiga de domínio público incluída no disco. Cada uma diz uma estrofe diferente, e todo o grupo canta o refrão.

*Adeus pavão dourado  
bateu asas e avoou  
sentou na laranjeira  
laranjeira embalançou  
adeus pavão dourado*

*Fui na fonte beber água  
não foi por água beber  
foi pra ver as piabinhas  
na beira d'água correr  
adeus pavão dourado*

*Sucupira é ramaêta  
descanso dos passarinhos  
quem me dera eu descansar  
nos braços do meu benzinho  
adeus pavão dourado*

*Tu de lá e eu de cá  
passa um riacho no meio  
tu de lá dá um suspiro  
eu de cá suspiro e meio  
adeus pavão dourado.*



# A mão dupla do 'arrastão'

*No Rio de Janeiro, as cenas de outubro do ano passado nas praias, e que todo o país aprendeu a chamar de "arrastão", serviram para aumentar o preconceito da Zona Sul contra os jovens suburbanos. Mas um fato registrado há 34 anos na Escola de Samba da Mangueira demonstra que não é de hoje que as elites frequentam ou "invadem" a Zona Norte e áreas periféricas. Em alguns casos, a inversão do fenômeno provoca danos muito maiores na periferia da cidade do que os causados à praia de domingo.*

## Lilian Newlands

**N**a noite de 10 de outubro de 1958, moças e rapazes da Zona Sul resolveram "inovar". Tomaram de assalto a quadra de ensaios da Mangueira, "armados" de lança-perfumes trazidos de Ipanema e Copacabana, bairros dos "invasores". O jornalista e escritor Sérgio Cabral descreve a cena no livro *Escolas de samba – o que, quem, como, quando e por quê*:

"Uma foto publicada pelo *Jornal do Brasil* no dia 11 de fevereiro de 1958 pode ser considerada o primeiro documento demonstrando que o sucesso que as escolas começavam a fazer entre o pessoal da Zona Sul não era tão importante para elas (as escolas). Até pelo contrário."

"O próprio texto que o jornal publicou" – prossegue Cabral – "debaixo da foto, dizia mais ou menos isso: 'Rapazes e moças cheirando lança-perfume e aos abraços invadem o terreiro e instituem uma estranha maneira de deformação do samba, que, vindo do marginalismo para uma posição simpática (*sic*), volta ao passado marginal pela mão da juventude coca-cola'."

O título da foto – lido com o olhar de 1993 – esconde algo quase profético. Estava lá: "Mangueira pede socorro".

O que veio depois já se conhece. A construção de viadutos e túneis aproximou a Zona Sul da Zona Norte, a classe média descobriu as escolas, o modismo vingou, os sambas-enredo ficaram curtos para os visitantes aprenderem rápido, as quadras lotadas garantiam lucros, os carros alegóricos foram crescendo, as arquibancadas *idem*.

Assim, chega-se – ainda que por vias transver-

sas –, àquela manhã calma e ensolarada de outubro de 1992.

Ali, o mar, a areia branca, o asfalto quente e os prédios que acompanham o traçado da orla formam um monumento que reverencia o metro quadrado mais caro do Brasil e – dizem – do mundo. Copacabana e Ipanema, com sua beleza já decantada em prosa e verso, não suportaram o trauma da invasão por cerca de 300 jovens que tomaram a praia de assalto no episódio do "arrastão". A procedência "daquela horda" – subúrbios, favelas, Baixada Fluminense – foi logo associada à arrogância, à violência, ao vandalismo e ao que de pior existe e aflora em explosões de massa, geralmente sem identidade. As imagens veiculadas pela TV revelaram uma cidade alvoroçada, alternando pânico e ódio, medo e espanto. Nervos expostos, a Zona Sul aliou-se à revolta dos banhistas e jurou que, para aquela invasão, haveria um troco. Aquela invasão ultrapassou os limites: até então, ainda se ia à praia acreditando ser possível voltar vivo para casa.

A cidade dividiu-se explicitamente em Zona Sul e Zona Norte, e fim de papo. "Eles nos discriminam porque somos negros", berravam alguns invasores pela mídia. "Se ninguém mexer com a gente, a gente não revida", diziam outros. Mas eis que, neste janeiro de 1993, a "invasão" de outubro voltou às dimensões reais e para onde costumam voltar momentos críticos depois de esgotados – ao esquecimento.

A tal "geração coca-cola" de 1958, que invadiu a quadra da Mangueira, provavelmente não sabia que, ao cruzar a cidade e desembocar naqueles confins suburbanos, estava, a seu modo, começando a escrever uma história na crônica carioca.

Os túneis Rebouças e Santa Bárbara, que fazem a ligação da Zona Norte com a Zona Sul, são percursos de duas mãos. A invasão de outubro de 1992, talvez um fenômeno "repentista" – ainda que em cima dela tenham sido montadas versões diversas – pode ter tido a vontade de "pegar uma praia" como impulso primeiro. A invasão de fevereiro de 1958 pode ter sido uma manifestação de curtir "um negócio diferente", com a busca de novidade servindo de motor. Invasão? Se existe mesmo, a tradição foi iniciada no sentido Sul-Norte. A direção dos invasores é questão geográfica. Pois o túnel que leva à direção do Norte quem quer exercer seu direito ao samba é o mesmo túnel que traz no sentido Sul quem quer exercer seu direito à praia. ■



Fotos: Tell Vilhena



# Evitando o primeiro gole

*O trabalho dos Alcoólicos Anônimos*

**Zoraya Calheira**

**“D**eus, concedei-me a Serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar; Coragem, para modificar aquelas que posso; Sabedoria, para perceber a diferença.”

Com essa oração iniciam-se e terminam todas as reuniões dos Alcoólicos Anônimos (AA), uma das mais reconhecidas entidades no mundo no tratamento e recuperação de alcoólatras. Não é uma instituição religiosa, política, empresarial; não tem vínculo com empresas ou pessoa jurídica e não recebe apoio institucional ou financeiro de ninguém que não seja do grupo. A este só pertencem, exclusivamente, alcoólicos. Não existem “ex-alcoólicos”. O atestado de cura só vem com o atestado de óbito.

Qualquer um que entre na sala dos AA é recebido com carinho e simpatia. Não importa a cor, credo, idade ou situação financeira; se fala bem ou é iletrado. A partir do momento em que entra numa das salas, é igual a todo mundo: tem um problema. Isso basta para ser considerado um irmão – anônimo, pois o trabalho dos AA se fundamenta no anonimato de seus participantes, embora a obra seja pública. Seu propósito é se manterem sóbrios e ajudar os outros, mostrando como conseguiram se recuperar. A intenção não é saber por que se bebe, mas como parar.

O trabalho pode parecer simples, mas não é fácil. O doente que se propõe a entrar passa por uma espécie de triagem, para então frequentar os encontros. Nas reuniões, sempre fechadas, todos contam suas desventuras,

sucessos, problemas com o álcool, falando o que quiserem, desde que relacionado à bebida. Mesmo que a dependência ao álcool esteja combinada a outros vícios, como drogas, ainda assim só é permitido falar sobre alcoolismo.

Evitar o primeiro gole é o grande desafio dos que desejam largar o vício e não recair. O que caracteriza um alcoólico é a compulsão incontrolável de beber, ou se embriagar todos os dias. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o alcoolismo é uma doença caracterizada pelo uso descontrolado e progressivo da bebida. O doente bebe cada vez mais e pode ser levado à loucura ou à morte. É uma compulsão, da qual é difícil escapar sozinho, e esse é um dos motivos pelo qual só um alcoólico entende outro. Considerar-se doente é assumido



sem o menor constrangimento por todos, e é um dos primeiros passos em direção ao controle do vício.

Não há compromisso algum, a não ser consigo mesmo, e isso se manifesta na constância às reuniões e na consciência de que é preciso evitar o primeiro gole. Depois de três meses de sobriedade, o participante recebe uma fichinha, caracterizando seu feito. Assim, a cada período de abstinência, o participante recebe nova fichinha e congratulações, que o animam a prosseguir.

O programa consiste basicamente em não beber nenhuma gota de álcool a cada dia e renovar a decisão no dia seguinte. O objetivo é continuar abstinência e sóbrio. Os participantes têm acesso a vasta literatura sobre a doença e um folheto com os 12 passos essenciais para tornar mais fácil o abandono.

Onde todos são iguais, é estimulante ver que médicos, empresários, professores, militares têm o mesmo problema que garçons, pedreiros, prostitutas, motoristas. Por isso, ao entrar na sala, todos deixam suas posições sociais do lado de fora. O importante é deixar a arrogância de lado e ser humilde.

**Milagre possível** – A reunião aberta é feita semanalmente, dirigida aos novos integrantes, aos parentes, aos que desejam conhecer o trabalho por qualquer motivo. É quase uma amostra das reuniões fechadas: os secretários da mesa chamam os companheiros, que se apresentam, declaram seu tempo de sobriedade, que pode variar de alguns dias a mais de 20 anos, e contam sua vivência. O que conta é a troca de experiências, o valor do sucesso, a compreensão do fracasso eventual.

Os relatos são emocionados, muitos chocantes. Alguns choram, outros lembram vexames que passaram antes de chegar ali, como é o caso de F., que pensava estar enlouquecendo, ouvindo vozes, e chegou um dia a tirar a roupa no meio da rua. Casos de recuperação do emprego, de retorno ao lar,

de sonhos interrompidos e retomados, como de W.S., que voltou a tocar violão depois de anos sem perceber sequer se o dia estava bonito ou feio.

Infelizmente, segundo o senhor A.R., 70 anos, industrial, 18 anos de sobriedade, os que permanecem são muito poucos. Afinal, não existem milagres. Para alguns, existem. W.P., de 27 anos, fala da magia que sente todas as vezes em que entra na sala, quando vê os colegas, uma magia que diz sentir desde a primeira vez. Isso talvez possa ser explicado pela aura de solidariedade e compreensão que paira nos gestos, na cumplicidade.

"Eu me senti tão bem recebido, que no mesmo dia parei. Quando sinto a

tem problemas com álcool: é garçon. Diz que vir aos AA foi se sentir livre para viver. Em outubro, seu filho de 5 anos fez aniversário, e foi o próprio W.P. quem preparou e serviu as bebidas, sem provar nem mesmo um gole, e sem sentir vontade de provar coisa alguma. Seu caso não é o único. O senhor M.V., 51 anos, também garçon, já está há 10 anos sem beber, depois de três de alcoolismo, que lhe valeram o afastamento da família, do emprego e uma internação de três dias no Hospital Pinel.

Nos AA, da recepção ao cafezinho, da secretaria à organização, tudo é feito exclusivamente por alcoólicos, todos voluntários, que, sem ganhar



*A doença chamada alcoolismo costuma atacar em todas as categorias sociais*

tentação, lembro dos companheiros, que sou um alcoólico, não posso beber. E bebo refrigerante ou café." Essa sensação é compartilhada por muitos outros, cada qual com sua explicação, algumas de cunho místico, ao relatar e sentir a presença de uma força superior.

W.P. também frequenta os Narcóticos Anônimos (NA), pois desde adolescente lida com drogas e álcool. Há dois anos sem beber, tem uma profissão no mínimo insólita, para quem

nada, revezam-se na coordenação das reuniões e demais tarefas. Quem pode, contribui com dinheiro para ajudar na manutenção das sedes. A do Centro do Rio, na rua Senador Dantas, agora é própria, graças aos esforços do senhor A.R. e alguns companheiros, que levantaram fundos junto aos participantes, e compraram a sala em nome dos AA. Os serviços da instituição estão se expandindo. No Hospital Pinel, instalado numa das salas, o senhor I. e mais dois voluntários alter-





As reuniões dos Alcoólicos Anônimos funcionam como uma terapia grupal

nam-se três dias na semana, recebendo os alcoólicos que demonstram desejo de conhecer a entidade. O Pinel tem há 15 anos um serviço de internação para pacientes graves, geralmente encontrados nas ruas, levados por parentes ou pelos bombeiros. Lá, eles recebem 15 dias de alimentação equilibrada, banho e recreação, até que saem do estado de *delirium tremens*, que provoca tremores grosseiros, alucinações, desorientação mental, quadros paranóicos. Eles não se misturam com doentes mentais, e para esses pacientes e seus familiares há uma reunião semanal dos AA no próprio Hospital.

**Origem do mal** – Para o psiquiatra Jacob Abramovith, no Pinel há seis anos –, a maior parte lidando com alcoólicos – o uso abusivo do álcool pode ser provocado por depressão, ansiedade, desemprego, miséria, abandono. Não há, segundo ele, provas de que o alcoolismo seja uma doença genética. Os próprios relatos dos entrevistados não esclarecem muito sobre a origem do mal.

Então, afinal, o que causa o alcoolismo? Na verdade, ninguém sabe se é provocado por fatores genéticos ou sociais. Para o doutor Jacob, por

exemplo, nosso sistema social não atende às necessidades humanas não-materiais, como satisfação no trabalho, vida afetivo-familiar, uma razão real para estar vivo, coisas que transcendem o fato de se ter ou não dinheiro: “As pessoas se espantam quando conhecem um alcoólico que tem ‘tudo na vida’. Mas quem disse que boa casa, casamento, emprego, poder de consumo satisfazem um ser humano por inteiro?”

As estatísticas sobre alcoolismo não são confiáveis. Mesmo o índice de acidentes de trânsito causado por bebidas é falho, pois, segundo o psiquiatra, as estradas são péssimas, e as pessoas, mesmo sóbrias, são mal-educadas no trânsito. Além disso, as campanhas de prevenção são descontínuas.

Nem só os alcoólicos têm problemas. Seus familiares também. A partir dessa constatação, foram criados o Al-Anon, para familiares e amigos, e Alateen, para adolescentes.

Viver com um alcoólico é difícil, mesmo que ele não seja do tipo violento. A degradação física, mental e social que termina por tornar o ser amado irreconhecível, leva o parente ao desespero. Assim, o não-alcoólico inicia, às vezes sem perceber, um processo lento de cobrança ou complacência excessiva, que termina por piorar a situação

de ambos. Dona J., que perdeu seu filho de 20 anos por excesso de bebida, fala o quanto o Al-Anon foi importante para que ela não enlouquecesse de dor e culpa. “O familiar fica tão doente quanto o alcoólico quando insiste em querer impor sua vontade. Aqui nós aprendemos que não podemos carregar o mundo.”

“Evite a primeira discussão”, é o lema do Al-Anon. N.F., 35 anos, está com seu marido “na ativa”, ou seja, é um alcoólatra que não participa dos AA. Ela revela que seu marido já frequentou os AA, teve um período de abstinência, mas “recaiu”. Até N.F. entrar no Al-Anon, há dois anos, ela já havia tentado de tudo, as brigas eram mais frequentes, a frustração era maior e o casamento estava se deteriorando. “As pessoas sempre perguntam porque não separamos, mas não é tão simples. Existe um envolvimento afetivo que não podemos descartar.” Ela diz que, ao entrar no Al-Anon, sua vida mudou: “Descobri que estava vivendo a vida dele, esquecendo de mim e cobrando isso.”

O objetivo dos frequentadores do Al-Anon não é aprender como fazer com que o/a companheiro/a pare de beber, mas viver bem. O Al-Anon não se vincula à religião ou filosofia, mas também desenvolve uma espécie de “mistério”, dizem os frequentadores, as coisas começam a mudar, “começamos a ver os nossos defeitos e limitações, não os do parceiro, parente ou amigo”.

Estigmatizados por uns, incompreendidos por outros, esquecidos pelo resto, mas quase sempre tratados como párias, os alcoólatras necessitam, antes de tudo, de solidariedade. E o alcoolismo precisa deixar de ser tratado como algo sem solução e ser estudado com seriedade.

*Feliz 24 horas de sobriedade  
Os AA e o Al-Anon desenvolvem trabalhos junto a indústrias e escolas.  
Alcoólicos Anônimos: Rua Senador  
Dantas, 117/723  
Al-Anon: R. Santa Luzia,  
799/601, Centro, Rio de Janeiro.*



# Operação jumento

*Com o aumento do alcoolismo, as mulheres indianas apelam para uma tática brutal conhecida como "tratamento do jumento"*

**Rahul Bedi**

**A**s mulheres do estado de Manipur, no norte da Índia, descobriram um meio infalível para livrar os seus parentes do vício do alcoolismo. Qualquer homem bêbado flagrado pelas mulheres da "patrulha da temperança" é amarrado, despido, posto em cima de um jumento e levado pelas ruas até prometer nunca mais voltar a beber.

Do entardecer até a meia-noite, essas incansáveis mulheres lançam as suas patrulhas pelas cidades do Vale de Manipur, onde vive a maior parte da população e onde cerca de 45% dos homens são alcoólatras.

Chamadas de *Meira Paibis* ("Carregadoras de Tochas"), por causa das tochas de parafina que levam nas mãos, as mulheres se posicionam nas esquinas, assoviando para pedir reforços sempre que detectam um grupo de homens bêbados. Primeiro, forçam os seus "prisioneiros" a revelar o local da destilaria, a qual destroem. Então, dão início ao tratamento do jumento.

A estratégia é parte de uma campanha comandada há décadas pela Women's War Association para banir o consumo de álcool. Embora o governo tenha finalmente capitulado e proibido as bebidas alcoólicas, o problema não ficou resolvido pois em seguida proliferaram as destilarias clandestinas de aguardente de arroz montadas pela tribo *kabul naga*, que há muito vive da venda de destilados ilegais.

**Sociedades matrilineares** - O Movimento Meira Paibi começou em meados da década de 70, quando o alcoolismo masculino se tornou uma

epidemia naquele estado, levando ao espancamento de mulheres, à destruição de lares e ao crescente desemprego. As mulheres de Manipur pediram que os governos estadual e central impusessem proibições e começaram a patrulhar as ruas das cidades em pequeno número em busca de bares clandestinos e de seus proprietários. Em meados da década de 80, o movimento já contava com a adesão de 30 mil mulheres.

Manipur é uma das poucas sociedades matrilineares do mundo. É dividida em tribos convertidas ao cristianismo, que vivem nas montanhas, e pela maioria hinduísta, que habita o vale. As mulheres de Manipur sempre tiveram um papel ativo mantendo a família unida e geralmente trabalham mais do que os homens, gerenciando o comércio diário de peixe, carne e vegetais na região.

O sucesso do esforço das mulheres manipuris em sua cruzada antialcólica encorajou as mulheres dos estados de Assam, Sikkim e das colinas Grahwal de Uttar Pradesh a lançar campanhas similares.

No ano passado, o estupro de uma adolescente por um bando de 11 bêbados resultou em um inesperado apoio masculino ao movimento das Carregadoras de Tochas: militantes do Exército Maoísta de Libertação Popular e da Frente Unida de Libertação Nacional, lutando por reformas sociais em Manipur, ameaçaram de morte os comerciantes caso não parassem de vender bebidas alcoólicas. E muito antes da proibição oficial, estes grupos já conseguiam evitar que políticos do alto escalão servissem bebidas em suas festas.

Recentemente, as Carregadoras de Tochas voltaram a sua atenção para outro sério problema que ameaça a juventude manipuri: a heroína. Nos últimos cinco anos, Manipur se tornou uma escala importante na rota dos traficantes de drogas que operam no Laos, Tailândia e Birmânia. "Elas terão que trabalhar duro uma vez que o vício da heroína atingiu proporções epidêmicas no estado. Mas esse é menos visível que o alcoolismo", informa uma autoridade governamental. ■



Para muitas indianas, o alcoolismo masculino é uma fonte de sofrimentos



# Patrões proíbem o fumo nas empresas

*A decisão da  
Justiça australiana  
de reconhecer  
o direito  
a indenizações das  
vítimas do chamado  
"fumo passivo" leva  
as empresas  
a proibir o fumo nos  
locais de trabalho*

## Kalinga Senevtirane

**U**ma série de sentenças judiciais, que obrigou várias empresas a pagar altas indenizações a empregados vítimas do "fumo passivo", desencadeou na Austrália uma verdadeira cruzada dos patrões para proibir o fumo nos locais de trabalho.

A inesperada tendência se iniciou em agosto passado, quando um tribunal de Nova Gales do Sul reconheceu o direito de Liesel Scholem, que trabalhou dez anos como conselheiro do Departamento de Saúde deste Estado, a reclamar uma indenização de cerca de 65 mil dólares por danos à sua saúde.

Scholem argumentou que, ao realizar frequentes entrevistas com pessoas com problemas mentais, que fumavam intensamente nas sessões de psicoterapia, terminou adquirindo uma doença respiratória.

Uma série de casos similares, com grandes compensações para os fumantes passivos, desatou o pânico entre os empregadores, que começaram a proibir o fumo em seus locais de trabalho.

Um relatório do grupo "Ação sobre Cigarro e Saúde" indica que 72% das empresas de Nova Gales do Sul e 94% no estado de Vitória já proibiram o fumo em seus recintos. No começo deste ano, todos os edifícios do governo federal foram declarados livres do fumo, e as companhias aéreas proibiram fumar em vôos domésticos.

**Restrições à publicidade** - Nos últimos 18 meses, os grupos de pressão contra o tabaco conseguiram tantas vitórias que transformaram a Austrália num dos líderes mundiais quanto ao controle do hábito de fumar, junto à Noruega, Suécia e Finlândia.

A campanha contra o tabagismo recebeu um grande impulso em abril, quando o governo anunciou planos para proibir que as empresas fabricantes de cigarros patrocinem atividades esportivas a partir de 1996. Este foi um duro golpe para as companhias de tabaco que, há alguns anos, vêm bancando importantes torneios no país. No total, elas têm gasto, a



**Os australianos querem proibir a propaganda de cigarros**

cada ano, mais de 14 milhões de dólares no patrocínio dessas competições.

As organizações esportivas estão alarmadas ante a perspectiva de perder seus principais patrocinadores, mas os grupos antitabaco propuseram que uma porcentagem dos impostos ao tabaco seja utilizada para patrocinar os esportes "saudavelmente".

Agora, as ligas antitabaco planejam também estender a proibição de publicidade, que atualmente vigora para a televisão, o rádio e os meios impressos, aos cinemas, *out-doors* e até em camisetas. Em publicidade em táxis e estradas, a indústria tabagista australiana gasta 25 milhões de dólares. No caso de prosperar esta iniciativa, as companhias só poderão promover seus produtos em pontos de venda ou através do oferecimento direto.

**A "solução" é exportar** - Enquanto a guerra do tabaco se intensifica na Austrália, as companhias olham em direção à Ásia e ao Pacífico sul para expandir suas vendas. Mas as firmas australianas descobriram que até suas atividades de exportação são alvos da campanha antitabaco.

Os grupos contra o fumo se comprometeram a acompanhar de perto as atividades das firmas tabagistas no exterior e ofereceram seu apoio e seus conhecimentos a grupos semelhantes que surjam nos países do Pacífico.

A ministra australiana de Assuntos do Consumidor, Janette Mchugh, acusou recentemente as firmas tabagistas de "falta de consciência moral" por terem suprimido os rótulos de advertência dos pacotes de cigarros exportados para os países insulares do Pacífico.



# Mito e realidade

*Tema considerado tabu nas sociedades islâmicas, o assédio sexual continua sendo um problema espinhoso para as mulheres*

**Suthan Kerkera**

**A**o caminhar pelas ruas de Manama, no Bahrain, S. F., diretora de um meio de comunicação, é subitamente surpreendida por um motorista que ao avistá-la diminui a velocidade do carro e pergunta naturalmente: "Qual o seu endereço, senhora?". Sentindo-se ofendida, ela responde com agressividade e o homem vai embora, assustado com sua reação.

Cenas como estas estão se tornando cada vez mais frequentes nos países do Golfo Árabe e vêm gerando um ardente debate sobre o assédio sexual na região.

Nos países produtores de petróleo, onde as mulheres são minoria nos ambientes de trabalho, este tema ainda é um tabu, e homens e mulheres árabes se envergonham só de tocar no assunto. Nesta região, as figuras da mãe e da irmã são tradicionalmente respeitadas, enquanto a mulher casada é vista como um objeto, e a mulher que trabalha fora é censurada socialmente.

As mulheres mais vulneráveis ao assédio costumam ser as empregadas domésticas filipinas e as mulheres ocidentais, enquanto as provenientes de outros países islâmicos – sejam asiáticas, árabes ou africanas – conseguem viver mais tranquilamente.

**Assédio contra estrangeiras** – Uma das explicações para o tratamento diferenciado dispensado às islâmicas é que nos Estados árabes do Golfo (Omã, Bahrain, Kuwait e Emirados

Árabes), as autoridades governam com mão-de-ferro e a lei muçulmana (a *Shariah*) é levada ao pé da letra.

"Acho que a maneira como os homens tratam as mulheres aqui é muito desagradável", desabafa uma jornalista norte-americana, que pediu para não ser identificada, assim como todas as outras entrevistadas.

Ainda que as autoridades árabes não revelem as estatísticas dos crimes contra as mulheres, é evidente que os casos de assédio sexual se perpetram principalmente contra as estrangeiras, porque são consideradas mais vulneráveis e indefesas. "Os homens aproveitam-se destes elementos", afirma uma psicóloga. "Essa é a razão pela qual as empregadas domésticas são tratadas como escravas nos países do Golfo."

O comportamento nos escritórios é diferente e é muito difícil provar o assédio. "Como posso provar que a mão que me passam pelas costas é uma carícia deliberada e não algo acidental?", pergunta S.F.

**Um conceito flexível** – Além disso, o conceito de assédio sexual difere de pessoa para pessoa. Uma secretária executiva indiana garante que nunca foi assediada no seu trabalho. "Sou uma pessoa com senso de humor e encaro sem maiores problemas as brincadeiras sexuais feitas pelos colegas. Talvez outra mulher pudesse considerá-las como assédio sexual, eu não."

K. B., uma norte-americana casada com um árabe e diretora de uma escola, com vários anos de trabalho na



**As mulheres evitam falar do assédio**

região, disse ter sido vítima de assédio sexual, mas não no Golfo. "O Golfo não é tão ruim como alguns pensam. Nunca fui assediada por nenhum árabe, sinto apenas que são superprotetores devido à sua religião e cultura islâmicas. Mas é claro que há exceções, como em qualquer parte", diz K.B.

"Se alguma mulher se queixa de ser vítima de assédio e leva o caso ao tribunal, é interessante ver como a palavra da mulher tem mais peso que a do homem. Os casos são conduzidos com mais simpatia e consideração pelos juízes islâmicos do que em outros sistemas judiciais", opina outra entrevistada. "Não há idéias pré-concebidas como 'ela deve ter provocado', ou coisas do tipo", acrescenta.

Na maioria dos casos o homem é considerado culpado e condenado à prisão, e se for estrangeiro, é deportado.

Entretanto, algumas mulheres árabes e estrangeiras não vêm as coisas dessa forma e garantem que os árabes assediam as mulheres socialmente e nos seus trabalhos. "Pessoalmente, cheguei a um ponto tal que me assusta ficar só com um homem árabe. Nunca aconteceu isso comigo em outro lugar", desabafa uma jornalista norte-americana.

Exagero ou não, o certo é que o assédio sexual ainda é um tabu nas sociedades islâmicas e levará muito tempo até que possa ser discutido abertamente. ■



URUGUAI

## Não ao liberalismo

O povo uruguaio se opôs categoricamente, através do plebiscito de 13 de dezembro passado, às privatizações das empresas públicas que pretendia levar adiante o governo do presidente Luis Alberto Lacalle.

Os cidadãos compareceram às urnas não só para pronunciar-se sobre uma lei, como também para decidir em que tipo de país desejam viver. Cerca de 71,57% da população foram contra a privatização e transferência para o capital estrangeiro de entidades públicas e questionaram a política econômica neoliberal que está sendo aplicada no país.

A consulta popular demonstrou, além disso, que embora os dois partidos tradicionais – o Partido Colorado e o Partido Nacional – continuem fortes, suas bases não estão dispostas a

acatar as decisões dos dirigentes quando estas comprometem a soberania do país e seus próprios interesses.

Em dezembro de 1991, o Parlamento aprovou por uma pequena margem uma Lei de Empresas Públicas que autorizava a privatização das estatais, entre elas a UTE (eletricidade), Ancap (petróleo e derivados), Antel (telecomunicações), etc.

O caso da Antel é ilustrativo: trata-se de uma empresa eficiente (dá lucros na ordem de 90 a 100 milhões de dólares ao ano), é considerada uma das melhores da América Latina em seu ramo, com tarifas mais de 50% mais baratas que as da Argentina – só para citar um exemplo próximo –, e conseguiu instalar o maior número de telefones por habitante no continente sul-americano.



Mais de 70% dos uruguaio votaram contra a privatização

A Constituição uruguaia prevê, mediante consulta popular, a revogação de uma lei já promulgada<sup>1</sup>.

A Central Operária uruguaia PIT-CNT e alguns políticos da oposição decidiram lançar mão desse recurso. Para levar adiante a iniciativa, se criou a Comissão Nacional Pró-Referendo e de Defesa do Patrimônio Nacional. A ela se integraram setores progressistas dos Partidos Nacional e Colorado, a Frente Ampla, o Partido pelo Governo do Povo, o Partido Democrata Cristão e setores independentes.

Este conglomerado político-sindical levou adiante a campanha pelo *Sim*, ou seja, pela revogação de cinco artigos da lei de Empresas Públicas, justamente aqueles que permitiam a privatização.

Contra esses setores estiveram os grupos conservadores dos partidos tradicionais que impulsionam a política neoliberal e que no plebiscito votaram pelo *Não*.

Dessa maneira, duas concepções ou modelos de país foram discutidos em todo o território uruguaio em intensas polêmicas pela televisão e rádio, ou em manifestações de rua. Os defensores da privatização ou que votaram no *Não* argumentaram a necessidade de “privatizar para modernizar” e pediam a redução do peso do Estado na sociedade, nos moldes da política ditada pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). O Ministério da Economia tomou a palavra de ordem do presidente do México, Salinas de Gortari: “...vender

os bens para sanear os males.”

Os partidários do *Sim* assinalaram que não se opõem à modernização do Estado, desde que as empresas estratégicas sejam mantidas sob seu controle. Lembram que uma empresa norte-americana, interessada em comprar a Antel, fatura anualmente mais de 12 bilhões de dólares, cifra esta superior a todo o Produto Interno Bruto (PIB) do Uruguai.

Essas forças expressaram claramente que privatizar é sinônimo de estrangeirizar, e para demonstrar essa afirmação se remetem às considerações feitas pela revista espanhola *Cambio 16*: “A América do Sul se transformou no destino favorito dos investimentos espanhóis no exterior. As grandes empresas públicas como Ibérica, Telefônica e Renfe foram as primeiras a participar dessa nova conquista econômica do Novo Mundo.”

No entanto, a avalanche de propaganda oficial não conseguiu convencer os uruguaio. Os resultados nas urnas foram categóricos: cerca de 71,57% votaram pelo *Sim* e 27,19% pelo *Não*. Isso significa que o povo uruguaio continuará sendo dono de suas empresas e que o governo deverá realizar mudanças no gabinete ministerial como forma de enfrentar a nova realidade política surgida das urnas.

Hugo Cardozo

<sup>1</sup>Se 25% dos eleitores, mediante coleta de assinaturas, apóiam a realização de um plebiscito, o eleitorado é convocado a pronunciar-se sobre a iniciativa. Caso mais de 50% dos eleitores aprovem a ideia, um segundo plebiscito é convocado para que a população se posicione contra ou a favor da manutenção da lei em questão.



## AMÉRICA CENTRAL

## Integração em debate



Os presidentes do Panamá, Guillermo Endara, de Honduras, Rafael Callejas, e da Nicarágua, Violeta Chamorro: em discussão, a integração econômica

A XIII Reunião de Cúpula dos seis presidentes centro-americanos, realizada em dezembro último no Panamá, com o objetivo de discutir os temas da integração econômica e política, não produziu resultados concretos nos dois aspectos fundamentais: a coordenação de políticas agrícolas e a aprovação de um plano regional contra a pobreza.

Apesar das exortações para se diminuir o fosso entre os países pobres e as nações ricas, os crescentes problemas do desemprego regional não foram abordados na reunião. Em compensação, no documento final – denominado Declaração do Panamá, assinado pelos presidentes da Guatemala, Jorge Serrano; de Honduras, Rafael Callejas; de El Salvador, Alfredo Cristiani; da Nicarágua, Violeta Chamorro; da Costa Rica, Rafael Calderón; e do Panamá, Guillermo Endara, – se ratifica a vontade de integração econômica, jurídica e comercial da região, através do pleno funcionamento do Sistema de Integração Centro-Americano (Sica), a partir deste mês de janeiro.

Com o objetivo de minimizar os efeitos negativos da abertura econômica regional, o documento exorta a que se criem condições que permitam a integração vertical dos pequenos produtores e facilitem a reconversão

da produção. Para isso, os presidentes orientarão seus ministros para que estabeleçam um Fundo Regional para a Modernização e Reconversão do Setor Agropecuário.

A proposta do presidente hondurenho Rafael Callejas de criar uma Confederação Centro-Americana, formulada em outubro passado, foi discutida no Panamá, obtendo o respaldo de El Salvador e Guatemala. No entanto, a desaprovação da Costa Rica fez com que o debate não avançasse.

A América Central exporta pouco mais de sete bilhões de dólares anuais, uma cifra que pode se reduzir mais ainda devido à queda dos preços do café no mercado internacional e à imposição de cotas de importação de bananas na Comunidade Européia. Quase a metade das exportações regionais são de banana e café.

Na área ambiental, organizações ecológicas criticaram o acordo sobre a transferência de resíduos perigosos na região centro-americana, também firmado na reunião do Panamá. Segundo os ecologistas, o acordo excluiria os materiais radiativos. "Isso significa que barcos carregados com resíduos nucleares poderão circular livremente pelas costas centro-americanas e que a região, no futuro, poderá se converter em uma lixeira destes materiais", alertaram os ambientalistas.

## PANAMÁ

## EUA violam Carta da ONU

Os Estados Unidos violaram as leis internacionais e a Carta das Nações Unidas ao utilizarem a força militar no Panamá em 1989. Esta é, pelo menos, a conclusão de uma investigação de dois anos realizada pelo prestigiado Colégio de Advogados de Nova Iorque. A instituição, que reúne mais de 19 mil advogados, acusa o governo do então presidente George Bush de não haver tomado as medidas para proteger a segurança dos norte-americanos no Panamá.

As manifestações contra os Estados Unidos não justificavam a invocação do artigo 51 da Carta das Nações Unidas, que só permite a utilização da força em grande escala em caso de "autodefesa", assinala o documento divulgado pelos advogados nova-iorquinos. Eles asseguram que os Estados Unidos não apresentaram ao Conselho de Segurança das Nações Unidas nenhum testemunho de violência contra norte-americanos no Panamá, nos 24 meses precedentes à invasão.



Familiares dos mortos na invasão protestam na capital do Panamá



NAÇÕES UNIDAS

## Nova ordem internacional

**A** reinterpretção do conceito de soberania dos Estados e a busca de um novo papel para a Organização das Nações Unidas se transformaram em temas fundamentais no debate atual.

A questão foi levantada na conferência sobre conflitos regionais, organizada conjuntamente pela ONU e organizações não-governamentais (ONGs). Para algumas organizações latino-americanas, a nova abordagem dos conflitos regionais, proposta pelo secretário geral da ONU, Boutros Boutros-Ghali, dá demasiada ênfase ao papel militar do Conselho de Segurança, em vez de se centrar na solução dos problemas sociais e econômicos.

Na América Latina, a principal fonte de conflito é a pobreza, e as intervenções armadas nesses países só têm originado ressentimento e frustração, apontam essas entidades.

Para a peruana Rosario del Portal, representante de uma ONG, a nova ordem internacional deve se basear "no princípio do direito à soberania". "Isto

é, um país não pode sofrer intervenção, nem uma força estrangeira pode ser permitida sem o consentimento do governo. A soberania é um direito sagrado, que iguala os grandes aos pequenos", afirmou.

Na sua opinião, existe uma tendência crescente a permitir a participação da ONU em conflitos internos, sem o consentimento prévio de todos os atores envolvidos, o que rompe com a tradição histórica do papel da organização. "A ONU não foi criada para fazer a guerra, mas para preveni-la. Deve-se evitar que a organização se converta em uma 'superentidade', acima dos Estados, como uma polícia internacional", afirmou.

Mesmo diante de regimes autoritários, a intervenção de forças extraterritoriais não deve ser admitida, segundo Del Portal. O mesmo opina a mexicana Maria Amparo Canto, da Organização de Parlamentares para a Ação Global. "Nem no caso do Haiti", onde foi deposto o governo democrático de Jean-Bertrand Aristide, se justificaria "uma intervenção estrangeira" para restaurar o regime eleito pelo voto popular, disse. Canto assegurou que "as ONGs, nestes casos, podem ter um papel muito importante" e que "aceitar uma intervenção é ruim porque dá lugar a outro tipo de situações", como o controle econômico.



Boutros Boutros-Ghali

## ATENÇÃO, FOTÓGRAFOS!

Os fotógrafos do Terceiro Mundo já podem direcionar suas câmeras. A família é o tema do concurso mundial de fotografias da Unesco para o ano que vem. O concurso tem o apoio do Centro Cultural da Unesco para a Ásia, com sede no Japão. O prêmio para os três primeiros colocados é de 5 mil dólares em dinheiro e uma máquina fotográfica. Os vencedores serão convidados para a cerimônia de entrega de prêmios, que está programada para outubro de 1993 em Paris. As fotografias premiadas vão compor uma exposição itinerante da Unesco sobre o tema família. Os interessados devem enviar seus trabalhos (no máximo três, em preto e branco ou cor), até dia 1º de março, para:

*Concours Mondial de Photographie Unesco/Accu 1993*  
C/o Asian Cultural Centre for Unesco (Accu)  
Japan Publishers BLDG.6, Fukuromachi, Shinjuku-ku  
Tokio, 162 - Japan.

O folheto de inscrição pode ser obtido no Rio de Janeiro, no Centro de Informação da ONU:

*Avenida Marechal Floriano, 196 - Palácio Itamaraty*  
20080-002 Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (021) 253-2211 FAX: (021) 233-5753

Boa sorte!

## DIREITOS HUMANOS

*Existem hoje, pelo menos, 55 escritores e jornalistas desaparecidos no mundo. A avaliação é do Pen Club Internacional, que congrega intelectuais de várias tendências e procedências e que se reuniu no Rio de Janeiro em dezembro último. O Sri Lanka, país situado ao sul da Índia, tem o maior índice de desaparecimentos. Lá, segundo denúncias do Pen Club, a poetisa e estudante de arte dramática Thiagarajah Selva Nighy foi sequestrada pelo grupo guerrilheiro Tamil Eelam em agosto passado.*

*Cerca de 70% dos casos ocorrem na América Latina. No Peru, em junho passado, o jornalista Pedro Bustamante foi sequestrado em casa por quatro homens com uniformes de grupos de segurança. Na maioria dos casos, as vítimas nunca mais aparecem e os culpados não são julgados.*



ÍNDIA

## Violência religiosa

A violência religiosa entre as principais comunidades da Índia adquiriu dimensão política nas últimas semanas e representa a mais séria ameaça à tradição secular do país

desde a sua independência, em 1947.

Após a destruição, no início de dezembro, da mesquita de Babri Masjid, na cidade de Ayodhya, a 400 quilômetros de Nova Déli, no estado de Uttar Pradesh, as autoridades indianas proscreeveram e fecharam os escritórios em todo o país de cinco grupos, três hindus e dois muçulmanos. A proibição vale inclusive nos estados dominados pelo principal partido da oposição, o Partido Bharatiya Janata

(PBJ), hindu, de direita. Os grupos proscritos lideraram a campanha apoiada pelo PBJ para construir o templo ao Deus e rei mitológico Rama sobre a mesquita de Babri Masjid.

Mais de 500 militantes dessas organizações foram detidos no estado de Uttar Pradesh, onde as autoridades locais foram destituídas em 6 de dezembro passado diante da incapacidade que demonstraram para impedir a destruição da mesquita, considerada uma importante obra de arte do século XVI. Este episódio terminou detonando a atual onda de violência religiosa.

Os fundamentalistas hindus dizem que a mesquita foi levantada no lugar onde nasceu o rei Rama, uma afirmação que os historiadores independentes não confirmam. Em resposta ao assalto e destruição do templo, o governo do primeiro-ministro Narasimha Rao — que enfrenta a pior crise desde que assumiu o cargo — declarou que reconstruiria a mesquita. Mas, apesar desse esforço conciliador, o PJB insiste na ameaça de fomentar a violência para alcançar a “supremacia hindu” na Índia.



A destruição de uma mesquita por hindus provocou uma séria crise política no país

TIMOR LESTE

## Negociação em perigo

As conversações de paz previstas para realizar-se em Nova Iorque entre diplomatas da Indonésia e dirigentes independentistas mauberes, com mediação de Portugal — a ex-metrópole colonial de Timor Leste — se viam ameaçadas pela prisão, em 20 de novembro último, do líder guerrilheiro Xanana Gusmão.

O principal dirigente do movimento de resistência contra a ocupação da ilha pelo regime da Indonésia — ocupação que dura desde 1975, quando as autoridades coloniais se retiraram do país — foi detido pelo exército indonésio após ter passado todos estes anos na clandestinidade.

Poucos dias depois da prisão, o Alto Comando Militar da Indonésia mostrou um vídeo-teipe no qual Gusmão — jornalista e poeta de 42 anos —, visivelmente torturado e sem olhar para as câmeras, declara que se “arrepen-

de” de ter resistido a Jacarta durante 17 anos e pede “desculpas”.

Tanto em Portugal, onde residem muitos refugiados timorenses e o coordenador do Conselho Nacional de Resistência Maubere (CNRM), José Ramos Horta, como na França e Austrália, sedes de outras organizações do exílio timorense, o vídeo foi considerado “uma farsa montada pelos serviços secretos da Indonésia, depois de terem torturado Xanana que, sem dúvida, estava sob efeitos de drogas e sob coação quando foi filmado”.

O presidente de Portugal, Mario Soares, depois de afirmar que “a Indonésia é uma das piores ditaduras do mundo”, manifestou que estava “absolutamente seguro de que Xanana foi torturado e privado do direito de ter um advogado e de condições de se defender”. Soares exortou a comunidade internacional a fazer pressões para que a Indonésia respeite os direitos humanos de Gusmão, de seus familiares e de todos os independentistas presos.

Xanana Gusmão e José Ramos são os únicos dirigentes do CNRM cuja liderança goza de consenso total dentro do movimento independentista de Timor Leste, no qual há desde forças marxistas até setores conservadores.



EGITO

## Luta contra fundamentalistas

O governo egípcio intensificou a luta contra o que chama de "terrorismo integrista" com o propósito de impedir a crescente atividade violenta exercida pelos fundamentalistas islâmicos naquele país do norte da África. O esforço governamental procura igualmente frear um "plano de desestabilização", supostamente fomentado pelos regimes do Irã e do vizinho Sudão, onde se estabeleceram governos fundamentalistas.

Segundo o Cairo, o integrismo ou fundamentalismo religioso procura derrubar o governo para estabelecer no Egito um Estado teocrático sob as leis do Islã. Com a finalidade de impedir esta possibilidade, os três poderes do Estado adotaram medidas cada vez mais severas contra os integrantes desses grupos. Assim, a 3 de dezembro passado, o Supremo Tribunal Militar condenou à morte oito dos 26 acusados no julgamento contra os chamados "veteranos do

intervenção soviética no Afeganistão juntamente com os rebeldes *mujahedines*. Foram acusados de haver fundado "uma associação ilícita que pretende paralisar as instituições do Estado por meios terroristas".

Este é o primeiro julgamento contra fundamentalistas islâmicos realizado por um tribunal militar, cujo veredito se baseou na lei antiterrorista decretada em meados do ano passado.

Uma fonte militar na Tunísia disse que o Parlamento

egípcio está debatendo um relatório elaborado pela Comissão de Turismo e Cultura, que reclama o fim do terrorismo, o restabelecimento da segurança no país e a proteção dos turistas. Estes converteram-se num alvo predileto dos fundamentalistas no Egito, o que está prejudicando seriamente a indústria turística, elemento vital da economia, que gera receitas anuais superiores a três bilhões de dólares.



Egito: soldados patrulham as ruas de Cairo, a capital

ÁSIA

## Tratado provoca incertezas

Preocupados com o surgimento de blocos comerciais na Europa e América do Norte, alguns países da Ásia pediram que seu próprio bloco rebata as ameaças protecionistas.

A formação do Tratado norte-americano de Livre Comércio (TLC), em agosto do ano passado, foi o centro dos debates da reunião da organização de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Ceap), realizada em Kuala Lumpur, na Malásia.

Esta foi a primeira reunião da Ceap desde que o Canadá, Estados Unidos e

México firmaram o acordo de integração, e proporcionou aos países asiáticos uma oportunidade para fazer objeções ao acordo, que alguns temem poder afetar suas economias.

A Ceap reúne os seis membros da Associação de Países do Sudeste Asiático (Asean), mais o Japão, China, Hong Kong, Taiwan (Formosa), Nova Zelândia e Coreia do Sul, e até inclui dois membros do TLC, Canadá e Estados Unidos.

O ministro das Relações Exteriores da Tailândia, Arsa Sarasin, manifestou

os temores destes países ao afirmar que, mesmo que a intenção do TLC e da Comunidade Européia (CE) seja promover o livre comércio, poderiam "tornar-se protecionistas".

Já o ministro japonês do Comércio e da Indústria, Kozo Waranabe, disse que apoiaria a posição da Malásia, "opondo-se ao desenvolvimento do TLC". Na ocasião, ressaltou que seu país era contra "regionalismos e protecionismos em todos os casos" e exortou que se conclua rapidamente a Rodada Uruguai do Gatt

(Acordo Geral de Tarifas e Comércio).

As nações asiáticas temem que, quando entre em vigor o TLC, a concorrência mexicana corroa substancialmente sua participação no gigantesco mercado norte-americano. No caso específico do Japão, a preocupação é que seus carros fiquem excluídos daquele mercado por novas exigências.

O TLC irá eliminando as tarifas alfandegárias entre os três membros e criará um mercado de livre comércio de mais de 360 milhões de pessoas.



## CAPA:

### Internacional Socialista

**A**pós a queda dos regimes do Leste europeu, os socialistas de 150 partidos de todo o mundo se reúnem em Berlim para discutir sua identidade, o futuro das relações Norte-Sul e suas prioridades na ação. Mas o principal tema de discussão na reunião da Internacional Socialista foi o enorme desafio que representa a meta de transformar-se em uma alternativa ao capitalismo.



## SUMÁRIO

### 2 CARTAS

#### SAÚDE

4 Medicina à moda antiga

#### CULTURA

7 As linguagens do Brasil

#### ENTREVISTA

8 Antônio Houaiss

O ministro da Cultura defende acordo ortográfico para países de língua portuguesa e analisa a situação das artes no Brasil

#### LITERATURA

12 A função das letras

#### DIREITOS HUMANOS

13 Perfil do "terrorista" jovem

#### PONTO DE VISTA

16 Petróleo: e se o monopólio acabasse?

#### EDUCAÇÃO

18 Centros de Atendimento ao Menor: o abrigo da crise

#### MIGRAÇÃO

20 Os brasiguaios estão voltando

#### AMÉRICA LATINA

23 Uma guerra bacteriológica

### CULTURA

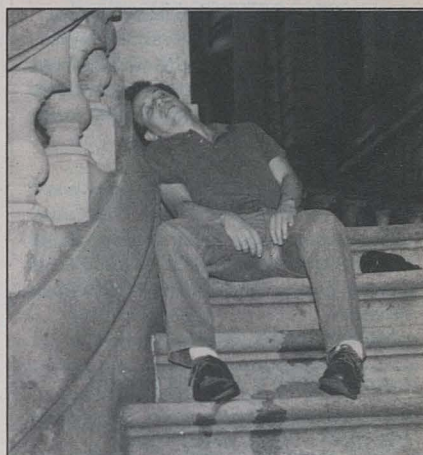
26 Estados Unidos: Um sonho afro-americano

### MATÉRIA DE CAPA

28 O renascer das cinzas

29 A rosa vermelha do socialismo

38 A luta pela liberdade



Os Alcoólicos Anônimos consideram o alcoolismo não como um vício irresponsável, mas como uma doença que tem tratamento especializado. 6

### SUPLEMENTO

#### MÚSICA

2 O canto do trabalhador rural

#### VIOLÊNCIA

5 A mão dupla do arrastão

#### COMPORTAMENTO

11 Mito e realidade: a mulher no Golfo Árabe

#### SAÚDE

6 Evitando o primeiro gole

9 Índia: "operação jumento" contra alcoólatras

10 Austrália: patrões proíbem o fumo nas empresas

### 12 PANORAMA INTERNACIONAL



A comunidade negra nos EUA trava uma luta sem quartel pela sua identidade e libertação. Nesta luta, está em jogo não só a sua sobrevivência como também a da sociedade americana 26



# CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Publicação com informação e análise  
das realidades e aspirações dos  
países emergentes

**Diretor:** Neiva Moreira  
**Diretor Adjunto:** Pablo Piacentini  
**Editora:** Beatriz Bissio

**Subeditores:** Claudia Guimarães, Elias Fajardo  
**Consultores Especiais:** Darcy Ribeiro (Brasil),  
Henry Pease García (Peru), Eduardo Galeano  
(Uruguai) e Juan Somavia (Chile)

**REDAÇÃO:** Aldo Gamboa, Carlos Lopes  
(Brasil), Roberto Bardini (México), Carlos Pinto  
Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai)

**SUCURSAIS:** Paulo Cannabrava Filho (São  
Paulo), Clóvis Sena e Memélia Moreira (Brasília),  
José Carlos Gondim (Amazônia), Antônio de Pádua  
Gurgel (Vitória), Angela Carrato (Belo Horizonte).

**REVISÃO:** Cléia M. Soares e Valdenir Peixoto.  
**DEPTO. DE ARTE:** Nazareno N. de Souza (editor  
e capa), Sílvia H. Pompeu, Zaney da Silva, João  
C. Monteiro. **FOTOS:** France Press, André Louzeiro,  
Marcus Sanches.

**Foto de Capa:** Lena Trindade

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO:** Jessie Jane V.  
de Sousa (diretora), Juliana Iooty, Alba Caldas,  
Sílvia Arruda, Mônica Pérez e Marcelo Knupp  
**EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:** Macário Costa  
(chefia), Andréa Corrêa, Kátia Prado e Paulo  
Henrique

**ADMINISTRAÇÃO:** Henrique Menezes

## CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:

Mauro Mendes – Rua da Glória, 122 1º andar  
CEP 20241 – Rio de Janeiro – Brasil  
☎ (021) 252-7440/232-3372/232-1759/222-1370

## CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

utiliza os serviços das seguintes agências:  
ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA  
(Irã), IPS (Inter Press Service), SALPRESS  
(El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA  
(Palestina), e o pool de agências dos Países  
Não-Alinhados. Mantém também intercâmbio  
editorial com as revistas: *Africa News* (Estados  
Unidos), *Tempo* (Moçambique), *Altercom*  
(Isl-México-Chile), *Third World Network* (Malásia),  
*Israel and Palestine Political Report* (Paris) e  
*Against the Current* (EUA)

**Fotos:** Agence France Press (AFP)

## SUCURSAL DE LISBOA:

**Diretor:** Artur Baptista  
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro  
10/1º andar. Lisboa, 1.200 – Tel.: 32-0650.  
Telex: 42720 CTM-TE-P

## Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:

Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106  
20241-180 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
☎ (021) 242-1957/222-1370 – Redação  
☎ 232-1759 / 232-3372 – Administração  
☎ (021) 507-2203 – Publicidade e Marketing  
Fax: ☎ 21 252-8455 – Telex: ☎ (021) 33054 CTMB-BR  
Correio Eletrônico – Geonet: Terceiro-Mundo  
Alternex: Caderno

# cartas

## Terceiro Mundo

*Esta revista nos traz muitas informações que ajudam na conscientização e compreensão de como está o nosso Terceiro Mundo, sofrido, abandonado e explorado pelos países ricos e por seus sócios. Que ela continue tendo este mesmo valor de conteúdo para o nosso trabalho.*

*Centro de Estudos, Documentos e  
Assessoria aos Trabalhadores (Cedat)  
São Lourenço da Mata – PE*

## Proteção aos índios

*Nossas congratulações à revista cadernos do terceiro mundo. Visto que atinge um público comprometido com a transformação da sociedade brasileira, queremos apresentar a Operação Anchieta (Opan), uma entidade civil, sem fins lucrativos ou religiosos, que desenvolve projetos de trabalho junto a comunidades indígenas com o objetivo de apoiar sua sobrevivência física e cultural. Nossas atividades são mantidas através de agências financiadoras, do Brasil e do exterior. Estamos realizando um curso prático para formar estagiários em áreas indígenas na Amazônia. Os interessados podem escrever para: Opan, Caixa Postal 615, CEP 78005-970, Cuiabá – MT.*

*Maiores informações:  
Telefone: (065) 322-2980.*

*Opan  
Cuiabá – MT*

## Justiça cega

*Jornais e revistas registram siglas, esquemas e nomes incorporados ao tema corrupção. Abrem-se processos, pareceres são dados, depoimentos, reacções, inquéritos, tramitação de processos. Bilhões são perdidos. O Imposto de Renda é sonegado. Enquanto os jornais noticiam que pode haver confiscos e prisões, o tempo passa e o povo tolera. A Justiça continua, embora lenta e cheia de meandros. Será que ela vencerá os oportunismos, as formas de convivência, o medo do poder e da força, as gratidões e os apadrinhamentos? Teremos um fim digno?*

*José de Jesus Moraes Régio  
Brasília – DF*

## Agrotóxicos

*Leio cadernos do terceiro mundo desde 1979, e a revista está cada vez mais atraente no aspecto jornalístico. Na de nº 154, li o artigo "Fogo Cruzado", sobre as florestas. Só que me intriga o fato de vocês, até hoje, não terem publicado nada a respeito de agrotóxicos e sua correlação com a indústria bélica, bem como os bastidores do domínio das sementes e da produção de alimentos no mundo.*

*Julio Cezar Menta  
Vila Rica – MT*

*Não temos informações sobre a ligação entre agrotóxicos e indústria bélica. Poderemos tocar no assunto na medida em que houver estudos mais objetivos a respeito. Quanto à questão das sementes, ver no nº 151 a reportagem "Batatas: modernidade x tradição". Lembremos também que nossa revista Ecologia e Desenvolvimento, que faz dois anos no próximo mês de fevereiro, é especializada em questões ambientais. Os números atrasados podem ser adquiridos na Editora.*

## Apoio à criança

*O Conselho Nacional de Aldeias SOS tem por objetivo propiciar o atendimento a crianças que necessitam de assistência, amparo e formação, através das Aldeias SOS. São entidades beneficentes que têm por finalidade oferecer um lar substituto, assistindo integralmente a criança que não pôde ser mantida no seio da família natural. São hoje 12 Aldeias SOS distribuídas em nove estados brasileiros, atendendo a 2 mil crianças órfãs, carentes ou abandonadas. Nas aldeias, as crianças têm um lar com família, irmãos, a mãe social que lhes dá apoio educacional, sob orientação de uma equipe técnica, bem como os primeiros valores para levar uma vida sadia e digna.*

*Luisa Dias Marinheiro  
Coordenadora Geral do Aldeias  
SOS  
São Paulo – SP*



## Terra e impunidade

*Esta é uma revista voltada para a verdade e a realidade dos fatos, servindo bem a trabalhos escolares aqui em Viçosa.*

*Quero denunciar a impunidade que impera no sul do Pará, pois quem paga são as vítimas da política injusta que defende os interesses de alguns proprietários de terra. Há uma guerra declarada, mutilações, escravidão. E onde fica a Declaração dos Direitos Humanos? Eis aqui o meu repúdio. Espero que o povo brasileiro se conscientize e se sensibilize com tais fatos que ocorrem no interior do país. Justiça já!*

*Aguinaldo Nunes da Conceição  
Viçosa - MG*



## Sociedade alternativa

*Um artigo publicado no nº 153 chamou-nos a atenção. Era referente à Sociedade Yamaguishi, que nos surpreendeu pela concretização de um ideal até então utópico em um mundo totalmente impróprio para tal filosofia de vida.*

*Como nos identificamos com tal filosofia, desejamos conhecer melhor o assunto e gostaríamos de ter o endereço ou telefone para contato com a sociedade aqui no Brasil.*

*Kauê e Marcos, Uberlândia - MG*

O endereço da Sociedade Yamaguishi no Brasil é Rod. SP-340, Km 138, Caixa Postal 29. CEP: 13820, Jaguariúna, SP ou nº do fax para contato: (0192) 97-1173.

## Luta desigual

*A empresa Apemat Imobiliária, de Mato Grosso, construiu o Parque Cuiabá com dinheiro da Caixa Econômica Federal e do povo, entregando aos futuros moradores um bairro sem infraestrutura alguma: não tivemos água por 80 dias, não tínhamos esgoto, mercados e ônibus. O governo e a prefeitura municipal colocaram tudo o que o Parque Cuiabá tem hoje.*

*Como as prestações eram altíssimas*

*e havia muitas casas abandonadas, aos poucos algumas pessoas foram ocupando as casas. No governo Carlos Bezerra, o bairro passou para a administração da Cohab. Alguns moradores chegaram a quitar suas casas através da companhia estadual, mas a empresa não os reconheceu como proprietários.*

*Entramos com um pedido de ação popular na Justiça, através da associação de moradores do Parque Cuiabá, e ganhamos na primeira instância. Porém, a Justiça mato-grossense julgou-se incompetente para decidir sobre o nosso problema, e estamos esperando o resultado da Justiça federal.*

*Elieth Barros Mendes, Cuiabá - MT*

## Compromisso

*É um desafio manter este espaço, onde encontramos elementos com os quais podemos fazer julgamentos justos.*

*Na verdade, quais são os meios de comunicação que estão voltados para o esclarecimento com imparcialidade? O compromisso solene ao qual cadernos do terceiro mundo vem se dedicando em defesa da informação, da independência e da liberdade de expressão é algo que, mesmo diante do cinismo das corporações e monopólios das comunicações, funciona como uma planta no meio do deserto. Marco Curado*

*São Pedro D'Aldeia - RJ*

## Intercâmbio

*Zerrouki Mohammed*

• B.P.: 106 Touggourt  
30200 W. Ouargla - Argelia

*Pekim Vaz*

• Caixa Postal 182  
66017-970 Belém - PA  
*Eliana Rodrigues de Souza*  
• R. Pedro Moacir, 31  
Bl C - apt 402

Três Vendas

96020 Pelotas - RS

*Paulo Humberto Porto Borges*

• Rua Monteiro, 2895  
69800-000 Humaitá - AM  
*Wellington Santana Lima*  
• Rua Jacobina, 106/casa 03  
Graças, 52011 Recife - PE

*Bruno Mattos e Silva*

• Rua Cincinato Braga 414/32  
Bela Vista

01333 So Paulo - SP

*Antônio Alves Gualberto*

• Caixa Postal 2177

29001 Vitória - ES

*Clério José Borges*

*de Sant'Anna*

• Rua dos Pombos, 2

*Eurico Salles - Carapina*

29164 Serra - ES

*Aluisio Pinheiro de Oliveira*

• R. Pe. Pedro de Alencar, 1720  
Bloco A - apt 101

Messejana

60825 Fortaleza - CE

*Fausto Evaldo Strassburger*

• Rua Parobé s/n, 99890

*Maximiliano Almeida - RS*

*Marco Antônio Martins Duarte*

• Caixa Postal 94147

25800 Três Rios - RJ

*Paulo José Pedro*

• Caixa Postal 29

Luanda - Angola

*Paulo Duarte*

• Rua Antonio Pasinato, 153

06400 Barueri - SP

*José Manuel Andrade Bielso*

• Câmara Municipal Portimo

8500 Portimo - Portugal

*Inocencio Raúl S. Machado*

• Carretera Central # 83

Santa Clara

Villa Clara - Cuba

*Márcia Cardoso*

• Rua Santo André, 462

Vila Amélia

14030-240 Ribeiro Preto - SP



# Medicina à moda antiga

*Projeto de saúde de Niterói resgata o médico familiar e prioriza a prevenção de doenças, o atendimento racional ao doente e a mudança dos hábitos de higiene das populações carentes*

**Patrícia Costa**

**Q**uem acredita que as idéias simples não podem gerar grandes resultados precisa conhecer o projeto "Médicos de Família" desenvolvido pela Secretaria de Saúde de Niterói, estado do Rio de Janeiro, através da Fundação Municipal de Saúde. Com um custo mínimo – a implantação e manutenção de todo o projeto (65 núcleos, na previsão da Secretaria) equivale à metade dos gastos de um só hospital de médio porte – e bons profissionais, a idéia da medicina familiar, implantada há quase quatro meses, está tendo uma boa aceitação por parte da clientela, e uma sensação de realização profissional, por parte da Secretaria.

Maria Célia Vasconcelos, da Superintendência de Ações Integradas (Suai), e Sílvia Torres, da Superintendência de Ações de Saúde (Suas), coordenam o projeto, juntamente com Filiberto Perez, consultor enviado de Cuba

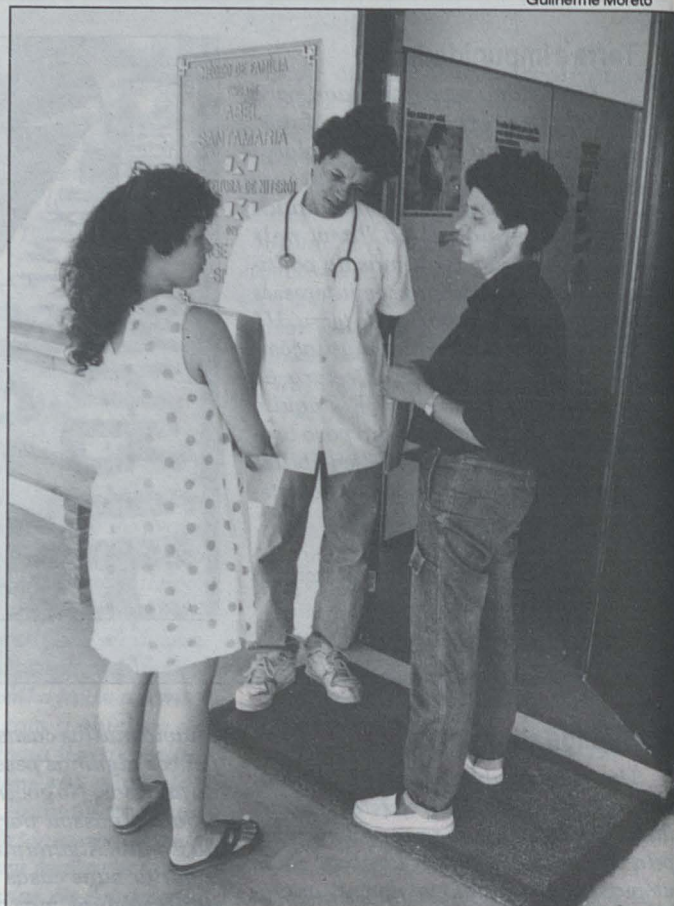
para dar a assessoria necessária para a sua implantação.

A idéia nasceu depois das estatísticas da Secretaria de Saúde preverem que uma epidemia de dengue hemorrágica, iniciada em 1990, iria matar 45 mil pessoas. Para evitar tal tragédia, o então prefeito Jorge Roberto da Silveira procurou o governo de Cuba, que tinha um eficaz modelo de combate à doença e se prontificou a ajudar, sem qualquer ônus para o município. Ele lembra: "Os cubanos foram muito solidários. Sem seu apoio, não teríamos conseguido debelar tão prontamente a epidemia."

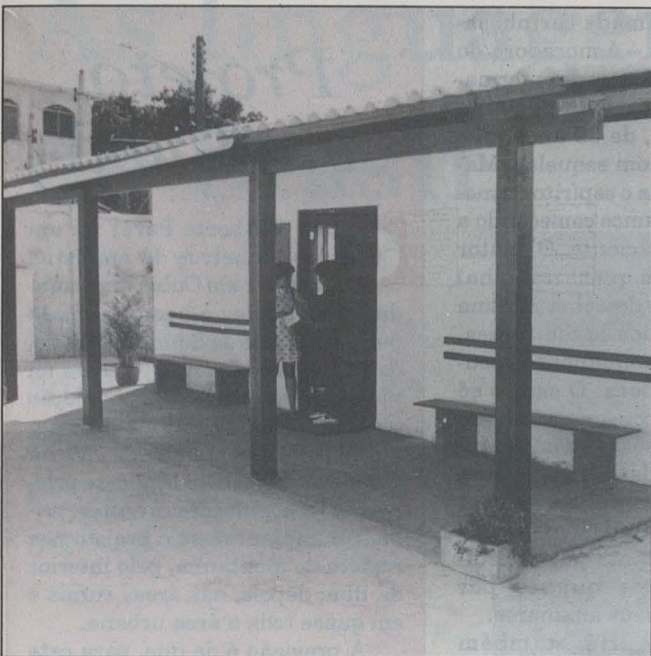
Passada a ameaça de dengue, Jorge Roberto da Silveira foi a Cuba conhecer o sistema de saúde daquele país, e assim descobriu os médicos de família: "Lá, o médico é um funcionário do Estado, mas tem uma consciência muito grande de sua função social." A idéia da medicina familiar é muito simples: o médico, junto com um auxiliar de enfer-

magem, é instalado em um módulo no local onde seus pacientes vivem. Ao longo do tempo, o paciente será atendido por um mesmo médico, que o conhecerá bem mais intimamente, podendo fazer um diagnóstico oportuno e um tratamento adequado ao modo de vida. "O objetivo é integrar o conhecimento e o atendimento do paciente em uma só pessoa, formar uma consciência sanitária na população e acompanhar de perto a reabilitação do paciente.

Apaixonado pelo projeto, o prefeito enviou a Cuba o secretário de Saúde e presidente da Fundação de Saúde de Niterói, Gilson Cantarino, para negociar o intercâmbio do projeto. Veio então o clínico Filiberto Perez, que acompanhou a implantação do projeto em Cuba, há oito anos. Mas a idéia não é originária de lá. Surgiu em países do Primeiro Mundo, como Inglaterra e Canadá, onde se buscou resgatar a individualidade e a integração no atendimento ao paciente.







Foram instalados postos em cinco morros. No Preventório, a equipe é composta por quatro médicos e seus auxiliares.

**Bom e barato** – Segundo Jorge Roberto da Silveira, este modelo de medicina se adequa perfeitamente à saúde no Brasil, principalmente porque o seu custo é baixo: “Implantado em todos os pontos previstos, ele sai mais barato do que se construíssemos um só hospital em uma só área. A medicina familiar é mais inteligente e prática.”

Maria Célia Vasconcelos concorda com o prefeito: “O modelo não é rígido, pode ser adaptado a qualquer região ou contexto social. Não é à-toa que ele deu certo em países tão diversos como Austrália, Canadá, Inglaterra, Cuba, Costa Rica e Uruguai. Mas é preciso que haja, principalmente, vontade política para realizá-lo.” Em Niterói, além da vontade política, foram determinantes para o sucesso do projeto a infra-estrutura do município – onde grande parte de seus recursos e das iniciativas públicas costumam ser da Prefeitura – e uma experiência técnica anterior com enfoque comunitário.

Depois de um ano de estudos e análises, a medicina familiar pôde ser aplicada. Para Niterói, ela teve que ser adaptada às particularidades culturais, econômicas e sociais da cidade. Os princípios básicos, porém, foram sempre preservados, em todos os países nos quais foi adotado: a prevenção das doenças, a promoção da saúde e a produção da mudança de consciência do

médico em relação à saúde, num contexto sociológico e comunitário. Filiberto Perez explica: “Perdeu-se o conceito de que é melhor prevenir a enfermidade do que remediá-la. Além disso, ela não deve ser compreendida somente no nível biológico, mas também no nível social e psicológico. O médico, atendendo o paciente no lugar onde ele mora, tem a oportunidade de conhecê-lo mais intimamente, saber sobre seus hábitos, seu modo de vida, sua relação familiar. Tudo isso tem que ser levado em conta no diagnóstico e no tratamento das doenças.”

Para tanto, é preciso que o médico seja um profissional gabaritado, com formação e treinamento que permitam a ele fazer frente às três especialidades fundamentais para o atendimento ao paciente na enfermidade: o conhecimento de pediatria, de ginecologia e de clínica geral.

“Já não é mais possível atender separadamente os membros de uma mesma família, por exemplo. A medicina familiar deve entender a estrutura própria de cada família, com situações particulares. O meio em que o paciente vive também é determinante. Não se pode querer que uma pessoa seja sã se ela vive numa comunidade cujos hábitos higiênicos são deficientes”, afirma Filiberto Perez. Assim, o médico tem a oportunidade de participar ativamente

na compreensão e modificação da situação de saúde do paciente, bem como na mudança de seus hábitos, de seu estilo de vida; pode também ensinar a evitar acidentes domésticos e visitar os pacientes impossibilitados de sair de casa. Faz parte do projeto, também, uma espécie de balanço de trabalho: ao fim de cada ano, a comunidade pode se reunir para avaliar o trabalho do médico e dar sugestões; é a chance da comunidade se identificar com o profissional que a atende.

Em Niterói, deu-se prioridade ao atendimento às populações carentes, cujas condições de vida são muito ruins. Já existem cinco áreas onde os postos foram instalados: Morro do Preventório, Morro do Cavalão, Morro do Viradouro, Morro do Cascarejo, Ilha da Conceição e Morro do Céu. Cada região com quatro módulos de atendimento. Um convênio da Fundação de Saúde com as associações de moradores garantiu a participação direta das comunidades no programa. São elas que contratam os médicos, e, geralmente, os auxiliares de enfermagem moram nas próprias comunidades. A Prefeitura, através da Secretaria, fornece a infra-estrutura e o material para os módulos.

**Medicina comunitária** – No Morro do Preventório, o módulo Abel Santa Maria é conveniado com a associação de



moradores e tem cinco consultórios, cada um com um médico e seu auxiliar de enfermagem. Possui também uma cozinha, almoxarifado, banheiro e uma recepção, tudo bem equipado, novo e simples. De segunda a sexta-feira, o atendimento à população é feito em sistema de turnos: uma parte do dia é no consultório e a outra, dedicada a visitas à casa dos doentes. Aos sábados e domingos, os auxiliares de enfermagem podem abrir o posto para atender a qualquer emergência.

A comunidade do Preventório é composta por cinco mil pessoas. Cada família tem uma ficha de cadastro com dados que vão desde os nomes dos familiares até o tipo de material com o qual as casas são construídas.

Funcionando há quatro meses, o programa, nesta primeira fase, está dando prioridade ao atendimento a crianças menores de um ano, idosos, grávidas e doentes crônicos, o que não impede que qualquer pessoa necessitada seja atendida.

A médica Márcia Frazão explica que os módulos são equipados para atender a emergências de todos os tipos, desde um corte de faca até um ataque cardíaco: "Só não temos internação, mas podemos ter contato com os hospitais para fazer as remoções necessárias."

Todo o atendimento é gratuito, e alguns remédios são dados, também. "Mas esse problema dos remédios é muito delicado e sério, pois geralmente a população carente não pode comprá-los", diz Maria Célia. "Nós fizemos uma lista básica de remédios prioritários, e tentamos, na medida do possível, distribuí-los. Mas é difícil manter a constância."

O problema não desanima a equipe, quase toda formada por jovens que trabalham com a convicção de que este tipo de medicina é a mais gratificante e humanitária. Maria do Socorro Barbosa —

*As associações  
de moradores  
contratam  
os médicos,  
e os auxiliares  
de enfermagem,  
em geral,  
pertencem às próprias  
comunidades*

ou Coca, como é chamada carinhosamente pelos colegas — é moradora do morro e uma das auxiliares de enfermagem. Ao mostrar o caso da paciente Edelvina Fagundes, de 39 anos, que teve dois derrames com sequelas, Maria do Socorro encarna o espírito da medicina familiar: "Estamos começando a reabilitação dessa paciente. O doutor Marcelo (médico com quem trabalha) vai visitá-la e ver se descobre alguma vizinha que possa ajudá-la com a casa, enquanto se recupera. O caso é só conversar. As pessoas podem se ajudar." Essa postura comunitária está sendo incorporada tanto pelos médicos quanto por seus auxiliares.

Há também um grupo básico de trabalho, composto por servidores do sistema de saúde que são profissionais especialistas e controlam a qualidade, selecionam, treinam e supervisionam o pessoal que trabalha junto às comunidades. Eles funcionam também como consultores para atender a problemas específicos.

Maria Célia Vasconcelos diz que existem planos para diversificar o projeto, que inclui a residência do profissional no local de atendimento e estágios com estudantes de medicina nos núcleos. Além disso, o prefeito atual, João Sampaio, já se comprometeu a ampliar para 70 áreas os postos de medicina familiar. Na opinião da superintendente, a idéia já deu certo: "É uma maneira concreta de organizar o sistema de saúde e de racionalizar o atendimento ao público. O retorno é muito mais rápido, e desafia os grandes hospitais, atualmente sem infra-estrutura."

Como forma de agradecimento à ajuda cubana, o ex-prefeito Jorge Roberto da Silveira deu aos módulos nomes de heróis da revolução de Cuba. Assim, haverá módulos com o nome de Frank País, Haydée Santa Maria, Celia Sanchez e, é claro, Che Guevara. ■

## Projeto via Cuba

**O** Dr. Filiberto Perez foi um dos pioneiros da medicina familiar em Cuba, implantada há oito anos e acompanhada pelo Ministério da Saúde. De início, de forma experimental, a idéia foi tão bem assimilada pela população que, hoje, são 17 mil médicos em todo o país, que atendem a 75% da população. Também lá deu-se prioridade às populações carentes: primeiro, implantou-se o projeto nas regiões de montanha, pelo interior da ilha; depois, nas áreas rurais e em quase toda a área urbana.

A previsão é de que, para este ano, toda a população de dez milhões e quinhentos mil cubanos seja beneficiada, sendo atendida por 20 mil médicos. Segundo o Dr. Filiberto, o ideal é que um médico atenda entre 600 e 650 pessoas. Em Niterói, eles começaram com cerca de 900 pessoas (mais ou menos 180 famílias) para cada médico, mas a idéia é atingir a média citada acima.

Em Cuba, o próximo passo é levar a medicina familiar para as escolas, creches e locais de trabalho, facilitando, assim, o acesso do médico ao paciente, e vice-versa: "É importante que o médico esteja sempre a par do modo de vida que seu paciente leva. Conhecendo o ambiente onde mora, onde trabalha, como vive, ele é capaz de diagnosticar e tratar muito mais acertadamente o seu paciente." Nesses oito anos de funcionamento, o número de atendimentos na emergência dos hospitais gerais diminuiu muito, por causa da ação dos médicos de família.

Na opinião do médico cubano, é perfeitamente possível implantar este tipo de medicina no Brasil. Apesar de ser um grande país, o projeto pode ser aplicado num nível municipal, onde cada região pode adaptar o modelo de acordo com suas particularidades e prioridades locais.



# As linguagens do Brasil

*Estudiosos tentam salvar da extinção as línguas e dialetos depositários da sabedoria indígena*



## Stella Maris C.

**T**oda língua nativa é fundamental para a comunidade que a fala.

O povoamento da América do Sul se deu há mais de 11 mil anos, sendo que a dispersão dos povos acelerou a evolução de seus dialetos. O continente era como se fosse uma enorme ilha, afastada do contato linguístico com outros continentes durante muito tempo. Isso explicaria inclusive a diversidade de linguagens na região, já que cada povo pode desenvolver à sua vontade a sua maneira própria de falar.

Os indígenas americanos no século XVI eram 100 milhões de pessoas, ou seja, um quarto da população da humanidade. Eles foram reduzidos na proporção de 20 para um durante os 130 primeiros anos de colonialismo europeu.

No Brasil havia cerca de quatro milhões de pessoas, falando entre 1.078 e 1.175 línguas nativas. Elas pertenciam a 40 troncos – blocos maiores de determinadas famílias – e 94 famílias linguísticas, sendo os troncos mais importantes o tupi-guarani, o aruaque e o jê.

A antropóloga Berta Ribeiro, no seu livro *Amazônia urgente – cinco séculos de história e ecologia* afirma:

“Na verdade, em nenhuma outra parte da terra encontrou-se variedade linguística semelhante à observada na América do Sul tropical... A falta de um poder central representou, para os grupos indígenas dos trópicos, um fator negativo face ao invasor europeu. O invasor procurou explorar rivalidades e fomentar guerras intertribais para impor seu domínio.”

As 76 nações tapuias, do tronco linguístico jê, eram inimigas dos tupinambás, que habitavam a costa e foram mais facilmente seduzidos pelas novidades dos colonizadores. Portanto, grandes grupos indígenas amazônicos, como os Tupinambá, Aruaque, Tapajós e Omáquia estavam extintos no final do século XVII.

Neste mesmo período, e até o século XVIII, houve a implantação do *nheengatu*, um arranjo a serviço da catequese. Os jesuítas, que dominavam o tupi, decidiram que ele seria falado em toda a Amazônia, e, através de uma “arte de gramática”, segundo o padre Anchieta, impuseram o *nheengatu* – o tupi grama-

tizado – a 688 tribos que se filiavam aos troncos aruaque, jê e outros. Paralelamente, a língua portuguesa se expandia e dominava.

O professor Aryon Rodrigues, da Universidade de Brasília – um dos mais profundos conhecedores das línguas indígenas no Brasil –, acredita que a redução drástica das linguagens corresponde à redução dos povos. Quatro séculos e meio após a invasão européia, 90% das tribos brasileiras haviam sido extintas. Hoje, existem 180 línguas indígenas no Brasil. Mil desapareceram em 500 anos (uma média de duas por ano). A população brasileira hoje é de cerca de 145 milhões de pessoas, das quais apenas 220 mil são indígenas. Os troncos linguísticos mais importantes são o tupi, o aruaque e o macro-jê. E as famílias de línguas mais representativas são os karib, o pano, o tukano e o xirianá.

Todas as linguagens indígenas do Brasil estão ameaçadas de extinção – a maioria é falada por menos de mil pessoas. Uma língua em agonia é aquela que não é mais falada por crianças. O maco, localizado geograficamente em Rondônia, é falada por uma pessoa. O ticuna, do Alto Amazonas, é a mais falada (cerca de 20 mil pessoas). Mesmo assim, é considerada ameaçada de extinção. O terena, do Mato Grosso do Sul, é falada por dez mil, enquanto o maué possui três mil falantes.

O Nordeste, embora tenha dezenas de povos indígenas, ficou praticamente sem nenhuma língua nativa, por causa da fortíssima colonização portuguesa. O iatê, falado pela tribo fulniô, de Águas Belas (PE), é a única língua indígena nordestina. Os fulniô têm resistido bravamente na preservação de suas tradições.

A Constituição brasileira aprovou o uso das línguas indígenas dentro das instituições de ensino das comunidades, o que antes era proibido. E hoje os estudiosos tentam preservar as linguagens com o mesmo empenho dos biólogos em relação às espécies da natureza. O grande sonho do professor Aryon Rodrigues é chegarmos a uma democracia indígena parecida com a de alguns países europeus, onde as várias línguas convivem pacificamente.

Quem se interessar pelo estudo das línguas indígenas brasileiras pode procurar a professora Bruna Franchetto, da UFRJ, fone (021) 590-0212, ou escrever para Faculdade de Letras da UFRJ, Cidade Universitária, Ilha do Fundão (Secretaria de Pós-Graduação) – Rio de Janeiro.



# “Antes de exportarmos valores culturais, é preciso estimulá-los no país”

**Ministro da Cultura defende acordo ortográfico para países de língua portuguesa e analisa a situação das artes no Brasil**

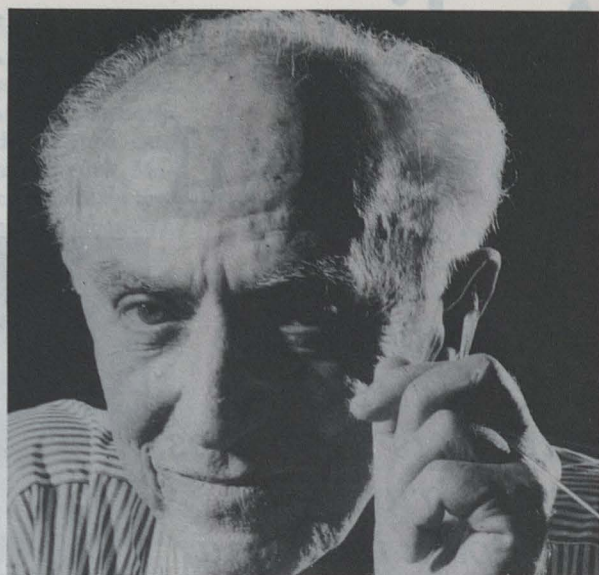
**Elias Fajardo**

O acordo ortográfico assinado em dezembro de 1990 entre o Brasil, Portugal e os cinco países africanos de língua portuguesa deverá entrar em vigor em janeiro de 1994, depois de ser aprovado pelo Legislativo de todos os países envolvidos. Concebido por lexicógrafos brasileiros, membros da Academia de Ciências de Portugal e por representantes dos países africanos, o acordo tem como idéia central a simplificação e a unificação das regras ortográficas dos sete países.

Ele propõe, entre outras mudanças, a extinção do trema, dos acentos de diferenciação e das consoantes mudas. O hífen só permanece antes de palavras começadas por h (anti-higiênico) ou daquelas que começam com a mesma letra que termina o prefixo (contra-almirante).

Estima-se que o idioma português tenha um vocabulário de 110 mil palavras, e que a reforma da língua venha a afetar a 2% delas. As principais mudanças vão atingir a língua escrita em Portugal, uma vez que serão abolidas as letras c e p mudas, em palavras como acção, inspector, óptimo e apocalíptico. A grafia diferenciada só será admitida em palavras tanto pronunciadas quanto escritas de maneira diversa. No Brasil, a reforma ortográfica deve alterar somente 0,39% do vocabulário.

Brasil e Portugal já tentaram unificar a língua escrita, através de iniciativas promovidas em 1930, 1933 e 1943. Neste último ano, o Parlamento de Portugal chegou a aprovar o projeto, que esbarrou no veto do Legislativo brasileiro.



A proposta atual não é imune a reações, embora grande parte delas esteja mais ligada à incompreensão do que propriamente a uma rejeição do acordo. É o caso de um líder angolano, que afirmou que seu país não falaria “brasileiro”, ignorando assim o sentido ortográfico da questão. Na verdade, os africanos – grandes consumidores da literatura portuguesa e brasileira – são os maiores interessados na unificação. Os editores portugueses também protestaram, temendo ter que reeditar todas as suas publicações, de forma a atualizá-las à nova escrita. Em Portugal, onde os parlamentares já aprovaram a proposta, chegou-se a organizar o Movimento Contra o Acordo, que recolheu 9 mil assinaturas, num abaixo-assinado entregue ao presidente Mário Soares, por sinal um defensor da uniformização.

No Brasil, o ministro da Cultura, Antônio Houaiss, luta pela unificação da língua portuguesa desde 1971. Ele foi o representante brasileiro na comissão que elaborou o projeto de reforma ortográfica. O ministro do governo Itamar Franco, também membro da Academia Brasileira de Letras, filólogo e organizador de dicionários, além de tradutor do livro *Ulysses*, de James Joyce, falou aos correspondentes estrangeiros no Brasil e a cadernos do terceiro mundo.

**□ Como o senhor vê as relações linguísticas entre Brasil e Portugal?**

– A barreira da língua está tendendo a diminuir cada vez mais no mundo moderno, mas ainda existe. No caso do português, é mais complicado, pois nossos vínculos linguísticos nunca foram separados. Hoje, sete países têm como língua oficial o português. A partir de certa época, houve um tropeço e um equívoco fundamental em tudo isso, que foi a questão ortográfica.

O equívoco foi associar ortografia à pronúncia. Daí haver razões para que os portugueses achassem que sua ortografia era mais legítima, porque eles partiam do pressuposto de que sua pronúncia era mais autêntica e vice-versa. O brasileiro achava que a ortografia



dele era melhor, porque estava mais próxima da pronúncia brasileira.

No mundo hispano-americano existe uma diversidade de pronúncias incomparavelmente maior que no português. Entretanto, não se discute dentro da família hispânica se existe necessidade de ortografia comum.

Outro exemplo é o mundo de língua anglo-saxônia. Há uma infinidade de países onde a língua inglesa é oficial, com muitas modalidades de pronúncia, e no entanto ninguém cogita de duas ortografias.

O fundamental é que o mundo moderno é diferente. Existe uma diferença marcante entre o século XIX e os anteriores. Do século XVIII para trás, qualquer língua escrita tinha na corte seu ideal de pronúncia, mas era escrita por menos de 2% da humanidade. A Inglaterra, no auge anterior ao século XVIII, nunca teve mais de 2% de letrados, entre escritores e leitores. Mas, a partir do século XIX, a Inglaterra passou a ter 100% de letrados.

#### □ Como funciona a diferença entre língua falada e escrita?

— Ela é mais um dado na questão. Na Terra temos em torno de 11 mil línguas. Apenas 100, aproximadamente, são faladas por mais de um milhão de pessoas, e somente cerca de 20 são faladas por mais de 100 milhões de pessoas. Os chineses autênticos são 400 milhões, mas o chinês como língua de cultura da China é usado por um bilhão de pessoas.

Então, é uma burrice sistemática no mundo da lusofonia ter duas ortografias. Qualquer palavra escrita pode ser pronunciada de 40 ou 400 maneiras, mas a ortografia é outra coisa. A tentativa de uniformizar a ortografia foi denunciada em Portugal como símbolo da intenção brasileira de conquistar as Áfricas e obscurecer os lusitanos, mas evidentemente isso não faz sentido.

#### □ Essa iniciativa pode prejudicar os laços culturais entre Brasil e Portugal?

— Não. Os vínculos econômicos e culturais entre os dois países só vão aumentar. Inclusive por uma razão simples: o esplendor literário de Portugal hoje, com seus poetas e romancistas, é muito grande. Não é sem razão que o interesse pela língua portuguesa na Europa inteira está aumentando. O número de livros traduzidos de Portugal para a Europa espontaneamente é grande. É bem verdade que a Comunidade Européia está colaborando para isso. No Brasil, o interesse por Portugal também aumenta. De maneira que esses ciúmes tendem a cair no vazio.

#### □ O acordo é coisa sacramentada?

— Sacramentada em Portugal. No Brasil, não, pois

ainda não foi aprovado pelo Parlamento, já que temos estado sufocados, com carência de tempo para legislar sobre uma questão como essa, sobre a qual não há problemas. Assim, ela ficou de lado.

Mas, em face da visita feita ao Brasil pelo presidente Mário Soares, o presidente Itamar Franco está devendo uma visita a Lisboa, e pode ser que lá ele sancione esta lei, junto com o chefe de Estado português.

#### □ Quando chegará a época do Brasil promover sua cultura erudita, assim como os Estados Unidos e França, onde o Estado e a iniciativa privada financiam orquestras etc.?

— Nosso país é muito musical. A criação na música popular é espontânea, rica e diversificada. Por isso, há um manancial sobre o qual se pode fazer uma cultura erudita muito boa. Entretanto, não posso negar que neste ponto estamos muito atrasados. Temos apenas duas orquestras sinfônicas: uma que vive mais ou menos bem, a de São Paulo; e outra que sobrevive aos trancos e barrancos — a Sinfônica Brasileira, estabelecida no Rio.

O ensino musical no Brasil é muito pobre. A educação em geral também, e não há inconveniência em dizer a verdade. Nosso ensino superior é fraco porque está montado sobre uma base que praticamente não existe. Enquanto essa situação não se inverter, não te-

mos horizontes.

Dentro do quadro cultural, estamos querendo ver se a ação do Estado venha a se constituir, efetivamente, não como benesse, nem tampouco como uma promoção de mérito, mas sim como uma implantação de possibilidade permanente. O Estado tem de estimular certas formas de criação. Não é apoio, é alternativa. Ocorre no mundo inteiro e acontece também no Brasil. Com a música, isso tem de se dar em todos os níveis, com a condição de que não se faça o que foi feito no carnaval brasileiro.

Costumo criticar o carnaval. Na minha infância e juventude, era uma festa popular em que todos participavam. Mas houve uma industrialização, uma oficialização, e hoje é um grupo profissional que faz o carnaval. Resta à população ficar vendo.

Por outro lado, não temos orquestras sinfônicas, mas contamos com muitas bandas de música do interior, que podem ser estimuladas e ter mais acesso aos instrumentos musicais.

#### □ Os adidos culturais do Brasil no exterior não poderiam ajudar mais na difusão da nossa cultura?

— O sistema de adido cultural no Ministério das Relações Exteriores nunca foi oficial. Em situações espe-

*"Nosso ensino superior é fraco. Enquanto essa situação não se inverter, não temos horizontes"*



ciais, o presidente da República comissiona alguém para essa função. E o ministério aceita. Quando a seleção é feita por um presidente criterioso, o adido pode sê-lo. Quando não é, os senhores sabem o que acontece... É necessário que o ministério pense em setorializar parte do corpo diplomático para fins de adido cultural ou em criar um corpo específico. Essas coisas são lentas, difíceis e mais fáceis de criar em épocas de euforia. E o governo brasileiro atravessa uma carência muito grande de recursos.

❑ Os professores de língua espanhola no Brasil reivindicam a instituição do ensino do espanhol no Segundo Grau e na universidade. Eles atribuem a não-existência dessa obrigatoriedade ao lobby montado pelas academias e institutos de língua inglesa que atuam no país. Seria um cartel. Como o senhor vê isso?

— Pode ser que exista, mas há também outros fatos. Existe no Brasil uma tradição de ensino, primeiramente de francês, e depois de inglês, que vem desde o século passado. Enquanto isso, o ensino do espanhol está sendo institucionalizado agora, por uma iniciativa relacionada com o Mercosul.

Uma das grandes angústias dos currículos é que a expansão do horário da nossa escola tem sido muito pequena. Então, colocar espanhol com sacrifício de horas de aula do francês e do inglês é muito difícil. Mas estamos criando o facultativo. A tendência é transformar o estudo do inglês, francês e espanhol em opcional.

Na opcionalidade, há de se compreender que se prefira o inglês e o francês, porque todo brasileiro fala oportunhol. Não se esqueça que o sonho de Darcy Ribeiro é que oportunhol se intensifique de tal maneira que desapareçam o espanhol e o português.

❑ O senhor está propondo um renascimento do cinema brasileiro?

— Nosso cinema não só chegou a ser bom como tem todas as condições para continuar. Não podemos aspirar a uma indústria do porte da que existe nos Estados Unidos, como existiu na França episodicamente, como existe com mais frequência na Inglaterra, Alemanha ou eventualmente na Itália. Mas temos o direito de querer uma filmografia como já tivemos, e nesse caso não podemos deixar de mencionar o assassinato do nosso cinema.

A pretexto de que a Embrafilme era uma corporação que se auto-remunerava muito mais do que estimulava o cinema — uma empresa que arcava com os prejuízos dos filmes que financiava e não participava dos lucros deles —, ela foi morta. A empresa está extinta, e tem

uma boa reserva de dinheiro bloqueada no Tesouro Nacional, para que as dívidas sejam liquidadas. O fato é que a substituição da Embrafilme não foi feita.

Existe uma lei sobre cinema que, ao ser promulgada pelo então presidente Fernando Collor, teve 11 de seus artigos vetados. Isso a tornou inerte, incapaz de funcionar. É dentro da perspectiva dessa lei que estou sonhando em ressuscitar o cinema. Penso em repropor a lei ao Senado e à Câmara, e, com este pequeno artifício, tentar um renascimento do cinema.

❑ Em quanto se estimam os recursos retidos com a extinção da Embrafilme?

— A estimativa em dólares é que são 42 milhões. Mas suspeita-se que, deste total, US\$ 20 milhões já estejam onerados com fitas em fase de acabamento. Restariam US\$ 22 milhões, que poderiam constituir realmente a retomada de um bom número de filmes.

Em São Paulo, há dez produções que estão incompletas, porque foi feito um contrato entre o governo federal e o estadual em que cada um participaria com 50%, mas a Embrafilme — que representava o governo federal — não cumpriu. No caso do desbloqueamento dos recursos da Embrafilme, uma das primeiras operações será cumprir o contrato, adimplir com a inadimplência anterior.

O que se poderia fazer pelo

teatro brasileiro?

— Tenho a impressão de que, antes de pensar em exportar cultura, é preciso estimular o seu consumo no país. A imagem é bem clara. Muitos brasileiros pensam que o fato cultural é importante porque teve repercussão internacional. E temos tido, no teatro, bastante reconhecimento estrangeiro, desde a peça *Vida e Morte Severina*, com texto de João Cabral de Mello Neto e música de Chico Buarque.

Mas não é isto o nosso ideal. Há uma carência de representação da realidade nacional que é uma tristeza, uma falta. É nesse sentido que se pensa um teatro brasileiro.

No caso do teatro, o sofrimento foi um pouco menor do que o do cinema, porque, efetivamente, temos uma boa tradição de produção artesanal, ou seja, aquele teatro de grupo muito pequeno que pode sobreviver. É, por exemplo, o tipo de produção que Fernanda Montenegro faz, por si mesmo de alta qualidade. Essas manifestações culturais não morreram e deverão ser estimuladas. O teatro tem uma ação de presença, e sua repercussão é mais lenta. Mas as outras manifestações culturais não possuem o calor que ele oferece. Você convive com o ator ao vivo, com uma emoção que o cinema não soube ainda transmitir.

(Colaborou Carlos Lopes)

*"O sonho de Darcy Ribeiro é que se intensifique oportunhol e desapareçam o espanhol e o português"*







# A função das letras

*Poesia e prosa de professores, escrivãos, auxiliares administrativos, técnicos reunidas em curiosa antologia do funcionalismo público do Rio*

**Ernesto Fernandez**

**N**esses tempos em que literatura é artigo de luxo, a antologia *Servidor das Letras* aponta caminhos e possibilidades.

Reunindo os premiados no Concurso Literário de Poesia e Conto do Servidor Público do Estado do Rio de Janeiro, o volume de 162 páginas é uma mostra de que, apesar da dificuldade de publicação que existe hoje e em todos os tempos, a literatura ainda se constitui numa paixão forte o suficiente para levar as pessoas a se soltarem diante da folha de papel, sem pensar nas implicações econômicas, políticas, estéticas.

Se pensarem em recompensas econômicas, os candidatos a ficcionistas certamente se desestimularão. Se considerarem as barreiras que as editoras (brasileiras ou estrangeiras, premidas pelas condições da crise do país) costumam impor aos jovens autores, acabam desistindo antes de começar. E se cogitarem na dificuldade de produzir algo de qualidade numa arte onde já se disse quase tudo, fica mais complicado ainda.

Mas se fantasiarem que o prazer da criação em si é o maior dos prêmios e na possibilidade de surgir uma instituição que publique sem apadrinhamentos ou imposições de *marketing*, nossos autores poderão ter uma ligeiríssima esperança de ver seus trabalhos veiculados.

A antologia é resultado de um concurso promovido pela Fundação de Artes do Rio de Janeiro (Funarj), Secreta-



ria de Administração do Rio de Janeiro e Fundação Escola de Serviços Públicos (Fesp).

Na poesia, que abre o volume, o primeiro lugar foi da professora Atalá Marques Porto, com o poema *Esse galho*. Nele, a autora exercita não só seu desejo de se integrar com a natureza como também trata do caráter simbólico do galho.

O segundo lugar ficou com *O que passou, não passou*, de Maria da Conceição Vaz L. de Souza, também professora. Num texto mais longo, ela recupera a memória de infância com bons momentos poéticos, ao tratar do medo da noite, o rangido da cancela e a capa negra do pai.

O terceiro lugar é do escrivão de polícia de Paty do Alferes Gil Cleber Duarte de Carvalho, que transmite sua inquietude diante da morte no texto *Monólogo n.º XXIV*.

As menções honrosas, que são muitas, reúnem servidores das mais diferentes procedências e de tendências poéticas e gêneros que vão desde o soneto comportado até o concretismo.

No setor de contos, o primeiro lugar ficou com Lygia Malaguti de Souza Weglinski, especialista em educação. Seu trabalho *Rodoviária-Leblon* foi escolhido pelo domínio narrativo e formal. Mas a emoção não aflora com tanta clareza e generosidade como outros contos na mesma antologia.

O segundo lugar *Jogo do bicho*, de Lídia Santos, utiliza o conhecido recurso do sonho inspirando a sorte na loteria popular na qual o Brasil inteiro dá seu palpite. Mas nas entrelinhas escorre uma história de amor e morte, com imagens palpantes e uma medida até certo ponto exata entre a necessidade de impactar e a necessária concisão de meios ao fazê-lo.

O terceiro lugar, *Por um fio*, da professora de Niterói Sônia de Oliveira Peçanha, é uma narrativa de circo, com altos e baixos, mas um fôlego suficiente para prender a leitura e a delicadeza no trato com a emoção feminina e o triângulo amoroso.

O concurso teve 3 mil trabalhos inscritos, dos quais 36 foram publicados.

**CADERNOS**  
DO TERCEIRO MUNDO  
**ASSINATURAS** ▶

**Rio de Janeiro**

(021) 252-7440 / 232-3372

**São Paulo**

(011) 573-8562 / 571-9871

**Belo Horizonte**

(031) 271-3757

**Brasília**

(061) 226-2202

**Curitiba**

(041) 223-3290

**Aracaju**

(079) 211-1912

**Florianópolis**

(0482) 44-7683



# Perfil do 'terrorista' jovem

*A abertura de arquivos dos órgãos de repressão durante a ditadura militar revela que militares fizeram pesquisas para definir o perfil psicológico dos presos políticos*

**Márcia Cezimbra**

**P**or que os jovens brasileiros decidiram combater a ditadura militar no final da década de 60?

Eram uns "desajustados", de famílias "desequilibradas" da classe média. Gente imatura, insegura, instável. Para resumir, pessoas "difíceis". Para concluir, doentes mentais, carentes de tratamento médico que os adaptasse ao estado de terror do governo do general Emílio Garrastazu Médici. Este foi o resultado da "análise" feita pelo Exército sobre o perfil psicológico dos presos políticos em 1969 e em 1970.

A idéia de desvendar o suposto "desatino" de quem discordava de um regime foi do general Antônio Carlos da Silva Murici, na época chefe do Estado Maior das Forças Armadas, um anticomunista. Ele conclamou pais civis e militares para investigar a mente de presos políticos da Vila Militar, do DOI-Codi e do Hospital Central do Exército, no Rio. A maioria, isolada em celas solitárias, incomunicável e vítima de tortura física e psicológica, foi submetida "voluntariamente", segundo o general Murici, a uma batelada de testes. Sabe-se, porém, que a recusa de um preso político em revelar o

seu inconsciente, através de questionários por escrito e entrevistas verbais, significava entrar imediatamente na pancadaria. Toda esta "psicanálise" da ditadura militar vem à tona, com a re-

dos do Exército eram apenas militares que, nos anos 50, fizeram o Curso de Classificação de Pessoal. Com menos de um ano de duração, o curso transmitia noções de psicologia normal e patológica,

de memória, de campos de raciocínio, de imaginação e de vontade. Apesar disto, por causa da regulamentação da profissão de psicólogo, em 1962, deu aos diplomados o nobre título de intérprete da mente alheia. Isto, sem contar a crítica à ética de quem, por mais que estivesse cumprindo ordens ou obrigações profissionais, sustentou, na qualidade de colaborador-cúmplice, um estado autoritário.

Os laudos rotulavam os presos políticos de confusos, paranóicos, primitivos ou histéricos, muitas vezes sem qualquer observação sobre a situação do analisado: recém-saído de uma sessão de tortura. Estes *psis* (como são chamados os profissionais da área de psicologia) estran-

havam que aqueles sujeitos, fragmentados pela barbaridade da violência física, fossem incapazes de *performances* brilhantes, respostas bem estruturadas ou equilibradas.

Os documentos podem insinuar, aparentemente, um período medieval – e perverso – da psicoterapia brasileira, um momento do passado. Afinal, mui-



cente abertura ao público dos antigos arquivos do Dops/DPPs do estado do Rio de Janeiro.

Além disso, a formação dos profissionais da área de psicologia que colaboraram com o Exército, mais do que discutível, é de escandalizar qualquer profissional do setor de psicoterapia. Basta dizer que os psicólogos dos qua-

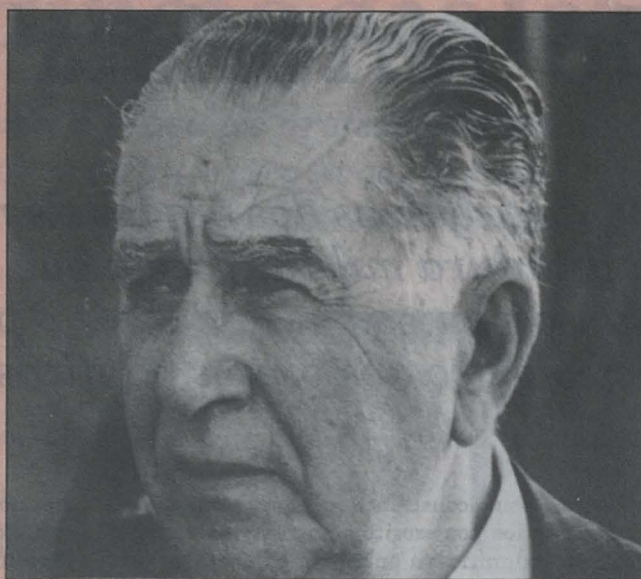


tos presos políticos tinham o mesmo destino que as bruxas da Idade Média ou que os combatentes do nazismo: o extermínio, em nome da "limpeza" da vida social.

No entanto, esta prática de psicologizar qualquer atitude de protesto contra uma ética que proíbe a liberdade natural da existência humana é atualíssima. Sem falar do horror dos hospícios brasileiros — depósitos desumanos de inconvenientes de toda a ordem à tal limpeza social —, esta prática foi exercida, por exemplo, recentemente, tanto na imprensa como fora dela, para justificar a atitude "insana" de Pedro Collor de Mello ao denunciar o irmão-presidente por corrupção. Quaisquer que sejam as motivações sexuais, infantis e inconscientes de Pedro Collor de Mello, nenhuma pode servir de argumento político

para justificar a perversidade da ética de um presidente, que, por decreto, tomou de assalto a nação, enquanto sua mulher, Rosane, era processada por desvio de verbas originalmente destinadas ao leite de crianças carentes e cadeiras de rodas de aleijados. Hoje, os psicanalistas se rebelaram contra esta psicologização dos escândalos do Palácio do Planalto e, ainda, assinaram um manifesto onde se recusam a fazer diagnóstico sobre o caráter delirante tanto do presidente afastado como de seu irmão. O julgamento da corrupção cabe à Justiça e à nação. Não é matéria para uma junta psiquiátrica.

Não foi bem assim no tempo do general Murici. A operação-interpretação surgiu logo depois do Congresso da União Nacional dos Estudantes — UNE, de Ibiúna, em 1968, quando o governo, alegando que a entidade estudantil era clandestina, prendeu centenas de jovens num sítio no interior de São Paulo. Os militares teriam estranhado que 99% dos detidos fossem oriundos da classe média. Longe de serem descamisados revoltados pela falta de acesso mínimo à vida, eram estudantes que ti-



*A repressão formulou uma batelada de testes para saber por que o jovem preso não se adaptava ao estado de terror do período de governo do general Médici*

nham tudo para ascender socialmente e marchar com os militares em direção à ordem e ao progresso material. Foi então que, em 1969, o general Murici desenvolveu o primeiro interrogatório *psi* com 260 estudantes. Descobriu que 80% dos estudantes presos cursavam o primeiro ano universitário, 15% o segundo, e os 5% restantes estavam nos demais períodos. A conclusão desta pesquisa sobre o lado oculto dos jovens "terroristas" foi tragicômica. O ingresso na militância tinha quatro motivos, por ordem de prioridade: "desajuste geral, descaso dos pais pelos problemas da juventude, in-

fluência de estudantes profissionais, que despertavam ódio nos garotos para impor um idealismo político, e, por fim, a habilidade de professores que usavam a sala de aula para proselitismo político".

Esta classificação dividiu os presos políticos em duas categorias. A primeira é a dos recuperáveis, que, na linha "a mente vence a revolução", do general Murici, poderiam se ressocializar após uma boa lavagem cerebral, feita através de conversas moralizantes, tarefas edificantes e leitura de livros construtivos. A segunda, dos irre recuperáveis, faria um favor à felicidade geral da nação se desaparecesse do mapa do Brasil. E esta tese dividiu também os militares. Uns acreditavam que, quanto melhor tratassem os presos políticos, menos resistentes e mais amolecidos ficariam para aceitar o au-

toritarismo de Estado. Outros, adeptos do horror, ficaram internacionalmente famosos pelas denúncias de suas barbaridades, feitas pelas famílias dos presos políticos.

Não satisfeito em sua curiosidade, o general Murici determinou uma segunda investigação, aplicada em 1970 em

### Situação da família

Pais separados	06
Carência de afeto na família	04
Problemas de família	03
Família normal	01
Não responderam	30

### Ocasão em que ingressaram na subversão

Após a formatura	02
Na faculdade	24
Na entrada da faculdade	05
Durante o curso secundário	09
Após o curso secundário	02
Não responderam	02



quase 500 presos políticos de todo o país. O general se deparou, então, com a seguinte situação: 56% acabavam de deixar a vida estudantil (estudantes, 33%; ex-estudantes, 23%). A média de idade destes presos era de 23 anos. Dos 500 detidos, 20% eram mulheres. No Rio, o número de mulheres atingia 26%; no Nordeste, chegava a 11%; e no Sul, não ultrapassou os 2%. Conclusão óbvia do general: o esforço subversivo terrorista se concentra na área estudantil, especialmente nos grandes centros. O número de mulheres aliciadas é maior nas áreas mais politizadas.

Nestes 500 presos políticos, havia apenas 3% de militares reformados ou cassados, 3 a 4 % de operários não-especializados de nível primário e 4% de trabalhadores rurais, todos do Paraná. Camponês do Nordeste tinha só um. Os demais 32% vinham de várias condições sociais, mas nenhuma considerada miserável ou de poucos recursos. Os "subversivos" eram de setores bem dotados financeiramente, as classes chamadas A e B.

As duas pesquisas iniciais serviram de base para a terceira e mais detalhada, sobre o perfil psicológico do "subversivo". Elas revelam a preocupação dos militares em compreender a cabeça dos tais "inimigos da Pátria" que não estavam totalmente marginalizados pelo regime do ponto de vista econômico. No aniquilamento existencial e, portanto, ético, não se pensava na época.

Esta é uma prova, aliás, da filosofia positivista verde-oliva: se têm dinheiro para comer e progredir em ordem e, ainda assim, se rebelam, estão loucos. Foi com uma bandeira muito parecida que os dirigentes comunistas da ex-União Soviética assitiram de camarote ao desmoronamento pacífico do socialismo marxista no Leste Europeu.

Assim, a ditadura apelou para a "ciência". Aplicou-se em 44 presos políticos do Rio os testes "mais aprofundados", com teorias que tentavam se fundar em conceitos psicanalíticos. Um deles pretendia elaborar como as pessoas reagem às situações de frustração, para onde vai sua agressividade e qual é sua conduta em direção à solução de problemas, enquanto um outro tentava uma visão estrutural da personalidade: a intenção era avaliar o nível intelectual do testado e seus aspectos afetivos. A estratégia era marginalizar, rotular, estigmatizar e normatizar condutas através desta psicologização para exterminar a "sujeira" do modelo social dominante.

Dos 44 presos investigados no Rio, 73% foram considerados genericamente "difíceis". A recomendação era de terapia ocupacional para todos. Esta gente foi subclassificada em seres com dificuldade de relacionamento (32%), imaturos (23%), em desajustados (18%), inseguros (8%) e em instáveis (7%). O critério que separa um instável de um inseguro, por exemplo, é sem dúvida se-

xual, infantil e inconsciente. E, talvez, inacessível à lógica racional.

A pesquisa tentou se aprofundar, com investigação sobre a infância e a vida familiar de cada um dos 44 presos. O resultado, sistematizado em quatro quadros, não indica outro culpado senão a família do preso. Numa reportagem publicada pelo *Jornal do Brasil* (19 de julho de 1970), o general Murici "tira do colete" esta pesquisa para declarar: "Pelas respostas obtidas verifica-se a importância do lar na vida dos jovens e o apoio que ele lhes proporciona. No lar se encontra a melhor trincheira contra os desvios da moral e da conduta social." Eis o resultado dos teses sobre a vida dos jovens.

A profilaxia a esta doença vem uma semana depois, em sugestão do deputado Cardoso de Menezes, a 26 de julho de 1970, em meio a elogios rasgados à pesquisa do general Murici: "É necessária uma terapia ocupacional. Urge dar trabalho à juventude desocupada, que se deixa envolver pelos agentes profissionais da subversão. Incentivar iniciativas como o Projeto Rondon, a Operação Mauá, os trabalhos do Crutac, da Universidade do Rio Grande do Norte. É curioso que os chefes da subversão trabalham mais entre os filhos de burgueses, mantidos geralmente pelas mesadas paternas."

Não foi somente essa psicologia de almanaque que se colocou a serviço da ditadura. A psiquiatria também sustentou o estado autoritário através dos famosos laudos fornecidos a presos políticos. Além dos diagnósticos forjados por profissionais já denunciados no livro *Brasil nunca mais*, a psiquiatria se prestou também a usar suas teorias científicas para qualificar de loucos adolescentes presos em 1971, como Ivam A. Seixas, preso em São Paulo, com 16 anos; e Cesar Benjamim, preso em Salvador com 15. Outra presa política, Regina Maria Toscano Pereira, obteve sua liberdade condicional em 1973 com a condição de que se submetesse a uma terapia psicanalítica. Todas estas investigações do Exército são exemplares das denúncias feitas na mesma época pelo filósofo francês Michel Foucault. O aparato médico-psiquiátrico, longe de devolver aos sujeitos a sua condição de existência livre, sempre se manteve como um eficaz instrumento de repressão dos estados autoritários. ■

## Forma ou razão por que foram aliciados

Por envolvimento progressivo	26
Por ligações afetuosas com elementos de esquerda (todos mulheres)	04
Por estudos e reflexões pessoais	08
Por necessidade de prestígio	01
Induzido por colegas	01
Não responderam	04

## Que pensam fazer após a libertação

Voltar à faculdade	03
Voltar à vida normal	14
Retornar à família (moças)	02
Não vêem como possível a sua reintegração	02
Ir para fora do país	01
Continuar a luta revolucionária	03
Não responderam	19



# Petróleo: e se o monopólio acabasse?

**Diomedes Cesário da Silva**

**A** Petrobrás está na berlinda. Aliás sempre esteve, mesmo antes de ser criada, pela Lei 2.004, de 3 de outubro de 1953, que estabeleceu o monopólio estatal do petróleo. Atualmente, a contraposição entre a sistemática de reajuste dos combustíveis e os vultosos prejuízos que essa política de preços impõe à empresa vêm remetendo mais uma vez à questão do monopólio. Neste artigo, o presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobrás, Diomedes Cesário da Silva, discute a possibilidade do fim do monopólio.

Bem, diria o leitor, se o monopólio do petróleo acabasse seria bom, pois teríamos mais recursos e, portanto, mais petróleo. Ledo engano.

O Brasil esteve, até 1938, e durante mais de 80 anos, aberto aos investimentos externos, antes de existir o monopólio e a Petrobrás, sem que as multinacionais investissem no setor.

Para quem não se recorda, após 1975 e até 1988 o país esteve aberto aos contratos de risco, ilegais e inconstitucionais, diga-se de passagem. A Constituição de 1988 proibiu explicitamente esses contratos, permanecendo apenas os já assinados. Pelos contratos de risco, se a empresa descobrisse petróleo ficaria com cerca de 40% das reservas, podendo amortizar todos os insucessos anteriores. No período (1975-1988) foram celebrados 243 contratos com as 35 maiores empresas de petróleo do mundo, cobrindo mais de 80% das bacias sedimentares brasileiras.

As companhias estrangeiras investiram US\$ 1,25 bi-

lhão, dos quais US\$ 875 milhões foram dispendidos no exterior e apenas US\$ 375 milhões de ingresso efetivo em nosso país.

Nada descobriram em óleo e em gás. Apenas uma pequena reserva, em Merluza, pela Pecten-Shell, na Bacia de Santos, de aproveitamento comercial duvidoso na época e, hoje, totalmente comprometido pela elevação dos investimentos de US\$ 200 milhões previstos para US\$ 370 milhões até o momento.

Enquanto isso, a Petrobrás, no mesmo período, investiu US\$ 26,08 bilhões, dos quais US\$ 8,36 bilhões em exploração, descobrindo 3,71 bilhões de barris de óleo (e mais 4,31 bilhões de barris em águas profundas), além de 133,5 bilhões de metros cúbicos de gás natural. E, importante, comprando mais de 90% dos equipamentos e serviços no Brasil, gerando 3 milhões de empregos indiretos, ao contratar 5 mil empresas privadas prestadoras de serviços e 2 mil fabricantes de materiais. Contra os argumentos de que as empresas estrangeiras ficaram com áreas pouco atrativas, lembramos a Bacia de Santos, onde a Petrobrás descobriu os campos subma-

rios de Tubarão, Coral e Estrela do Mar, já em produção, em áreas prospectadas por oito anos, sem quaisquer resultados pela Pecten, Chevron, Marathon e British Petroleum. Se a descoberta fosse das companhias estrangeiras, cerca de 40% destas reservas seriam remetidas ao exterior, sob a forma de produtos ou moeda forte. Um péssimo negócio para o Brasil. Imaginem, por exemplo, se os campos de Marlim e Albacora (5 bilhões de barris de óleo) tivessem sido descobertos pelos contratos de risco. Teríamos perdido US\$ 36 bilhões.

Desde a década de 60, a Argentina vem sucateando sua estatal YPF, entregando reservas descobertas por ela a multinacionais. É o contrato sem risco. Não há uma gota de petróleo extraído do solo argentino que não tenha sido descoberto pela YPF.

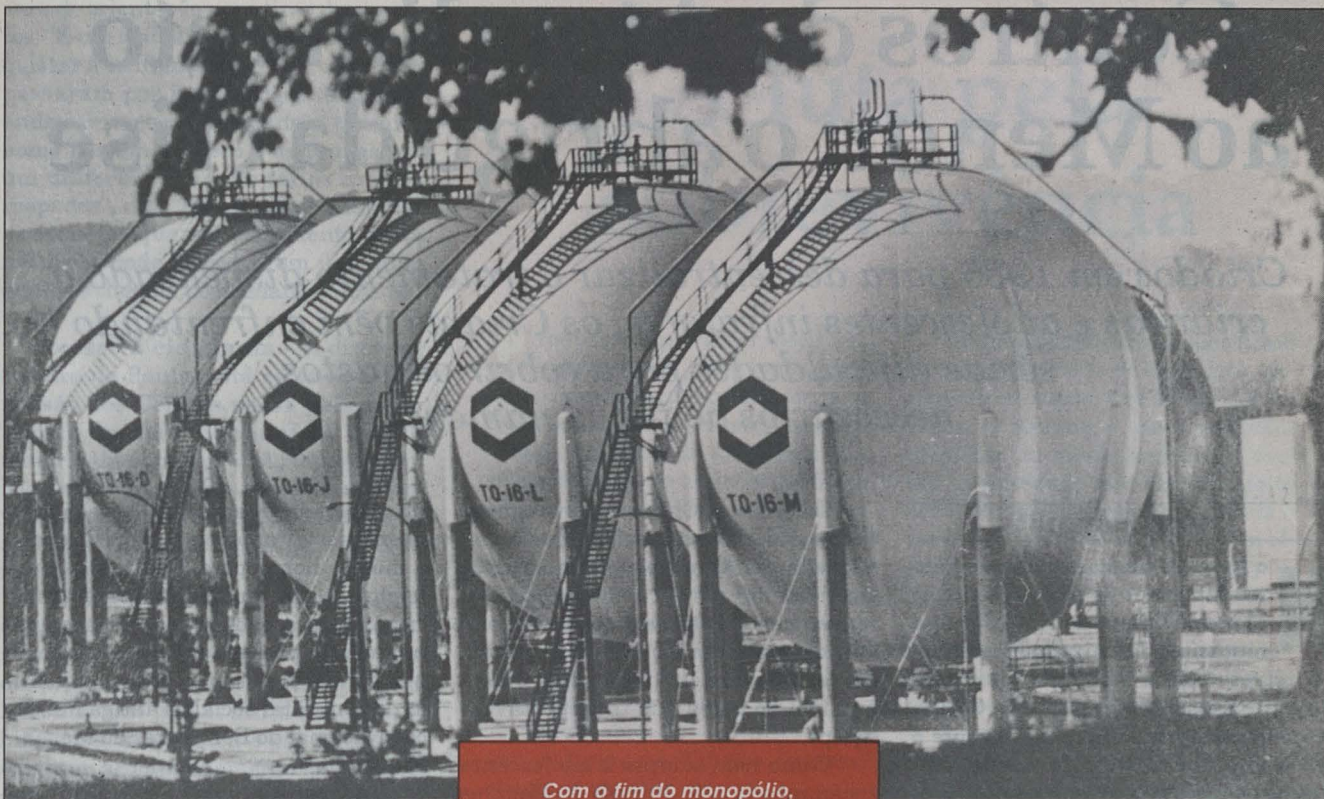
Em função da falta de investimentos das empresas multinacionais na Argentina, as reservas de 1987 eram inferiores às de 1970, e a produção de 1989 apenas 6% superior a de 1970. Nos mesmos períodos, o Brasil, com o monopólio e a Petrobrás como executora, mais do que triplicou as reservas e a produção.

A Petrobrás foi eleita pela Off-Shore Technology Conference (OTC) como a empresa que mais contribuiu para o desenvolvimento tecnológico da indústria do petróleo em águas profundas. É equivalente a um Prêmio Nobel do petróleo. A empresa detém o recorde mundial de produção em águas profundas.

A estatal brasileira de petróleo não depende de um centavo sequer do governo. Ao contrário, em 1990, a Petrobrás recolheu US\$ 2,44 bilhões em impostos e em contribuições sociais, mais de 5% da ar-

*No período entre  
1975 e 1988  
a Petrobrás  
investiu US\$ 26,08  
bilhões, e descobriu  
3,71 bilhões  
de barris de óleo*





*Com o fim do monopólio,  
os preços dos combustíveis teriam  
padrão internacional*

recadação tributária do país, além de US\$ 116 milhões em *royalties*, que beneficiaram nove estados e 450 municípios brasileiros, além da Marinha de Guerra.

Em 31 de dezembro de 1991, a Petrobrás tinha a receber do governo federal, líquidos, US\$ 2,594 bilhões. Em 28 de fevereiro de 1990, pouco antes da posse do governo Collor, esta dívida era de US\$ 528 milhões. Ou seja, em menos de dois anos a dívida cresceu US\$ 2 bilhões, cerca de metade do endividamento global da companhia.

É falsa a relação estabelecida entre o monopólio do petróleo e o alto custo da gasolina, do gás de cozinha e do diesel. Se todos os derivados tivessem sido importados de Rotterdam, na década de 80, teria havido um dispêndio adicional para os consumidores da ordem de US\$ 58 bilhões, metade da dívida externa brasileira.

Representantes de empresas estrangeiras vinculadas ao setor já se manifestaram, mais de uma vez, favoráveis a um realinhamento de preços pelo mercado internacional, caso o monopólio fosse extinto, uma vez que a Petrobrás, por ser estatal, é obrigada a vender produtos a preços abaixo do

custo. Em suma, querem preços maiores e vantagens para competir com a Petrobrás.

Assim, caro leitor, se o monopólio acabasse, teríamos duas possibilidades. Na primeira, a Petrobrás continuaria a existir, competindo com as multinacionais. Os preços seriam alinhados com os do mercado internacional e o consumidor pagaria mais caro.

A Petrobrás balizaria sua atuação unicamente pelo lucro, sem se preocupar em investir maciçamente em exploração e produção. Se fosse mais vantajoso importar, em vez de produzi-lo no país e aqui gerar empregos, ela o faria. O Brasil ficaria mais vulnerável a conflitos no Oriente Médio ou à elevação do petróleo importado.

Na segunda, a Petrobrás ficaria com o osso, a exploração, sendo privatizadas as refinarias e subsidiárias. A produção dos campos já descobertos pela Petrobrás seria entregue às multinacionais, perdendo a Petrobrás sua capacidade de investir. As reservas cairiam, como na Argentina.

Trocaríamos o monopólio estatal brasileiro pelo oligopólio das seis irmãs (Shell, Exxon, BP, Mobil, Texaco e Chevron).

Foi por todas estas razões que os constituintes de 1988 inseriram por 441 votos a favor, 7 contra e 6 abstenções o artigo 177 da Constituição que reafirma o monopólio estatal do petróleo.

Para quem argumenta que o mundo mudou, concordamos. O nacionalismo está mais forte. Os países da antiga União Soviética lutam pela sua identidade nacional; os norte-americanos defendem seu mercado dos japoneses; a Comunidade Européia não aceita a imposição dos produtos agrícolas norte-americanos. Enfim, todo mundo é nacionalista e defende seu mercado, seus recursos estratégicos, seus empregos e seu país.

Na questão do petróleo, só temos duas opções: ou produzimos no país, nós mesmos, criando empregos, tecnologia e acumulando riquezas, ou compramos no exterior, remetendo recursos e gerando empregos lá fora, despendendo moeda forte, tornando-nos vulneráveis aos conflitos externos e dependentes tecnologicamente. ■



# Centros de Atendimento ao Menor: o abrigo da crise

*Criados em 1986 para descentralizar o tratamento dispensado a crianças e adolescentes infratores, os Criams vêm enfrentando sérias dificuldades para cobrir os gastos necessários ao funcionamento*

**Paulo Marinho**

**N**o Rio de Janeiro, o núcleo do Centro Integrado de Atendimento ao Menor – Criad de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, retrata bem a realidade dos outros 15 centros existentes no estado. Os cortes orçamentários impostos durante o governo Collor interromperam um programa de integração à rede escolar e inviabilizaram o atendimento em regime de liberdade feito na casa do assistido. Lutando para manter as atividades do centro, a equipe de profissionais vem suprindo parte das necessidades de alimentação com uma horta doméstica e com recursos provenientes de um programa de coleta e reciclagem de lixo da região.

A atuação do Criad de Nova Iguaçu abrange ainda os municípios de Itaguaí e Paracambi. O núcleo tem capacidade para atender a 32 crianças ou adolescentes, mas foi obrigado a suspender o atendimento em liberdade assistida por falta de dinheiro para pagar o combustível do carro que transportava a equipe.

“Como nem sempre o adolescente encaminhado pelo Juizado de Menores deve ficar internado, o acompanhamento feito junto a seu grupo familiar é de fundamental importância”, diz a diretora do Criad de Nova Iguaçu, Sandra de Paula. Ela explica que os centros foram instituídos justamente para descentralizar o atendimento e pôr um fim na solução simplista da internação.

À frente de uma equipe formada por

psicólogo, assistente social, pedagogo, agentes seguradores e pessoal de apoio, a médica homeopata Sandra de Paula lembra que o atendimento, centrado no trinômio recepção-diagnóstico-acompanhamento, corrige uma séria distorção que permeou, durante 25 anos, a política de bem-estar social da antiga Fundação Nacional do Bem-Estar ao Menor – Funabem.

“Independente do motivo pelo qual era levada ao Juizado de Menores, quase toda criança, em função do baixo nível sócio-econômico da família, era tirada do seu, às vezes, distante meio social para ser internada em instituições, onde corria o risco de permanecer anos sem receber nenhum preparo para o futuro”, diz a diretora.

**Porta aberta** – Uma das responsáveis pelo processo de recepção, a assistente social Arlene Cobeiros revela que o perfil das 646 crianças encaminhadas à instituição este ano confirma a conveniência do atendimento feito fora dos centros. “Na grande maioria são adolescentes que cometeram pequenos roubos ou chegaram ao Juizado por causa de conflitos familiares, notadamente casos de meninas violentadas que reagem e procuram ajuda”, constata, acrescentando: “Aqui, procuramos mostrar a eles que, apesar do delito cometido ou da situação enfrentada, não são bandidos e não vão cumprir castigo, até porque nossa casa tem a porta aberta.”

Arlene Cobeiros lembra que a política de respeitar o indivíduo já surtiu efeito junto à comunidade local, que frequentemente encaminha à instituição crianças perdidas e adolescentes à pro-



A falta de recursos paralisou programas como o “Oficina da Terra”

Marcus Sanches



cura de orientação para tirar documentos. "É um trabalho muito delicado conquistar a confiança de jovens que até já passaram por instituições fechadas, onde o interno é obrigado a trocar o nome por um número e as roupas por um uniforme, além de ter os cabelos raspados", diz. "Não é difícil imaginar as sequelas que um tratamento dessa natureza pode causar a um indivíduo que vive com um pé na marginalidade."

**Acesso à cidadania** – A diretora, Sandra de Paula, está certa de que a missão dos Criams passa pela construção de uma cidadania à qual a maioria da população não teve acesso. Ela acrescenta que o processo de convencimento das crianças exige uma agilidade, comprometida pela falta de recursos:

"A permanência do interno no Crium não é imposta. Por isso, convivemos com uma rotatividade muito grande, principalmente entre aqueles adolescentes que já têm filhos e responsabilidades. Esse entra-e-sai constante exige um acompanhamento na residência e mesmo uma bolsa-auxílio para a família do assistido."

Sandra de Paula considera que o processo de conscientização das crianças é lento, até porque algumas delas ali permanecem apenas o tempo suficiente para amenizar o quadro de subnutrição que apresentam. Há poucos meses, um adolescente transferido de uma instituição tradicional entrou pela porta principal do centro, correu pela horta e fugiu pulando o muro dos fundos. A diretora do Crium de Nova Iguaçu adverte, no entanto, que cada uma dessas idas e vindas representa um obstáculo ultrapassado no caminho da mudança.

Ela cita o exemplo do adolescente R., de 16 anos, com cinco passagens pelo Crium nos últimos dois anos. "R. tinha sérios conflitos familiares com a mãe e o padrasto, um rapaz pouco mais velho do que ele", conta. "Depois de uma das suas últimas saídas, passamos a atender a ele e à família no sistema de liberdade vigiada. Nessa época, R. começou a trabalhar em nossa oficina de *silk-screen*, e a rua acabou perdendo a magia. A partir do momento em que se viu como um indivíduo respeitado e necessário, R. passou a reconhecer no padrasto uma pessoa como outra qualquer."

## A luta pela sobrevivência

**P**roduzindo couve-flor, berinjela, batata-doce, jiló e beralha, a horta doméstica da instituição já cobre boa parte dos gastos da cozinha. Criada no início do ano passado, a horta deu origem ao trabalho fitoterápico desenvolvido com os adolescentes – que aprendem tudo sobre o cultivo e transformação de plantas medicinais em remédios. O projeto já ultrapassou os muros da instituição, sendo levado às escolas da região. Mas a falta de recursos prejudicou o trabalho.

Interrompido em julho deste ano, o programa "Oficina da terra" chegou a envolver 96 alunos matriculados em seis escolas do município de Nova Iguaçu, que receberam aulas no próprio Crium. "Além de levar às escolas formas de autogestão, o projeto, ao trazer alunos do município para dentro do centro, tem a finalidade de acabar com o preconceito contra as crianças e adolescentes encaminhados pelo Juizado", argumenta o agrônomo Cassiano Martani, que também integra a equipe do Crium.

Na busca de alternativas para geração de renda, o núcleo de Nova Iguaçu vem desenvolvendo junto à comunidade um programa de coleta seletiva de lixo e reciclagem de alumínio. O trabalho foi implantado há dois meses. As crianças gastam uma hora e meia por dia recolhendo latas, que são prensadas no Crium e vendidas a uma empresa do município, onde o reaproveitamento é feito.

Do retorno financeiro, elas ficam com 35% do valor de cada lata, ganhando em média Cr\$ 25 mil por semana. O restante é usado no financiamento de outros projetos do centro. A atividade tem ainda o efeito socializante de ensinar a garotada a gerenciar o próprio dinheiro. "Em alguns casos, o interno recebe uma parte da remuneração e deixa o restante aqui mesmo, numa espécie de poupança, a fim de juntar a quantia necessária para comprar um tênis ou outro bem de consumo", explica Martani.

Lidando com crianças e adolescentes de baixa escolaridade, que em

*Na horta, os adolescentes aprendem o cultivo das plantas medicinais. O programa "Oficina da Terra" promoveu a integração do Crium com as escolas municipais*

sua maioria só sabem ler e escrever o nome, o Crium já recolheu, em apenas um mês, 1,4 tonelada de latas descartáveis. Agora, a direção do centro pretende incluir em suas atividades uma aula sobre a importância desse trabalho como forma de economia.

"Eles vão saber que na reciclagem das latas gastam-se apenas 5% da energia usada no processo tradicional de transformação de bauxita em alumínio, com uma economia de 3,1 mil quilowatts, suficientes para iluminar durante dois anos uma casa com cinco moradores", antecipa o engenheiro agrônomo. (P.M.)



# Os brasiguaios estão voltando

FOTOS: GIANNE CARVALHO/IMAGENS DA TERRA



## Montezuma Cruz

**M**uito antes do Tratado de Assunção instituir o Mercosul, no ano passado, o Paraguai procurou atrair agricultores brasileiros para a faixa da fronteira. O ex-ditador Alfredo Stroessner facilitou a entrada de famílias com experiência no campo e iniciou, na década de 70, a colonização da terra-roxa e de outros solos riquíssimos, próximos aos estados brasileiros do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Passados quase 20 anos, os brasileiros estão perdendo suas terras ou, no mínimo, são forçados a dividi-las com camponeses (sem-terras), desempregados e oportunistas. É o que ocorre em Curupaty e em outras áreas do Alto Paraná e Canindeyú, sob o olhar discreto da embaixada do Brasil em Assun-

*No Paraguai,  
colonos  
brasileiros  
têm as terras  
invadidas e são  
saqueados  
dentro da  
própria casa*

ção. Cerca de 600 hectares foram ocupados há quase dois anos, provocando embargos no relacionamento entre as autoridades fronteiriças e sérios transtornos ao Judiciário paraguaio.

Se o Tratado de Assunção deu bons resultados na integração da indústria automobilística, bolsas de valores, intercâmbio de serviços e de produtos diversos, não aconteceu o mesmo num item: o livre trânsito e o intercâmbio de trabalhadores, um sonho programado para 1995. Os agricultores paranaenses e gaúchos, que trocaram sítios e fazendas pela colheita de soja em regiões até alguns anos inóspitas, vêm sendo saqueados em sua própria casa. Alguns já desistiram, procurando retornar à região oeste do Paraná; outros tentam pagar seus débitos de financiamento junto ao Banco de Fomento.





**Depois de quase 20 anos no Paraguai, os brasileiros estão perdendo suas terras e indo se alojar em acampamentos como os de Amambai, em Minas Gerais**

As invasões começaram a partir do momento em que o comissário de Polícia de Curupaty, Donato Escobar, descobriu falhas nos loteamentos feitos pela imobiliária de Renato de Andrada Marinho, de Foz do Iguaçu. O empresário levou mais de 300 agricultores para a região, mas durante muito tempo esqueceu-se de reservar áreas comunitárias em duas propriedades.

Por ter contrariado o Estatuto Agrário do Paraguai, ele foi obrigado a reco-

lher 32 milhões de guaranis de multas. A essa altura, os compradores de lotes já registravam grandes prejuízos. O Instituto do Bem-Estar Rural (IBR) decretou a intervenção na Colônia Curupaty.

De julho de 1991 até fevereiro de 1992, nenhum brasileiro pôde plantar ou colher nas terras do Alto Paraná. Munidos de recibos e comprovantes de cidadania – além disso a maior parte tem filhos paraguaios –, eles contrata-

ram três advogados na Cidade do Leste e em Assunção para defender sua posse.

A Suprema Corte de Justiça julgou inconstitucionais as ações movidas por Adrián Verón e Ramón Montanía, prepostos de Escobar. Eles pretendiam expulsar os brasileiros alegando erros na colonização de Marinho. Mas tudo ficou como antes: quatro policiais designados pela Delegacia de Governo permanecem impotentes na área, enquanto o juiz da Primeira Instância, Vidal Maciel, protela ao máximo a decisão de enviar a Curupaty o pelotão da Polícia Especial, que ele mesmo solicitou ao Ministério do Interior através de ofício. Sem o despejo dos invasores, os brasileiros começam a voltar de "mãos abanando".

Apesar de considerar que os invasores são os únicos responsáveis pelos atos de "usurpação de terras", as autoridades paraguaias, diante da promulgação da nova Constituição – a primeira depois de 35 anos de ditadura –, admitem um certo recuo. "O juiz não quer se comprometer. Age com fragilidade, não é enérgico", comentou o advogado César Centurión, um dos contratados pelos agricultores. O dono da imobiliária, Renato Marinho, até o começo de julho procurava se livrar do assunto, e nem sequer enfrentava os saques de alguns grupos, que levavam das casas ovos, galinhas e dinheiro. ■

## Prejuízos e desalento

"Qual a garantia que um brasileiro tem para ajudar na construção dessa proposta de integração chamada Mercosul?", indaga Jovino Diesel, 37 anos, pai de três crianças nascidas em Curupaty. Durante vários meses ele exilou-se com a mulher e os filhos em Foz do Iguaçu. Teve que fugir dos seus 25 hectares ocupados por homens armados. Endividado junto à imobiliária de Marinho, nem sequer fora reconhecido pela coragem de liderar o grupo de agricultores que por seis vezes marchou rumo à capital paraguaia, a fim de resguardar o direito à posse da terra. Jovino saiu, conforme faz questão de dizer, "puxando a

cadela", para começar tudo de novo numa chácara de quase um hectare no município de Matelândia, a 70 quilômetros de Foz do Iguaçu. Voz embargada, ele lembra a Comunidade Católica Nossa Senhora da Penha – formada por cerca de 300 pessoas –, que ajudou a organizar e da qual foi líder até o começo deste ano. "Dá saudades", resume.

A invasão de Curupaty afeta 657 hectares. Há quatro propriedades de 20 hectares; as demais medem entre 32 a 412 hectares, tudo mecanizado. Do total, 263 hectares foram preparados e renderam o suficiente para que os brasileiros justificassem a presença

no país vizinho. Pelos cálculos de Alvírio Rech, Jovino Diesel, José Manoel Teixeira e outros 50 proprietários e arrendatários, cada hectare exigiu o trabalho de oito horas de trator esteira, a um custo de 80 mil guaranis.

"Nossos investimentos totalizaram quase 170 milhões de guaranis", relata Alvírio, dono de 100 hectares. No ano agrícola 1990/91 havia na gleba 251 hectares de soja, cuja safra chegou a 502 mil quilos; e 153 hectares de trigo, que renderam 244,8 mil quilos. Em proporções menores, as dez propriedades ocupadas cultivavam ainda mandioca, feijão, cana-de-açúcar, arroz, menta e algodão. (M.C.)



# Terra e cidadania

Gianne Carvalho

**S**em terra, sem trabalho, sem alimento e sem pátria. Esta é a condição atual dos brasiguaios. Incentivados a migrar para o Paraguai pelo governo militar nas décadas de 60 e 70, no Brasil eles são vistos como estrangeiros e não conseguem o repatriamento. Em maio do ano passado, 400 famílias de brasiguaios acamparam numa área cedida pela Prefeitura de Amabaí (MS). Desde então, lutam para conseguir um pedaço de terra e terem reconhecida sua cidadania.

A polícia foi designada a "cuidar" dos brasiguaios. E vem cuidando, como se fossem verdadeiros criminosos. No início de agosto, cerca de 40 colonos passaram pela cidade, num caminhão cedido pela Prefeitura, em busca de bambu para levantar novos barracos de lona. Abordados pelo delegado especial de Mato Grosso do Sul, João Batista de Almeida, tiveram enxadas, foices e facas apreendidas, sob o argumento de que "na carroceria de um caminhão não existe terra para ser roçada". Segundo o delegado, as ferramentas só serão devolvidas quando os brasiguaios deixarem o município.

O relatório da Cruz Vermelha sobre as condições de saúde dos brasiguaios acampados em Amabaí constata um "quadro triste e estarrecedor". Os próprios funcionários públicos da área de saúde discriminaram os colonos. Segundo o mesmo relatório, o pessoal da saúde pública maltratou aquela gente e se negou a prestar assistência aos doentes, na maioria crianças, vítimas de graves problemas respiratórios.

O drama dos brasiguaios é o mesmo enfrentado pelos sem-terra do Mato Grosso do Sul, estado que possui a maior concentração fundiária do país, com um território equivalente a 35 milhões de hectares. Desse total, 30 milhões são agricultáveis. Os latifundiários, que representam apenas 12% dos proprietários, ocupam 83% das terras.

Os pequenos proprietários, que somam 54%, ocupam apenas 1,22% das terras. Seis latifundiários detêm 2,75% das terras (876 mil hectares), ou seja, mais que o dobro da área ocupada por todos os pequenos proprietários, e o suficiente para assentar as cerca de 1.400 famílias que se encontram acampadas no Mato Grosso do Sul, além dos brasiguaios.



Até as crianças que vivem nos acampamentos dos brasiguaios mostram-se dispostas a defender seus direitos





# Uma guerra bacteriológica

*Modernas pesquisas estabelecem a verdadeira dimensão do genocídio provocado pelos colonizadores europeus e mostram um cenário onde ocorreu um verdadeiro holocausto epidemiológico*

José Carlos Escudero\*

**O**s aniversários nos provocam a tentação de fazer balanços, e esta tentação chega ao máximo diante do 500º aniversário da invasão européia da América, comemorados em outubro passado. É possível que este balanço chegue a conclusões muito diferentes das que se fizeram há 100 anos.

Até há pouco tempo, a maioria das avaliações considerava a invasão positiva. Os vencidos não elevavam sua voz, e polêmicas do tipo da *lenda negra* – com a que certa historiografia, principalmente a anglo-saxã, contestava a ação dos espanhóis, os primeiros invasores – pareciam não ser mais que uma rixa entre vencedores.

Para sorte dos que estão refletindo sobre o V Centenário, nas últimas décadas apareceram numerosos trabalhos que oferecem muita informação nova e têm permitido dar novo significado às informações fornecidas pelos cronistas das Índias.

**A grande mortandade** – Historiadores, arqueólogos, demógrafos, ecólogos, agrônomos e epidemiólogos modernos têm podido gerar materiais cujos novos dados ressaltam a tragédia que representou para a América – e em menor medida para a África – o choque com a Europa que começou em 1492 com a chegada à ilha de Guanahani de uma nau e duas caravelas.

Autores como Eric R. Wolf afirmam que o fenômeno de mortalidade que afetou os americanos após a chegada dos es-

panhóis, portugueses, franceses e ingleses pode ser qualificado como uma *grande mortandade*. Esse fenômeno começou nas Antilhas e Brasil, e depois se estendeu por todo o continente, às vezes acompanhado e às vezes precedendo o contato com os europeus.

Para quantificar esta mortalidade é fundamental calcular as cifras da população americana em 1492. Conhecemos com razoável exatidão os dados populacionais da América por volta de 1650: aproximadamente 11 milhões de pessoas. Em compensação, a cifra de 1492 é objeto de cálculos muito diferentes e de polêmicas.

Como é de se esperar, os cálculos não são feitos em um terreno neutro: uma estimativa muita alta de popu-

lação americana no momento da invasão revela um genocídio praticamente inconcebível em sua magnitude, enquanto que um cálculo baixo o minimiza e tende a enfatizar os subprodutos *positivos* da invasão, como a evangelização ou a entrada da cultura européia.

**Dados manipulados** –

Entre os apologistas da cruz e da espada e os que reivindicam os povos autóctones, suas particularidades culturais e os direitos dos vencidos há um abismo que se evidencia nos números que ambos manejam. É interessante comprovar que as estimativas mais recentes de população tendem a ser altas, e que cálculos técnicos sem compromisso ideológico – como os da Escola de Demografia de Berkeley – também são elevados.

Em 1500, a Europa tinha cerca de 50 milhões de habitantes. Os países que realizaram a







invasão inicial estavam pouco povoados: Espanha tinha seis milhões de habitantes e Portugal um milhão. França, o país mais povoado da Europa, contava com 20 milhões de pessoas.

As estimativas mínimas da população americana em 1492 são de 8,4 milhões para Kroeber, 11,2 milhões no que depois foram as Índias espanholas, para Céspedes del Castillo, e 13 milhões para Arturo Rosemblat.

As estimativas intermediárias são as de Spinden, Paul Rivet e Sapper, em torno de 50 milhões – população aproximada à da Europa da época –, enquanto que as máximas são as de Dobyns (de 90 a 112 milhões) e de Borah (mais de 100 milhões no final do século XV).

Por outro lado, as avaliações crescentemente positivas que se está fazendo da agricultura americana de antes da invasão, e comprovações de que as densidades populacionais em zonas de caça e coleta, como o litoral central brasileiro, eram mais altas que as esperadas – uma média de nove por  $\text{km}^2$  – reforçam a tese das estimativas máximas e, por conseguinte, a magnitude da grande mortandade.

**Verdade assustadora** – Vários autores têm calculado a diminuição da população americana por áreas depois da invasão e os números a que chegam são surpreendentes.

Borah e Cook propõem para o México central uma população de 25,2 milhões em 1519, 16,8 milhões em 1532, 6,3 milhões em 1548, 2,6 milhões em 1568, 1,9 milhão em 1595 e, finalmente, um milhão em 1605.

A população da costa peruana desapareceu, e a situada na serra baixou muitíssimo. Os indígenas do Peru totalizavam cerca de 10 ou 12 milhões no momento da invasão, mas 100 anos depois restavam apenas pouco mais de 500 mil.

O número de tupinambás do litoral central brasileiro caiu de 60 mil em 1550 para sete mil em 1600, enquanto que na ilha Espanhola – onde estão atualmente

o Haiti e a República Dominicana – passou de um milhão de habitantes em 1492 a um número insignificante em 1600.

Entre tantas cifras – que poderiam encobrir o que provavelmente tenha sido a maior tragédia na história da humanidade – é importante incluir o fundamental testemunho do religioso espanhol frei Bartolomé de las Casas sobre o que ocorreu em Cuba.

“As crianças nascidas, tão miúdas, morriam, porque as mães, com o trabalho e a fome, não tinham leite em seus seios, e por isso morreram na ilha de Cuba, estando eu presente, 7.000 crianças num período de três meses. Algumas mães estrangulavam, desperadas, suas crianças, outras sentindo que estavam grávidas,

tomavam ervas para abortar, com o que já saíam mortas”, escreveu Las Casas.

**A civilização nativa** – Pierre Chaunu fez uma tipologia da população da América em 1492, à qual localizava em três regiões:

1) dois milhões de  $\text{km}^2$ , que continham 90% da população, situados nas zonas das Antilhas, México central, possivelmente parte da região maia e os Andes, habitados por *chibchas*, *quechuas* e *aymaras*, com densidades de 35 a 40 habitantes por  $\text{km}^2$  e com uma agricultura muito eficiente, provavelmente superior à européia contemporânea.

2) Outros dois milhões de  $\text{km}^2$  com cultivos de milho com métodos de roça e queima, com densidades de 2 a 5 habitantes por  $\text{km}^2$  no sudoeste dos Estados Unidos e zonas maias.

3) O restante, 35 milhões de  $\text{km}^2$ , com muito baixa densidade populacional e cujos habitantes viviam da caça e da coleta.

Ao analisar a grande mortandade que sobreveio após a invasão européia nas três regiões caracterizadas por Chaunu, Tverzan Todorov individualizou uma série de causas atuantes e avaliou a responsabilidade dos invasores em cada uma delas:

a) homicídio direto: número relativamente baixo, responsabilidade direta.

b) Maus tratos: número relativamente mais elevado, responsabilidade pouco menor.

c) Doenças: número relativamente maior, responsabilidade difusa e indireta.

Por outro lado, há casos bem-documentados de uma guerra bacteriológica precoce, contra os americanos nas colônias inglesas da América e na chamada *Conquista do Deserto* por parte do exército argentino.

**Sobreviventes das pragas** – No entanto, uma série de estudos recentes fortaleceu a visão microbiológi-



ca e, portanto, a *responsabilidade difusa e indireta* dos invasores na *grande mortandade*. Uma obra pioneira nesta linha foi a de Hans Zinsser, que considerou fundamental o papel das doenças, provocadas por micróbios, como agentes autônomos do processo histórico.

Um trabalho mais recente e muito influente foi o de William McNeill, cuja hipótese básica é que os invasores europeus vinham providos de uma grande imunidade epidemiológica, porque eram sobreviventes "escalados" por inumeráveis pragas e epidemias. Segundo McNeill, as civilizações urbanas da Eurásia, por serem as mais velhas do mundo devido ao precoce surgimento da agricultura e à domesticação de animais nesses continentes, desenvolveram doenças novas, fruto das promíscuas condições de moradia nos centros urbanos e do contato estreito com animais domésticos.

Eurásia e posteriormente a África chegaram a ter um perfil epidemiológico uniforme, mas a um custo enorme porque, só para dar um exemplo, na Europa morreu um terço da população entre 1346 e 1350 devido à peste bubônica.

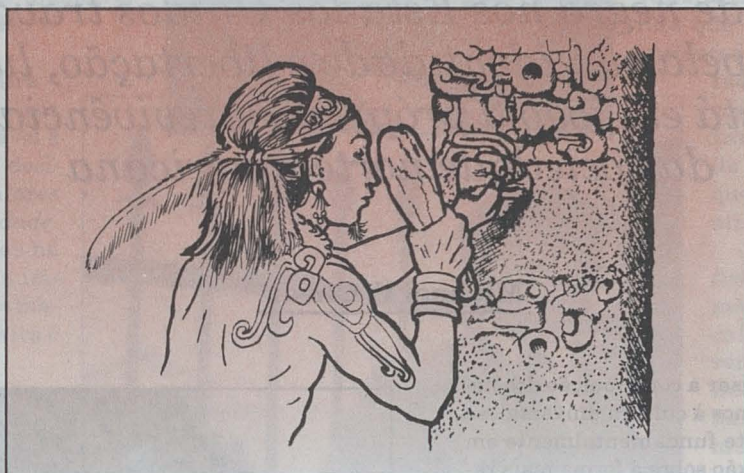
Este perfil e a existência nele de germens contra os quais os europeus estavam altamente imunizados foram letais para os americanos vítimas da invasão, cuja "virgindade epidemiológica" facilitou o fenômeno de mortalidade em massa.

A colocação de Alfred Crosby, autor de *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa*, é muito parecida com a de McNeill, pois afirma que, ao invadir o "Novo Mundo" (América e Oceania), o "Velho Mundo" (Europa, Ásia e África) provocou desastres que causaram danos tanto aos seres humanos como às suas espécies vegetais.

Na América, Oceania e aquelas partes da Ásia que tinham permanecido isoladas – como, por exemplo, a Sibéria até a invasão russa a partir do século XVI –, as doenças dos habitantes do "Velho Mundo" como a varíola, a peste bubônica, o tifo, a lepra, a tuberculose, o impaludismo, a febre amarela e outras, aparentemente tão triviais como o sarampo ou a gripe, fizeram muitos estragos.

**Extermínio em massa** – É possível que a causa isolada mais importante da grande mortandade tenha sido o mero contato físico entre infectados estabilizados, mas que podiam contaminar pessoas que nunca tinham contraído doenças epidemiológicas. Por exemplo, um contato casual entre europeus contagiados pela varíola e nativos foi aparentemente o responsável pela diminuição da população maia de Yucatán, que começou antes da conquista espanhola dessa região.

Por outro lado, para enfatizar o peso que teve na grande mortandade o imperialismo dos invasores, conhecemos agora a estreita relação que existe entre nutrição e saúde. A agricultura americana nas áreas de alta densidade populacional era provavelmente muito mais eficiente que sua contemporânea européia, e, além disso, na América o alimento não era uma mercadoria: os desfavorecidos tinham acesso ao mesmo por meio de uma complexa rede de solidariedades e reciprocidades.



A introdução pelos invasores de relações mercantis, a destruição do sistema de irrigação e terraços, a monocultura que substituiu os cultivos complementares, os deslocamentos forçados da população, a introdução de mamíferos de grande porte, como a vaca, o cavalo e a ovelha – que destruíam plantações e demandavam grandes extensões de terra – devem ter deteriorado notavelmente a alimentação dos nativos e aumentado sua vulnerabilidade biológica a todo tipo de doenças, inclusive suas enfermidades habituais.

rabilidade biológica a todo tipo de doenças, inclusive suas enfermidades habituais.

**Um mundo destruído** – Por outro lado, segundo se sabe atualmente, a vulnerabilidade biológica pode resultar de causas psicológicas. Na América, após a invasão, se destruíram civilizações e um mundo. O "Novo Continente" assistiu a uma série de pragas que parecia não ter fim, que dizimava os nativos enquanto deixavam incólumes os invasores intrusos. Obviamente, esta situação provocou um profundo impacto psicológico em muitos nativos, que perderam a vontade de procriar e de viver e se deixaram morrer.

Como último fator, está o simples e cru assassinato como acompanhante da invasão. Uma *epidemiologia da violência* da qual alguns lúcidos cronistas das Índias deixaram seu testemunho.

Por outro lado, os invasores usavam o álcool e as drogas sem contextualizá-las em rituais – como acontecia nas culturas americanas –, mas utilizando-as como mercadorias e como arma político-militar.

A invasão européia à América está chegando ao fim nestes dias na Amazônia brasileira e seus campos de batalha imediatamente anteriores foram a região dos araucanos no Chile, e a zona do Chaco e da Patagônia argentinos. Desta última diz-se que foi conquistada pelo "fuzil Remington, o telégrafo, a varíola e o álcool". Estes dois últimos agentes já levavam 400 anos de operação na América.

\*José Carlos Escudero é médico sanitário argentino e professor da Universidade de Luján



# Um sonho afro-americano

*A comunidade negra nos Estados Unidos trava uma luta sem quartel pela sua identidade e libertação, luta na qual está em jogo a própria sobrevivência da sociedade norte-americana*

Michael V. Oneal\*

**C**ada vez que se analisa a contribuição dos negros norte-americanos à cultura universal, se verá que ela consiste fundamentalmente em uma profunda reflexão sobre a forma mais radical de liberdade que jamais se conheceu.

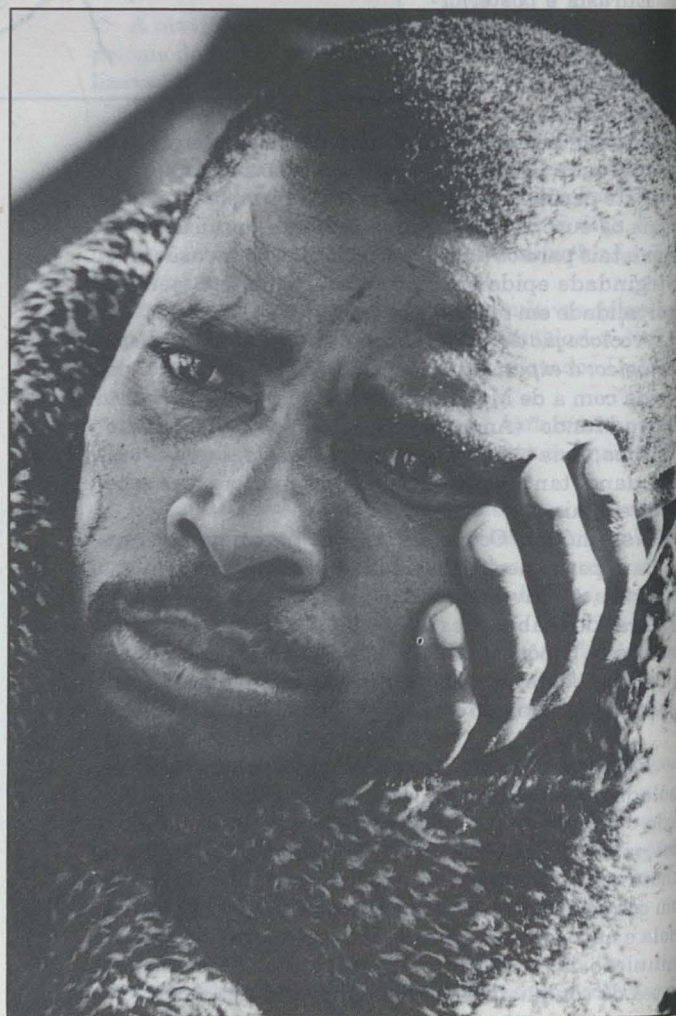
Na medida em que os negros norte-americanos – alguns dos quais identificam-se como *afro-americanos* – aceitam o fato de que os Estados Unidos é a sua pátria, devem suportar o peso deste eterno e tenso processo de reflexão espiritual. Um processo que inevitavelmente acaba impondo uma interrogação: “Como podemos nós, como povo, nos reconciliar com o fato de termos sido as vítimas de um dos crimes mais abomináveis da Humanidade, o tráfico de escravos?”

Os vestígios daquela profunda degradação ainda fazem parte, desgastam, e às vezes consomem – conscientemente e inconscientemente – o bem-estar psíquico dos afro-americanos deste país, e sem dúvida, influem nas suas contribuições culturais.

Com respeito a esta contribuição, torna-se tendenciosa a referência aos negros norte-americanos como afro-americanos. Tal como teorizou em 1903 o iminente estudioso – também *afro-americano* – W.E.B. Du Bois<sup>1</sup>, a alma negra aparece frequentemente dividida por impulsos inquietantes, entre sua condição de americana – e portanto sujeita a influências européias – e de africana – sujeita a ancestrais influências instintivas.

Du Bois afirmou que esta batalha interna que ocorre na alma do afro-americano jamais será superada se os negros não ganharem a guerra contra a tirania da cultura européia. Ou morrerem nela.

“Trata-se de uma luta até o final”, dirá Du Bois em *Reconstrução negra*, uma das suas obras mais conhecidas e influentes. “Viva ou morra. Se ganhar, não poderá fazê-lo por meio de subterfúgios, evasões ou amálgamas. Entrará na moderna civilização dos Estados Uni-





## CULTURA

ESTADOS UNIDOS

dos como homem negro, em condições de perfeita e ilimitada igualdade com o homem branco. Ou não entrará. Nisto não pode haver meio termo. Trata-se da última grande batalha americana”.

Em alguma parte, no fundo dos seus corações, tanto os brancos norte-americanos como os afro-americanos sabem que, entre eles, existe uma batalha de morte, lenta mais inexorável, que cada qual trava com concepções diametralmente opostas da realidade.

### Contribuição à cultura –

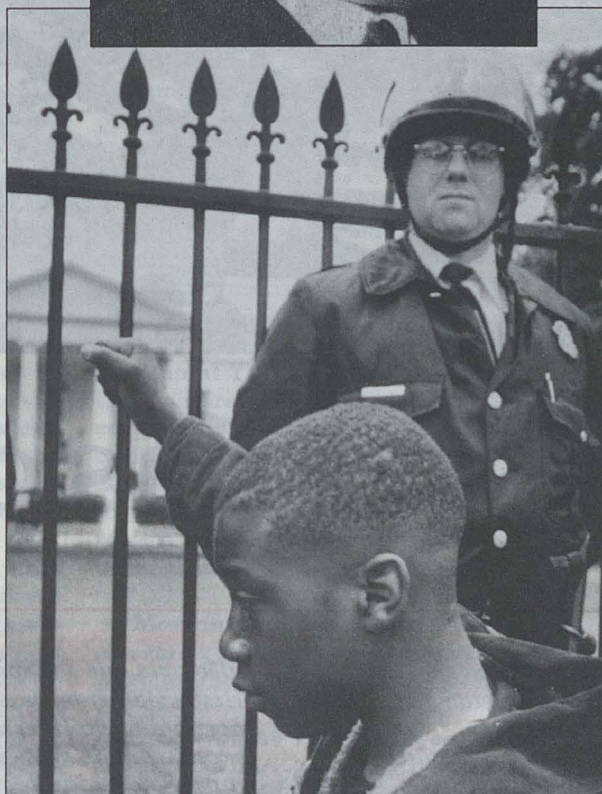
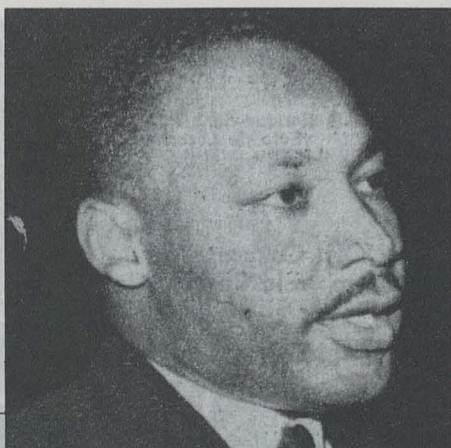
Os afro-americanos deram sua contribuição mais perdurável à cultura mundial, quando decidiram voltar aos seus valores africanos, à sua *africanidade*. Tal como Du Bois assinalou há muito tempo, suas mais importantes contribuições se manifestam na esfera da música e da moralidade.

Na sua obra *A alma dos negros*, Du Bois descreve a mais notável contribuição dos afro-americanos à cultura mundial: “As canções dos negros, o grito rítmico da selva, permanecem hoje não só como a única música norte-americana, mas também como a mais bela expressão humana nascida neste lado do oceano... Como a singular herança espiritual da nação e a maior oferenda do povo negro”.

Depois da revolução norte-americana, os afro-americanos que eram escravos no sul dos Estados Unidos desenvolveram este dom, através da utilização dos seus próprios valores de origem africana, para *africanizar* o cristianismo e torná-lo seu.

A Igreja africanizada se transformou, assim, em uma fonte institucionalizada de auto-estima e força interna no seio da comunidade afro-americana. Converteu-se também em uma sólida plataforma onde eles, possuídos por esse espírito, permitiram a si mesmos visualizar e sonhar com uma liberdade desconhecida, que sempre lhes foi negada no mundo do homem branco.

**Consciência moral** – Em muitos aspectos, a frase de Martin Luther King (“Eu tive um sonho...”), este libelo imortal pela liberdade e pela justiça para os afro-americanos e para todos os filhos de Deus, representou um grande impulso na tradição religiosa *afro-americana*, ao mesmo tempo que supunha um legado inquestionável



Para os afro-americanos, Luther King continua um símbolo de sua luta

nável capaz de moldar o papel afro-americano como o termômetro da moral dos Estados Unidos, como sua consciência moral.

Daí nasce a segurança de que a América branca não conseguirá alcançar sua plenitude e não será completamente livre até que se liberte a América negra.

Esta é, portanto, uma luta até suas últimas consequências. Uma luta que os afro-americanos podem sustentar pela sua capacidade, inspirada na espiritualidade, de encontrar através da música uma tranquilidade e uma apaixonada liberdade, em um meio em que tais condições lhes foram e ainda lhes são negadas.

*Spirituals, blues, jazz, ragtime, gospel, funk e rap* são formas interligadas da arte musical afro-americana, e representam, como já havia dito Du Bois, a única contribuição original norte-americana à cultura musical universal.

Estas formas de expressão artística brotam espontaneamente da mesma fonte ancestral e testemunham a capacidade de resistência e de adaptação da “metade” africana da alma inquieta dos afro-americanos, diante de um opressor que tenta constantemente – ainda hoje – acertá-los com um golpe mortal e, com isso, perversamente, matar a si mesmo.

Voltemos, então, nosso olhar para uma visão – inspirada no modelo africano – da perfeição humana. Reivindicamos então Du Bois, aquele profeta que teve a coragem de

sonhar com esta perfeição. “Chegará um dia – disse seu sonho profético –, um velho mas eternamente jovem dia, no qual florescerá na África uma civilização sem minas de carvão, sem ruído, onde as máquinas cantarão e jamais rugirão, onde o homem pensará, dormirá e dançará antes do amanhecer, e onde a mulher será feliz”.

<sup>1</sup> Michael Oneal é escritor e professor de jornalismo na Universidade de Nova Iorque.  
<sup>2</sup> William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963): considerado o pai dos movimentos anti-racistas nos Estados Unidos e precursor do panafricanismo. Firme lutador pela unidade nacional, Du Bois se opôs tanto ao gradualismo (eliminação gradual da discriminação racial) como ao isolamento político. Opinava que a população negra dos Estados Unidos devia buscar o tratamento igualitário mediante organizações de massas que obrigassem os brancos a acabar com a discriminação. Objeto de ameaças e maus-tratos, agravados depois da decisão de se filiar ao Partido Comunista, aos 93 anos de idade, Du Bois decide pouco depois auto-exilar-se em Gana e renunciar à cidadania norte-americana.





# O renascer das cinzas

**A** dissolução da União Soviética e o colapso dos regimes comunistas do Leste europeu levaram muitos conservadores eufóricos a proclamar a supremacia definitiva do capitalismo. Na sua opinião, se aquele modelo não tinha conseguido atender às demandas sociais de níveis mais elevados de vida e maiores espaços de liberdade ficavam invalidadas todas as idéias socialistas. Uma atitude arrogante, sem dúvida, para quem defende um sistema incapaz de reverter a tendência ao empobrecimento de camadas sociais cada vez maiores, dentro das ilhas de prosperidade que criaram a ilusão de que os benefícios do consumo podiam ser para todos. Mais sensata parece ser a postura daqueles que não identificam o fracasso do modelo soviético com a superação dos princípios socialistas e buscam entender suas deficiências sem confundir um regime com a

ideologia que o inspira. Historicamente, os social-democratas agrupados na Internacional Socialista expuseram de maneira aberta suas divergências ideológicas com um modelo que para eles negava a própria essência do socialismo, ou seja, a democracia, o poder emanado do povo. Muitas dessas críticas se mostraram válidas. Mas isso não os torna automaticamente herdeiros históricos do ideário socialista. Como se pode comprovar nos artigos que compõem a matéria de capa deste número, o último Congresso da Internacional Socialista parece demonstrar que os partidos-membros têm consciência do desafio que enfrentam. Se forem capazes de se transformar em uma alternativa ao capitalismo estarão historicamente justificados. Se não, este vazio pode ser ocupado por outras forças políticas.



# A rosa vermelha do socialismo



No mesmo Reichstag onde Bismark e Hitler tentaram inverter o curso da História, os socialistas reafirmaram a atualidade de suas idéias e definiram a luta contra o neoliberalismo como uma prioridade. O recente XIX Congresso da Internacional Socialista (IS), realizado em Berlim, foi um marco muito importante na longa história de lutas dos social-democratas e dos socialistas.

A reunião na capital da Alemanha unificada já era em si expressiva de um novo tempo. O mais significativo, no entanto, foi o fato de que aquela assembléia se realizava no Parlamento alemão, o reconstruído edifício do Reichstag, quase na antiga linha divisória das duas Alemanhas e não muito distante do que hoje são meras lembranças históricas do Muro de Berlim.

A presença de 155 delegações, entre membros efetivos (105), consultivos e observadores, converteu a sala de sessões do Reichstag numa assembléia planetária, em que se falavam dezenas de idiomas. Os franceses do Partido Socialista e os ilhéus da distante Fidji, no oceano Pacífico, ou os delegados do Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR) boliviano e os tranquilos representantes do Partido Socialista de Burkina Faso, encontravam-se lado a lado, buscando idiomas em que pudessem se comunicar.

Ao líder histórico da IS, Willy Brandt, consultor extraordinário da nova política do socialismo moderno, não escaparam o significado e o simbolismo daquela escolha. Na sua breve declaração de despedida ao Congresso, seguramente o seu último documento antes de morrer poucas semanas depois, recordou que foi no Reichstag que "tantas vezes se decidiu sobre a guerra e a paz na Europa. O lugar onde tanto se falou na liberdade e na tirania".

Peña Gómez, do Partido Revolucionário Dominicano, declarou: "O sonho de Willy Brandt se realizou. Os socialistas democráticos de todos os continentes regressaram ao Reichstag, o velho Parlamento alemão de onde o chanceler Bismark pretendia, inutilmente, com as chamadas leis anti-socialistas, a exclusão e a perseguição da social-democracia alemã."

Outros delegados aludiram ao fato de que, daquela tribuna política, Adolf Hitler traumatizou o mundo com as suas declarações belicistas. Mas foi seguramente o líder trabalhista israelense, general Yitzhak Rabin, que deu o tom mais dramático da mudança política que ali se festejava. Era um judeu, como os milhões de mortos nos campos de concentração, que falava, naquele instante, como primeiro-ministro de Israel na tribuna mais emblemática do poder alemão.

**Momento de definições** – Todos esses fatos já carregavam o ambiente de profundas conotações históricas, embora o decisivo ali fosse o Congresso em si mesmo, o primeiro depois das grandes

*Mais de 150 delegações de quase todo o mundo discutem em Berlim a crise capitalista, as novas relações internacionais e o futuro do socialismo*

**Neiva Moreira**



**Ex-União Soviética: quase todos os símbolos do regime comunista foram derrubados**





O Congresso da IS foi realizado não muito distante do que hoje são meras lembranças do Muro de Berlim (foto acima)

mudanças na Europa do pós-Guerra Fria.

Quando existia o Leste comunista, com os seus valores, suas estruturas burocráticas e seus mitos, a Internacional Socialista lutou durante décadas por um espaço ideológico próprio. Nesse período histórico, os social-democratas estiveram comprimidos entre um capitalismo que, doutrinariamente, renegavam e o modelo de sociedade do "socialismo real" com o qual, no campo econômico e social, tinham certas afinidades, mas do qual os separavam divergências intransponíveis ao nível das franquias democráticas e do papel da liberdade no socialismo.

Essas divergências remontam às primeiras décadas do nosso século quando Rosa Luxemburgo, Karl Kautsky, Karl Liebknecht, Edouard Bernstein e outros revolucionários que lutavam por um socialismo com liberdade se rebelaram contra os desvios autoritários da revolução comunista. Naquele tempo, diferentes correntes da social-democracia alemã, tendo à frente o chanceler Friederich Ebert, tentaram, sem êxito – inclusive através de um Conselho dos Comissários do Povo –

uma posição unificada sobre a natureza, os alcances e o tempo da revolução que se desenrolava na União Soviética.

No centro das divergências esteve sempre o problema da liberdade. Rosa Luxemburgo declarava: "Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem a luta viva entre as opiniões, a vida morre em todas as instituições políticas, torna-se uma vida aparente, onde a burocracia resta como único elemento ativo."

Para Karl Kautsky, "socialismo sem democracia é impensável. Entendemos o moderno socialismo não como a simples organização da produção social, mas, também, como a organização democrática da sociedade", disse ele.

Os caminhos entre a social-democracia e o comunismo afastaram-se desde então, com candentes denúncias sobre os desvios ditatoriais do modelo soviético de socialismo. A luta da IS tornou-se mais dura e complexa, num equilíbrio político difícil e perigoso. Os social-democratas eram vistos com desconfiança pela direita e, também, pela esquerda comunista que, em certo período, se arrogava a árbitro da pureza ideológica e da coerência doutrinária.

Mas os problemas da social-democracia não vinham – e não vêm – apenas desse posicionamento difícil em face do modelo comunista. Lutava-se, também, no seu interior, contra a carência de definições ideológicas mais claras, que comprometessem a um mínimo de coerência prática os partidos que chegavam ao governo prometendo ao povo um programa socialista.

**O avanço doutrinário** – Essa situação tem-se alterado substancialmente nos últimos tempos. Na verdade, antes mesmo da crise do chamado socialismo real, já se notavam esforços de lideranças da Internacional Socialista no sentido do maior compromisso com as definições ideológicas. Essa evolução, embora lenta, foi evidente não só na Europa – onde mesmo dentro de poderosos partidos como o socialista francês, o trabalhista inglês, o SPD alemão era intenso o confronto interno –, mas também na América Latina.

A Internacional Socialista assumiu, desde os anos 60 – a década dos ditadores no nosso continente – posições firmes no respaldo à luta contra os regimes militares ou em apoio a processos



revolucionários como os de Nicarágua, El Salvador e Guatemala, defendendo reformas políticas, econômicas e sociais.

Embora o mesmo não ocorresse com igual nitidez em relação ao regime cubano, não há dúvidas de que se foi plasmando, ao longo dos anos, uma compreensão maior com o processo revolucionário que, há mais de três décadas, se desenrola em Cuba apesar da pressão norte-americana e do isolamento econômico.

**Os novos desafios** – No Congresso de Berlim, os partidos da IS preocupavam-se em definir suas posições em relação a problemas concretos, como a crise do sistema financeiro internacional, a unidade européia, os novos modelos democráticos do Leste europeu e da África (com jovens partidos saídos da crise do comunismo ou das guerras de libertação solicitando sua filiação) e as guerras civis de natureza étnico-religiosa, como as da Iugoslávia e da antiga União Soviética.

Os desafios ideológicos se multiplicaram nesses últimos anos e exigiram dos socialistas posições concretas, principalmente no enfrentamento ao modelo econômico capitalista na sua vestimenta neoliberal. No espectro das diferentes tendências do mundo pós-Guerra Fria, a IS passou a ocupar a área mais à esquerda. Cabe-lhe, atualmente, a difícil tarefa de forjar o socialismo em harmonia com a liberdade democrática.

Na aplicação dos programas definidos nos textos e prometidos nos programas, os socialistas tiveram confrontos definidores e por vezes doutrinários. Nem sempre foi fácil no exercício cotidiano do poder enfrentar fatores externos adversos, pressões internas e a resistência de hábitos, estilos políticos e privilégios de classe na arraigada máquina do Estado e no conjunto do sistema de poder.

**Redefinir o papel do Estado** – É possível que na história da Internacional Socialista o XIX Congresso seja recordado sempre pelo debate de alto nível que ali se travou. A condenação à onda do neoliberalismo e sua criação privilegiada, o livre mercado com o asfixiamento e a minimização do Estado, foi contundente e esboçaram-se ele-

mentos que deveriam estar presentes numa sociedade orientada pelos valores socialistas democráticos.

A maioria dos cerca de cem oradores que se fizeram ouvir condenou a deificação do mercado como a varinha mágica capaz de solucionar todos os problemas. O líder socialista italiano Bettino Craxi expressou essa preocupação: "Frente aos graves perigos e às crescentes contradições que atravessa a economia mundial, o pleno reconhecimento do valor da economia de mercado não pode conduzir a considerar-se que o Estado deva ser excluído da economia. A 'mão invisível' não poderá jamais resolver todos os problemas e não se pode considerar a livre concorrência e o mercado aberto um 'dom da natureza', que não necessita nem de ajuda nem de controle."

Os dados sobre a crise do capitalismo, a recessão, o desemprego, as desigualdades sociais foram amplamente analisados e os sistemas que os geraram, apontados como exemplos de modelos a combater.

No documento nº 4, apresentado ao Congresso pelo secretário executivo, o chileno Luiz Ayala, cujo mandato foi unanimemente renovado, se aponta a solução da crise do Estado, sobretudo nos países capitalistas: "A tradição da social-democracia, baseada na opção por uma economia mista, um Estado de bem-estar que ofereça uma rede de se-



A questão da saúde e da educação também foi analisada pelos líderes da IS

"Já se disse que o século XX foi o século dos social-democratas, mas que o próximo pertencerá a outras forças políticas. É uma forma de reconhecer o papel importante que tivemos, mas, ao mesmo tempo, de questionar nossa capacidade de dar respostas aos novos desafios. Eu estou convencido, pelo contrário, que só um movimento político baseado nos valores e nas interpretações social-democratas poderá ter solidez suficiente para responder às demandas do próximo século".



**Ingvar Carlsson**  
Vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Líder do Partido  
Social-Democrata Sueco

"Nossos governos (no Leste europeu) estão aplicando tratamentos de choque. Na realidade, há choque mas não há tratamento. Não esqueçam. Ao ajudar os partidos social-democratas do Leste da Europa estarão ajudando a si mesmos."

**Peter Dertliev**  
Presidente do Partido  
Social-Democrata Búlgaro

"É correto conservar o meio ambiente, porque se não, a vida seria impossível. Mas é igualmente correto proteger as pessoas, porque, caso contrário, não seria possível contemplar o meio ambiente."



**Hugo Batalla**  
Secretário geral do Partido para  
o Governo do Povo do Uruguai



"Com o desmantelamento do chamado socialismo autoritário, as esperanças das pessoas se voltam para nós — as esperanças não só da classe média e das classes trabalhadoras organizadas, mas muito especialmente das multidões de marginalizados, que não têm voz própria. Por isso é importante ocuparmos esse espaço de forma incisiva, porque a rigor é o nosso espaço, e não deixá-lo à mercê de movimentos que, por mero radicalismo, pretendem colocar-se mais à esquerda da Internacional Socialista"



**Leonel Brizola**  
*Vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Líder do Partido Democrático  
Trabalhista do Brasil*

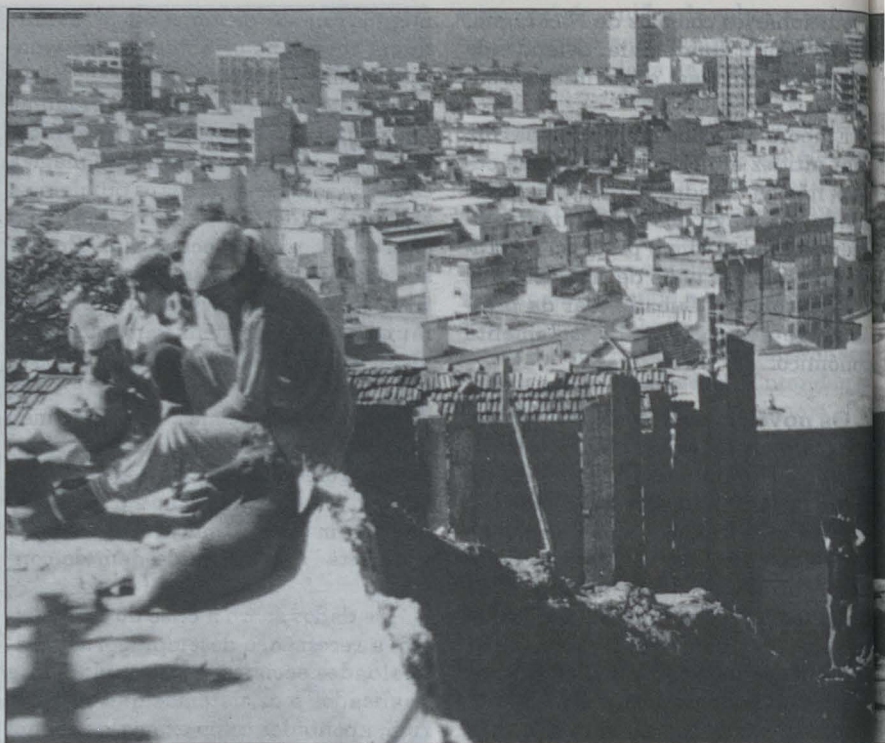
"Após quatro décadas de Guerra Fria, uma nova oportunidade se abre à ONU de desempenhar um papel fundamental na promoção do progresso social, elevar os níveis de vida em um clima de paz, como estipula a Carta das Nações Unidas. Ao aproximar-se o século XXI, não devemos nos encerrar em nossos direitos nacionais, mas mergulhar em uma reforma fundamental da instituição internacional para que se possa contribuir para a proteção aos direitos humanos, para o desenvolvimento do Terceiro Mundo e para a preservação do meio ambiente e da paz mundial."



**Makoto Tanabe**  
*Líder do Partido  
Social-Democrata do Japão*

## CAPA

### INTERNACIONAL SOCIALISTA



gurança básica e a democracia política, assim como no reforço da cooperação internacional, pode mostrar o caminho para abordar esses urgentes problemas."

Foi revelador ouvir de líderes social-democratas de países desenvolvidos as mesmas críticas formuladas pela esquerda latino-americana e terceiro-mundista em geral contra o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), cujas políticas fizeram aumentar consideravelmente a brecha entre países ricos e pobres e estancar o desenvolvimento das nações emergentes, mergulhando-as numa profunda crise social com graves consequências, inclusive, no plano institucional.

Nas suas contundentes críticas a essas agências — "meros instrumentos dos poderosos" — Leonel Brizola, vice-presidente da IS, insistiu na sua tese, acolhida pelos partidos, de que o mundo projetado após a Segunda Guerra Mundial a partir da Conferência de Bretton Woods está agônico e, assim como as autocracias do Leste foram varridas pela onda democrática e renovadora, regimes dominantes no Terceiro Mundo, especialmente na América Latina, estão historicamente esgotados. O líder do Partido Trabalhista da Inglaterra,

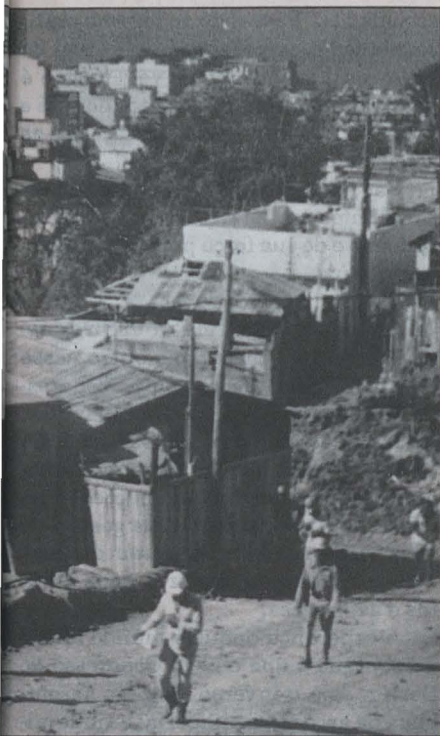
John Smith, que substituiu Neil Kinnock, o qual perdeu as últimas eleições por uma pequena margem, foi enfático no apoio a essa tese: "Está acabando o combustível para os conservadores."

**A crise do comunismo** — Um dos temas mais discutidos no Congresso foi a crise do comunismo. Não poucos dos líderes dos novos partidos socialistas do Leste europeu procedem das estruturas comunistas, foram seus contemporâneos ou suas vítimas. Por conhecer de perto os erros e as enormes deformações que ali se praticavam em nome do socialismo foram seguramente os mais rigorosos na sua crítica.

O novo presidente da Internacional Socialista, o ex-primeiro-ministro francês Pierre Mauroy, foi um dos analistas mais precisos daquela imensa reviravolta e, também, das divergências ideológicas que, historicamente, separavam comunistas e socialistas. "A História polarizou o debate que nos opunha ao comunismo. A clarificação se deu com os fatos. O erro do comunismo foi ter acreditado que se podia privilegiar a igualdade no lugar da liberdade. E ter ignorado que a economia dirigida se transformaria necessariamente na ditadura."

O depoimento de um conhecedor do





A crise do capitalismo, a recessão, o desemprego e as desigualdades sociais foram amplamente analisados e os sistemas que os geraram, apontados como exemplos de modelos a combater

## Uma ONG muito especial

*A Internacional Socialista (IS) foi fundada em 1864, sendo, portanto, a mais antiga organização política internacional. Atualmente está integrada por 111 organizações e partidos políticos de todos os continentes, constituindo também a associação internacional mais numerosa. Trata-se, de fato, de um grande foro para a ação e discussão política, para o diálogo e a troca de idéias. Suas decisões servem para assessorar os membros e a comunidade mundial.*

*O Congresso se reúne a cada três anos e o Conselho (no qual estão representados todos os membros) funciona duas vezes ao ano. Ambos constituem o poder supremo da IS. Comitês, conselhos e grupos de estudo que se reúnem periodicamente têm sido organizados para trabalhar em temas como o desarmamento, economia política, Oriente Médio, direitos humanos, América Latina e Caribe, Mediterrâneo, Meio Ambiente, África, a região Ásia-Pacífico, finanças e administração.*

*A IS é uma organização não-governamental (ONG) reconhecida internacionalmente, que colabora com as Nações Unidas e com numerosas organizações mundiais.*

tema, o ex-presidente soviético Mikhail Gorbachev, presente em Berlim como convidado da IS, foi sugestivo: "O ideal de justiça e igualdade conserva todo o seu valor. O novo socialismo permitirá a participação de todas as forças progressistas", disse ele. E deu esse conselho aos neoliberais: "O liberalismo devia inspirar-se em certos princípios socialistas."

Um dos fatos mais marcantes do Congresso de Berlim é que a Internacional Socialista começou a distanciar-se de sua posição de um mero foro em que se defendiam idéias progressistas e renovadoras em nome do ideal socialista, para converter-se em um novo centro de decisões, bem mais objetivas e definidas.

**Os interesses do Terceiro Mundo** – Dezenas de partidos da América Latina, África, Ásia e Oceania, que hoje são maioria na organização, consideram que o Congresso de Berlim marcou um momento afirmativo no apoio às reivindicações dos seus povos. Mas eles reivindicam que, além da indispensável condenação a práticas ditatoriais ou atentatórias dos direitos humanos e da

retórica palavrosa de algumas declarações, a IS deve liderar a luta contra a injustiça econômica e social, que está cavando um abismo entre o Sul pobre e o Norte rico do planeta.

Socialistas dos países ricos, muitos dos quais em funções de governo, foram mais além: compartilhavam com as delegações do Terceiro Mundo suas análises, seus protestos e reivindicações e assumiram o compromisso de ação conjunta, expresso no plenário e nos documentos oficiais. Falta agora aguardar pelos resultados práticos dessas definições.

O Partido Socialista do Gabão traduziu o pensamento dos povos africanos – essa imensa área marginalizada do mundo subdesenvolvido – ao exigir que a Internacional Socialista "se coloque na vanguarda da luta contra a pobreza". E acrescentou o seu delegado: "A IS, da qual faz parte um grande número de partidos no poder entre as maiores potências, deveria influenciar o mundo do capital para que ele compreenda que o seu interesse está não na mão que esmaga, mas na generosidade para com o desenvolvimento de outras



"Ao rejeitar, como rejeitamos, o individualismo niilista e pós-moderno devemos combinar mais solidariedade e mais responsabilidade. Devemos continuar a busca da síntese da liberdade e da igualdade. É necessário reconhecer o papel da realização pessoal em nossas sociedades. Temos que aceitar a importância da iniciativa e da criatividade, tanto a nível individual como social."



**Antonio Guterres**  
Vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Secretário geral do Partido  
Socialista de Portugal

"Penso que proteger nossas economias (nos países do Terceiro Mundo) durante um determinado período é uma etapa inevitável do processo de desenvolvimento. Os japoneses o fizeram, os europeus também. E inclusive hoje os países mais ricos protegem sua agricultura, sua indústria, não abrem as economias para os mais pobres. Não somos nós que nos marginalizamos da economia mundial. São os países do Norte que impedem o desenvolvimento dos países do Sul, ao "oferecer-nos" uma forma de integração que não nos interessa, porque, ao invés de nos fazer avançar, nos conduz a um maior subdesenvolvimento."



**Joseph Ki-Zerbo**  
Secretário geral da Frente  
Progressista do Alto Volta  
(Burkina Faso)

**O ressurgimento do neonazismo e a xenofobia na Europa, particularmente na Alemanha, preocupam os líderes social-democratas (abaixo, manifestação anti-racista em Berlim)**



sociedades." Passando ao terreno prático, ele fez essa pergunta indicativa de uma realidade inaceitável: "Como é possível imaginar que o preço do café e do cacau seja ditado do exterior para as zonas de produção?"

São, assim, perspectivas novas e estimulantes em termos do futuro do socialismo e de sua força propulsora, a Internacional.

**A semente de uma nova proposta** - Entre um discurso e outro nesse evento histórico, evoco o outro Congresso também de Berlim, onde Bismarck com os seus aliados europeus, impôs a completa remodelação do mundo colonial, dispôs do destino de nações milenares, de sua cultura, de sua gestão, de suas fronteiras e riquezas, sem ouvi-las nem respeitar sua história, seus direitos e aspirações.

A esperança daquele mundo ali representado é que o novo Congresso de Berlim seja o inverso daquela assembléia da arrogância imperial e ajude milhões de homens e mulheres em todo o mundo a encontrarem, pelos caminhos do socialismo, o ideal do desenvolvimento independente e da justiça social.

Seria inexacto dizer que todos os partidos social-democratas e socialistas ali reunidos já alcançaram o mesmo grau de avanço ideológico ou uma nítida compreensão daqueles problemas. Encontraram, no entanto, um espaço co-





## A Internacional Socialista de Mulheres

A XV Conferência da Internacional Socialista de Mulheres (ISM) – atualmente com 75 entidades filiadas – se reuniu em Berlim nos dias 12 e 13 de setembro de 1992. A ISM, que tem caráter consultivo na Unesco, no Conselho Econômico e Social da ONU e no Conselho da Europa, representa os grupos e organizações femininas ou representantes das mulheres dos partidos que integram a IS.

O tema principal do encontro foi “Família, uma responsabilidade da mulher?”, e alguns subtemas como: “Novas estruturas familiares”, “Famílias sem o pai ou a mãe” e “Mulheres na Terceira Idade”.

Anne-Marie Lizin, da Bélgica, foi eleita presidente da ISM. Lizin é membro do Parlamento de seu país e preside a Comissão de Relações Exteriores das Comunidades Francesas da Bélgica. María Jonas, da Áustria, foi reeleita para o cargo de secretária geral, que ocupa desde 1986. A América Latina ocupa 4 das 16 vice-presidências da ISM: Ligia Doutel de Andrade, representa o PDT do Brasil; Alejandra Faulbaum, o Partido Radical, do Chile; Ixora Rojas, a Ação Democrática, da Venezuela, e Sofía Sánchez, o PRD, da República Dominicana.

A ISM foi fundada em 1907, quando 58 delegadas de diversos países do mundo participaram da primeira Conferência da Internacional Socialista de Mulheres, realizada na cidade alemã de Stuttgart. Aquela reunião adotou uma resolução a favor do voto feminino que ajudou muito as militantes precursoras dos direitos políticos da mulher.

“A Internacional Socialista deve levar adiante a decisão de opor-se ao *apartheid* contra a mulher com a mesma força usada



para condenar o *apartheid* contra os negros. Na Olimpíada de Barcelona comemoramos o fim do *apartheid* ao dar as boas-vindas à delegação da África do Sul, mas ninguém condenou o novo *apartheid* que se delineava diante dos nossos olhos, quando seis delegações nacionais se recusaram a incluir mulheres entre seus atletas. Isso não pode se repetir nas Olimpíadas de Atlanta ou deveremos exigir um boicote!”

**Anne-Marie Lizin**

Vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Presidente da Internacional  
Socialista de Mulheres

“O comunismo caiu porque, contrariamente às previsões de Karl Marx, não teve condições de tomar o poder nos países da Europa



ocidental ou do restante do mundo industrializado. E não pôde fazê-lo porque sua clientela política potencial – os trabalhadores e os pobres, para quem foi pensada sua plataforma política – se alinhou à social-democracia, deixando os partidos comunistas sem uma sólida base social de apoio.”

**José Francisco Peña Gómez**

Vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Líder do Partido Revolucionário  
Dominicano, da República  
Dominicana



"É necessário que se pergunte: qual é o objetivo do desenvolvimento econômico? Como social-democratas, entendemos que o propósito do desenvolvimento econômico é o desenvolvimento humano. A economia serve para satisfazer as necessidades humanas. Se suas necessidades estão satisfeitas, a potencialidade do ser humano aflora. Como entendemos então o comércio internacional? Nós o vemos como um sistema cuja meta principal é elevar as condições de vida dos seres humanos. Se não o faz – se não lhes dá possibilidades de melhorar a assistência médica, a educação, a segurança ambiental – devemos nos perguntar o que estamos fazendo."



**Audrey McLaughlin**  
Vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Líder do Novo Partido  
Democrático, do Canadá

"O que aconteceu desde a reunião (de chefes de Estado do Norte e do Sul) de Cancún em 1981? A realidade não é animadora. Todos os indicadores sociais e econômicos sugerem que, para uma ampla maioria da população mundial, a situação não só não melhorou como se deteriorou."



**Franz Vranitsky**  
Vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Chanceler (primeiro-ministro)  
austriaco  
Líder do Partido  
Social-Democrata da Áustria

## CAPA

INTERNACIONAL SOCIALISTA

### A última mensagem de Willy Brandt\*

Queridos companheiros,

É desnecessário dizer o quanto teria gostado de estar com vocês hoje. Mas isso não foi possível e por isso devo transmitir-lhes minha saudação por esta via.

Tampouco é preciso que lhes diga o quanto estou feliz hoje por estarem reunidos em Berlim. Outros lugares, nas novas democracias do Leste, mereceriam ser a sede do encontro. Mas – por que não admiti-lo – fiquei muito emocionado quando Felipe González sugeriu que fosse em Berlim.

E por que não acrescentar que, na mesma hora, pensei que se nos reuníamos em Berlim, deveríamos fazê-lo no Reichstag, o lugar na Alemanha onde tantas vezes se discutiu a paz da Europa. O lugar onde tanto se discutiu a liberdade e a opressão.

Não faz muito tempo propus que a direção da nossa Internacional Socialista fosse depositada em mãos mais jovens. Porque eu já havia estado à sua frente por 16 anos e senti que era muito tempo. Apesar de que, no final das contas, que são 16 anos comparados a uma tradição centenária como a nossa?

Ainda assim, nesse breve período, esta cidade, este país e o continente inteiro mudaram. Na realidade, o mundo inteiro não é o mesmo de 1976, quando assumi o cargo em Genebra.

Naquele momento, conseguir a paz mundial não era nosso único objetivo, mas sim nossa primeira prioridade. A paz entre dois blocos que possuíam armas nucleares e que nós considerávamos firmemente implantados. A paz era então o requisito imprescindível da liberdade.

Hoje, uma década e meia depois, já não nos preocupa conseguir aquela paz, mas sim devolver a paz que se perdeu em tantos lugares do mundo, que hoje é um mundo mais livre, mas está muito mais abalado.

Cada um dos partidos que integra nossa comunidade tem um compromisso com o país ao qual pertence e esse país tem uma responsabilidade com o mundo, com a região do mundo

onde se localiza e com o resto do mundo. O fato de termos nos estendido fora da Europa e de termos nos transformado em uma verdadeira organização mundial e, consequentemente, em uma organização diferente, me enche e nos enche de satisfação. No entanto, o número de partidos-membros e os que têm solicitado sua admissão, não representa um valor por si só. Na verdade, implica um compromisso.

Todo sofrimento humano nos preocupa. Não devemos nos esquecer que se tolerarmos a injustiça por muito tempo, estaremos abrindo a porta para que ocorram novas injustiças.

O fortalecimento das Nações Unidas tem sido um dos nossos objetivos mais antigos e permanentes. Hoje, quando a ONU ganha influência mundial, se não poder, é necessário redobrar nossos esforços para que possamos dotá-la de meios apropriados para exercer essa influência.

Inclusive depois da nova era a que se abriu em 1989-1990, o mundo não pode limitar-se a ser meramente bom. Neste momento, muito mais do que em qualquer época do passado, se abre diante de nós uma enorme gama de possibilidades (boas e más). Nada ocorre de forma espontânea e poucas são as coisas que duram para sempre. Por isso não devemos subestimar nossas forças, nem esquecermos que cada momento exige uma resposta particular. E que tem que se estar à altura das circunstâncias, quando se quer chegar a fazer o bem.

Quero agradecer a todos os que têm colaborado. Desejo-lhes sucesso nas deliberações.

Ao meu sucessor, desejo toda a força e boa sorte que merece.

Willy Brandt

Presidente da Internacional Socialista

Unkel, 14 de setembro de 1992

\*A grave doença que acabou por provocar-lhe a morte poucas semanas depois impediu Brandt de cumprir o seu desejo de passar pessoalmente a presidência da IS a Pierre Mauroy e presidir o Congresso da Internacional Socialista que acortecia em sua querida Berlim. A mensagem de Willy Brandt foi lida pelo primeiro-ministro espanhol Felipe González.



## O novo Partido Socialista Europeu

*Delegações de partidos socialistas europeus reuniram-se em Haia, em novembro passado, e fundaram o Partido Socialista Europeu (PSE). É um passo à frente no quadro dos debates e decisões do XIX Congresso da Internacional Socialista.*

*Durante a reunião verificaram-se acaloradas discussões, principalmente sobre o tema da cooperação dos países ricos com as nações em desenvolvimento. O delegado do PS português, Antonio Guterres, reivindicou dos partidos socialistas "uma vocação pioneira no debate Norte-Sul". O delegado da Frente Argelina de Forças Socialistas, Hosine Ait Ahmed, presente às reuniões, foi mais crítico na sua apreciação: "Os europeus parecem estar muito satisfeitos de serem uma família branca e voltar as costas ao Sul", advertindo seus colegas sobre "uma fortaleza européia, construída sobre a areia da intolerância".*

*Os debates sobre temas internacionais foram marcados pela vitória de Bill Clinton nos Estados Unidos. Suas medidas no campo econômico foram apresentadas como prenúncio de derrotas para os conservadores.*

*O PSE é, individualmente, o maior partido do Parlamento Europeu.*

mum de atuação e têm clareza sobre as etapas e metas de um processo socialista coerente.

A aparente homogeneidade nem sempre é sinal de força e unidade. O exemplo soviético é didático. Envolvidos por uma onda de apodrecimento interno, pressões externas e campanhas de mídia tecnicamente orientadas, os partidos comunistas se desagregaram facilmente. Sua homogeneidade e avanço ideológico eram artificiais, seja nos tempos do Komintern e do Kominform, como do Comecom e do Pacto de Varsóvia<sup>1</sup>.

Um dado fundamental no esforço de estruturação da moderna Internacional Socialista é que seus objetivos, embora mais modestos, foram definidos claramente e os partidos se obrigam a lutar por eles. O mais importante contudo é que as decisões foram tomadas num momento histórico em que o comunismo se esboroa e por vezes parecia apenas sobrar o neoliberalismo, a

teoria do mercado e o poder ilimitado de exploração dos pobres pelos ricos, com um Estado impotente e acuado.

Mas no Reichstag ficou claro que a semente de uma proposta nova estava ali, algo despercebida e fora da mira dos holofotes. Mas de súbito, na força das idéias defendidas, ela mostrou sua vitalidade, projetando sobre as esperanças contidas e as frustrações de milhões de seres humanos, a doce esperança da rosa vermelha do socialismo. ■

<sup>1</sup>*Komintern* (Internacional Comunista): Órgão criado em 1919 que centralizava as decisões tomadas pelos partidos comunistas. Historicamente integrado pelos dirigentes dos principais partidos comunistas fundados a partir da década de 20, como o italiano, francês, chinês e o próprio Partido Comunista Brasileiro, além do soviético

*Kominform* (Birô de Informação Comunista): Organização fundada em 1947 que reagrupava os partidos comunistas a nível internacional. Dissolvida no auge da Guerra Fria

*Comecom* (Conselho de Assistência Econômica Mútua): Mercado comum dos países da comunidade socialista, criado em 1949 e dissolvido na esteira da crise do chamado socialismo real do Leste europeu

*Pacto de Varsóvia*: Organização político-militar criada em 1955 que agrupava os países socialistas, em resposta à aliança militar dos países capitalistas (Otan)

"Se mantivermos a ilusão de que as nações podem atuar de forma isolada estaremos correndo o risco de adiar decisões críticas que apenas podem ser efetivas quando os Estados atuarem coordenadamente e cooperando entre si. E ao fazê-lo, nos arriscamos a aumentar o já crescente ceticismo nas instituições democráticas e em nossos sistemas políticos. Quando os resultados (da ação política) não conduzem à satisfação das expectativas populares, as pessoas rapidamente se voltam contra a democracia. As novas e ameaçadoras organizações antidemocráticas e o clamor popular em favor de 'salvadores da pátria' em alguns de nossos países são sintomas perigosos que devemos levar em consideração com toda seriedade."



**Gro Harlem Brundtland**  
Primeira-ministra da Noruega  
Primeira-vice-presidente da  
Internacional Socialista  
Presidente do Partido  
Trabalhista da Noruega

"As massas sul-africanas continuarão necessitando do apoio (da Internacional Socialista) até que a paz, a democracia e a justiça sejam alcançadas. O Congresso Nacional Africano (CNA) registra com orgulho e honra o grande trabalho que Willy Brandt e a Internacional Socialista têm realizado, em particular entre aqueles que lutam pela independência e autodeterminação em todo mundo. Reconhecemos e apreciamos os esforços e a solidariedade para com nossa luta."

**Mensagem de Cecyl Ramaphosa**  
Secretário geral do Congresso  
Nacional Africano (CNA)





A reunificação da Alemanha, dividida pelo Muro de Berlim, criou uma nova etapa na vida política e econômica da Europa

# A luta pela liberdade

*O novo presidente da IS define o perfil que dará a sua gestão à frente do maior conglomerado de partidos políticos que existe na atualidade*

No discurso de agradecimento pela sua eleição como presidente da Internacional Socialista, em substituição a Willy Brandt, o ex-primeiro-ministro francês Pierre Mauroy fez uma reflexão sobre os desafios que esse conglomerado de partidos social-democratas enfrentará nos próximos anos. Ele chamou a atenção para o papel que deverão

desempenhar na aproximação política das facções que se enfrentam nas guerras latentes ou reais nos países do Leste europeu, e para a necessidade dos socialistas se empenharem na luta contra a pobreza, na sua opinião um dos maiores inimigos da estabilidade democrática. A seguir, publicamos o texto da sua intervenção no Congresso de Berlim.

**Pierre Mauroy\***



Eu vos agradeço, do fundo do coração, a honra que me prestam e a confiança que depositam em mim ao me elegerem Presidente da Internacional Socialista.

Eu recebo esta missão e esta distinção com emoção, orgulho e – acrescentem – uma grande humildade.

Saúdo fraternalmente os senhores seus partidos e os milhões de homens e mulheres que compartilham nossa esperança de mudar o mundo.

Estimado Willy (Brandt):

Estamos na sua cidade, Berlim. Este congresso do qual a sua doença afastou, está chegando ao fim. Ele é seu congresso. O que eu tenho a dizer gostaria de pronunciar na sua presença, em sinal de fidelidade, de amizade e de gratidão afetuosa. E, sobretudo, em homenagem àquele que durante 15 anos assumiu a responsabilidade da nossa família socialista.



Ao longo destes 16 anos, estimado Willy, e queridos camaradas, dias bem diferentes se passaram. Dias de promessa e de esperança, dias sombrios em que fomos postos à prova, e nos quais nos sentimos desamparados. Em meados da década de 70, nós tínhamos a impressão de estarmos vivendo uma longa espera, sem saber qual seria o fim daquela Guerra Fria marcada pela alternância de crises e períodos de distensão. Como deter a propagação do comunismo no auge da sua força, que parecia então representar a aspiração dos povos nascidos da descolonização? Como fazer frente à crise econômica e social que nascia dos Estados mais industrializados do planeta?

Em 1976, ainda que tudo contribuísse para o desencorajamento dos socialistas, Willy Brandt nos falava de uma nova etapa da nossa Internacional. Ele o fazia com toda sua convicção e experiência de homem de Estado.

Ele transferia, deste modo, para o seio da Internacional, aquele sentido de desafio que marcou sua carreira de homem e de militante. Este idealismo no melhor sentido do termo, Willy Brandt teve certamente desde sua juventude ao recusar como tantos outros alemães o compromisso com o nazismo.

Quando chegou a paz, foi esta recusa que tornou impossível a identificação do povo alemão com os dirigentes nazistas. Foi esta recusa que permitiu a uma geração de jovens, à qual eu pertencia, se lançar à cooperação franco-alemã e contribuir deste modo para os primeiros fundamentos da Comunidade Européia.

E mais ainda: Willy Brandt fez seu o desafio do possível, ao recusar-se a aceitar que a ordem nascida da divisão da Europa pudesse persistir, ao rejeitar a idéia de uma cisão duradoura entre as duas Alemanhas, ao não aceitar jamais a terrível existência do Muro que a dois passos daqui trans-

formava Berlim em um símbolo de um absurdo histórico.

Prefeito de Berlim, Willy Brandt agiu para que nada de irreparável acontecesse. Em 1989, no momento em que a política de Gorbachev dava seus primeiros frutos, ele nos dizia: "Eu não estava seguro de que esta geração pudesse ver o fim do Muro. Eu ao menos tentei tornar mais fácil a convivência com ele."



*"Willy Brandt fez seu o desafio do possível. A Ostpolitik, idealizada por ele, soube aliar a firmeza sem provocações e a vontade de diálogo sem concessões"*

A Ostpolitik<sup>1</sup> permanecerá como um símbolo deste desafio. Como primeiro-ministro, Willy Brandt imporia sua estratégia própria. Por si só, a firmeza para com o Leste não teria obtido outro resultado, senão a exacerbação da Guerra Fria, cheia de riscos para a paz. A estratégia oposta, o diálogo sem firmeza, teria sido inevitavelmente recebido por Moscou como um sinal de fraqueza. A Ostpolitik soube aliar a firmeza sem provocação e a vontade de diálogo sem concessões. Ninguém depois dele mudou essa estratégia. E a História dirá que, se não fossem os acontecimentos desses anos a que me refiro, nosso amigo Gorbachev não teria podido de-

sempenhar o seu papel na obra de libertação pela qual lhe somos tão gratos.

É dentro deste contexto que em 1976 Willy Brandt trará a notoriedade de um Prêmio Nobel da Paz para a Internacional Socialista. A notoriedade, mas também a inspiração. E em particular a vontade de fazer chegar a mensagem da nossa Internacional Socialista, até então limitada quase que exclu-

sivamente à Europa, a todos os cantos do mundo.

Assim como o Ocidente não podia ignorar o Leste, era necessário empreender um diálogo com o Sul. O Ocidente tinha que demonstrar a existência de um interesse comum no desenvolvimento simultâneo entre o Norte e o Sul. Os não-alinhados não deviam imaginar seu desenvolvimento como contrário aos interesses dos países desenvolvidos, e os países desenvolvidos não podiam pensar que seria possível manter à margem da sua riqueza dois terços dos habitantes do planeta.

É a partir desta análise que o socialismo reencontrou sua força original e foi capaz de propagar-se, na Europa em primeiro lugar, na Espanha, em Portugal e na França, e depois na América Latina e na África. Esta universalidade, que é a força e o orgulho do nosso movimento, nós a devemos a Willy Brandt.

Esta inspiração, eu gostaria que fosse também a da Presidência que os senhores me confiam. Eu tenho plena consciência da honra de ser o primeiro francês com esta imensa responsabilidade. E ao saudar com respeito aqueles que me precederam nesta função, permitam-me lembrar de François Mitterrand com quem nós garantimos a renovação do socialismo na França.

Ao olhar com alegria os 111 partidos e organizações membros, eu devo prestar uma homenagem às primeiras formações socialistas, cuja história já antiga nós conhecemos. Em tempos mais recentes, quero relembrar o trabalho louvável do Partido Trabalhista inglês



e dos Partidos Social-Democratas da Alemanha, da Áustria e da Suécia.

E se não posso evocar todos aqueles que desempenharam um papel dentro da Internacional Socialista, eu quero honrar particularmente hoje Bruno Kreisky e Olof Palme<sup>2</sup>.

Tenho plena consciência do simbolismo de receber esta presidência aqui em Berlim, onde o Partido Social-Democrata Alemão (SPD) nos acolheu com esta organização exemplar e este calor humano que são sua marca registrada. Sou consciente também da amplitude da tarefa que temos a cumprir juntos.

**Agir em favor do socialismo democrático** – A história nos deu a razão no debate que nos opunha ao comunismo. O erro do comunismo foi acreditar que era possível colocar a igualdade acima da liberdade. Foi o de ignorar que a economia planejada se transformaria necessariamente em ditadura. Foi pensar que só o capitalismo conduz ao imperialismo. Enquanto a análise histórica das causas desse processo não estiver terminada – e nós, socialistas, somos os únicos que podemos fazê-lo –, não chegaremos a conclusões claras onde elas são mais necessárias, isto é, nas mentes dos homens e das mulheres.

O esclarecimento é essencial, pois existe ainda, particularmente no Leste europeu, uma confusão lamentável entre socialismo democrático e comunismo. Esta confusão é alimentada pelo caótico desenvolvimento dos fatos naquela região. É insuportável ver que o partido do sr. Milosevic ousa chamar-se Partido Socialista Sérvio!<sup>3</sup> Mas a confusão é alimentada em todo o mundo pela direita, que se aproveita dela para evitar a necessária crítica ao capitalismo tal qual ela o pratica.

E por isso que é tão necessário trabalhar para definir a identidade e demonstrar a vigência da social-democracia, inclusive no seio de cada partido membro e na Internacional Socialista como um todo. O momento atual nos impõe uma reflexão sobre nossa identidade, não porque nós queiramos renegar o que somos, mas, pelo contrário, porque precisamos ser ainda mais conscientes do ideário que nos caracteriza.

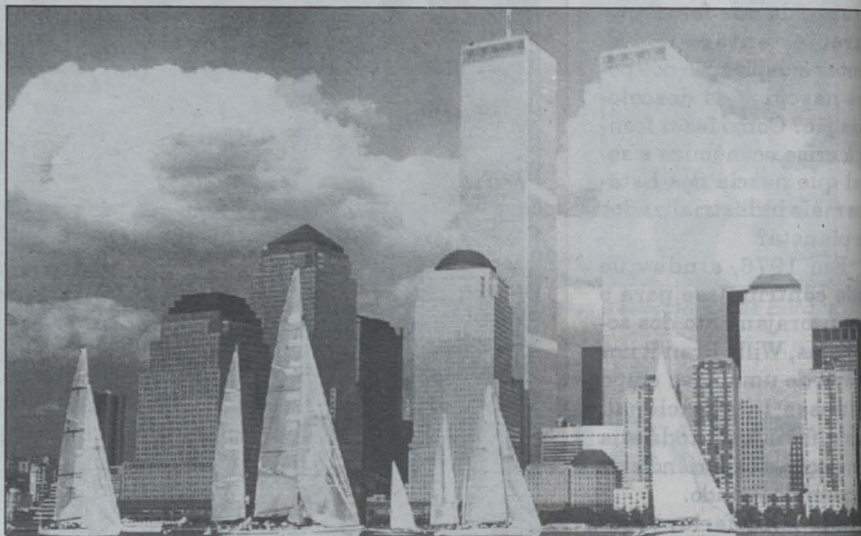
Sermos nós mesmos, é também definir um socialismo que seja capaz de ultrapassar o horizonte do ano 2000. E

de se comprometer com o novo século não por oportunismo, mas como consequência de suas profundas convicções e de seus valores fundamentais sempre atuais de paz, de solidariedade e de democracia.

Muito se falou sobre o fim das ideologias. E se, ao contrário, a batalha decisiva do próximo século fosse a das ideologias? E se a melhor maneira de combater a escalada do racismo, do anti-semitismo, de todas as formas de

fio das nossas idéias e análises para melhor empreender nossos combates.

**Uma Nova Ordem Internacional** – É urgente também agir por uma Nova Ordem Internacional. O mundo que surgiu (no pós-Guerra Fria) não está isento de incertezas, nem de ameaças, nem de tragédias. Mas longe de mim a idéia de cair no alarmismo. O que nós temos que preservar, e se possível ampliar, é o formidável avanço da demo-



Os socialistas criticam a formação das "ilhas de prosperidade" nos países ricos

extremismo, fosse a de substituí-los pela tolerância e pelo respeito ao próximo, pela liberdade e o desenvolvimento individual?

Antes das considerações geoestratégicas, é necessário fazer escolhas ideológicas, se queremos traçar juntos perspectivas claras. Muitos partidos sentiram necessidade de se definir melhor e de adaptar sua ideologia. Nós mesmos em Estocolmo atualizamos nossa Declaração de Princípios e atualmente estamos refletindo sobre o tema da "social-democracia em um mundo em transformação"<sup>4</sup>.

Não devemos nos deter nesse caminho. A Internacional Socialista deverá, com a ajuda dos seus membros, continuar a aprofundar esta reflexão. Quando chegar o momento daremos a conhecer o resultado deste trabalho e deste modo estaremos respondendo a todos aqueles que acreditaram poder anunciar que a social-democracia era um modelo ultrapassado. É desta forma que queremos lançar ao mundo o desa-

cracia ao longo dos três últimos anos. E a partir deste incontestável sucesso que devemos planejar nossa ação. E é naturalmente este o sentido da nossa recém aprovada Declaração Geral.

Nosso primeiro compromisso é com a paz. Esta questão tornou-se urgente decisiva. Como já foi dito, alguns entre nós tem em suas mãos as chances da paz no mundo.

Apesar das dificuldades e dos riscos evidentes, penso que a causa da paz progrediu mais rapidamente nestes três últimos anos que em qualquer outro período da nossa história contemporânea. Porém, o caminho da negociação é sempre longo e difícil, e a nossa responsabilidade é assegurar que progressos sejam feitos.

Nossas posições em relação ao Oriente Médio são conhecidas e não mudaram. Mudanças estão em vias de acontecer na região, com a chegada dos nossos companheiros do Partido Trabalhista ao poder em Israel. Yitzhak Rabin nos demonstrou com muita convic-



ção e emoção que a paz não é mais um sonho! Ela é possível desde que a ambas as partes assim o assumam, e passos corajosos sejam dados. "Deixem-me começar", ele nos pediu.

Nós sabemos quanta paciência e perseverança são necessárias. E eu falo por todos nós quando eu lhe asseguro a nossa confiança no seu governo e quando lhe digo: "Os senhores começaram, nós desejamos que perseverem. Esperamos que tenham sucesso nos desdo-

tabelecimento de uma autoridade internacional reconhecida, que seja ao mesmo tempo forte e organizada. A ONU representa hoje em dia a forma mais concreta desta legitimidade universal, mesmo que não seja o governo mundial com o qual sonharam os socialistas utópicos.

Eu acredito, de fato, profundamente, que o modo normal de resolução dos conflitos é a negociação internacional. Certamente nós vivemos a tragédia in-

à tragédia da Primeira Guerra Mundial. É indispensável organizar a sociedade internacional. Não temos outra alternativa senão encontrar marcos jurídicos novos para evitar que, a toda reivindicação das minorias, corresponda necessariamente a criação de um Estado. A construção da Europa mostra, sem dúvida, um caminho possível. Quaisquer que sejam as circunstâncias históricas, os Estados criados atualmente deverão encontrar formas de cooperação.

**A luta contra a pobreza** – Nosso segundo desafio é a luta contra a pobreza. Ela pode provocar o recuo da democracia. E o que pode favorecer o avanço é a solidariedade. Seria aceitável construirmos uma ilha de prosperidade para proveito exclusivo de um quinto da Humanidade, que consome os 4/5 dos recursos do planeta?

Seria aceitável que esta ilha se preocupasse antes de tudo em se defender contra a imigração maciça, que será a realidade inquestionável do século XXI, e não somente na Europa? Seria aceitável preservar a democracia somente nos países ricos? A resposta para estas três perguntas é não.

Temos que aceitar que a democracia deve ser estendida ao mundo pobre. Todos devemos concordar que a questão crucial daqui em diante será a ligação entre democracia e pobreza.

A democracia é um estímulo para o desenvolvimento. Nos anos 70, as ditaduras da América Latina captaram bilhões de dólares em empréstimos teoricamente destinados a investimentos nestes países. E atualmente a tragédia da Somália nos mostra como podem ser encontradas mil e uma maneiras de desviar a ajuda ao desenvolvimento. O modelo democrático é o único que permite uma divisão justa da riqueza, pois mesmo os países pobres têm uma parcela de cidadãos ricos. A democracia impõe o controle social das transferências de recursos, tornando-as mais eficazes.

A democracia poderá sobreviver ao desespero dos povos? Até quando os antigos países do Leste, empurrados para um modelo mal adaptado às particularidades do seu desenvolvimento, continuarão impondo à sua população limitações drásticas? Até quando a democracia na América Latina permanecerá compatível com os sacrifícios exigidos



"Poderíamos aceitar que a democracia fosse preservada só para os países ricos?"

bramentos aos quais aspiramos."

Além da sempre presente preocupação com o desarmamento, permanecem as ameaças ligadas à difícil questão das nacionalidades, que também marcou o nascimento da Segunda Internacional. Mas é evidente que, no novo contexto criado pelo colapso do império soviético, os conceitos que forjamos ao longo destes anos se mostram contraditórios.

Certamente, não confundimos o nacionalismo com as nacionalidades. Não é possível frear as reivindicações em favor da soberania, quando elas são sustentadas por todo um povo. A Carta das Nações Unidas garante à cada nação sua plena e completa soberania.

Mas reconheçamos que estes direitos à soberania, à autodeterminação, à identidade podem ficar ameaçados quando expressos em um quadro internacional de instabilidade. O mundo, segundo a expressão de François Mitterrand, não pode ser um mundo de tribos. O único progresso que estamos atualmente em condições de impor é o do es-

goslava como uma negação da noção de civilização, como um anacronismo. Tudo indica a necessidade de uma intervenção forte: o sofrimento das vítimas – crianças, mulheres, civis –, os métodos empregados, os campos de concentração, as deportações, enfim, a ideologia, essa tese ignóbil da "purificação étnica". Entretanto, pensem no que a intervenção sem controle das grandes potências teria provocado em outra época. Não há outra solução senão a organização da sociedade internacional.

Alguns, entre os quais me incluo, desejam há muito tempo a criação de uma Corte Internacional dos Direitos Humanos. É preciso, sem dúvida, avançar nesse sentido. Teremos que trabalhar nestas questões e em outras com Ingvar Carlsson, a quem Boutros Ghali confiou a tarefa de refletir sobre a ONU do século XXI.

As gerações no poder neste fim de século têm uma responsabilidade essencial: a de evitar o retorno ao domínio dos Estados-Nação que levou o mundo



pelas políticas de ajuste impostas pelos organismos internacionais, cuja ótica é excessivamente financeira ou contábil, como disse com muita precisão John Smith? Até quando taxas de desemprego de 60% poderão ser suportadas por populações que não conheceram outra realidade ao longo da sua história senão a mais extrema miséria?

O problema da ajuda, da sua natureza, dos meios que ela emprega, das condicionalidades políticas para que ela seja eficiente, está colocado há muito tempo. Nós sabemos quais são as situações que exigem a ajuda humanitária. Nós controlamos os meios da solidariedade internacional, e devemos nos inspirar no exemplo do Banco Europeu pela Reconstrução e Desenvolvimento (Berd).

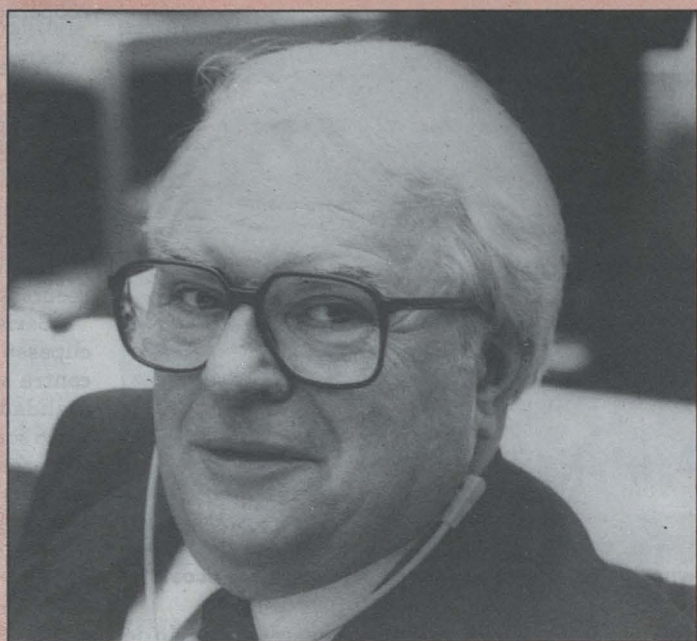
Nós fazemos um apelo também aos Estados industrializados para que cumpram por inteiro o seu compromisso de elevar no menor prazo possível o montante da ajuda ao desenvolvimento a 0,7% do seu Produto Nacional Bruto, e a 1% até o ano 2000. Meta sempre fixada, jamais atingida. Não é desmedida a esperança de que isso aconteça porque ao longo destes últimos anos grandes esforços foram realizados, particularmente no que concerne à redução da dívida dos países mais pobres.

Mas há que passar de uma atitude defensiva, que se limita a manter as economias funcionando, a uma atitude mais ofensiva, que lhes permita (aos países do Terceiro Mundo) superar o desafio do seu desenvolvimento e construir o seu futuro.

Um grande passo à frente será dado quando os países industrializados fizerem a ligação entre suas próprias dificuldades, marcadas por índices baixos de crescimento e um nível elevado de desemprego, e o extraordinário impulso que um novo esforço em favor dos países em desenvolvimento poderá dar à sua economia.

Nós falamos várias vezes nesta tribuna da globalização da economia. To-

dos estamos de acordo em que a partir de agora só no nível internacional poderemos encontrar novo espaço de manobra. Esse é o sentido que os socialistas dão ao Tratado de Maastricht sobre a União Européia. Se trata de construir um espaço que permita definir políticas coordenadas em favor de um crescimento maior. Os efeitos benéficos se sentirão em toda a Europa. Serão sentidos também além dela, pois seria absurdo



*Pierre Mauroy: "O modelo democrático é o único que permite uma divisão justa da riqueza"*

acreditar que o crescimento dos países ricos não é uma condição indispensável à decolagem dos países pobres.

É pela importância deste jogo, que ultrapassa a França e até mesmo a Comunidade Européia, que tantos dos senhores expressaram vosso desejo de ver ratificado o Tratado de Maastricht para continuar a União Européia.

O Relatório Brundtland levantou na Conferência do Rio a questão do desenvolvimento sustentável. O meio ambiente não pode servir de pretexto para os países ricos limitarem o desenvolvimento dos países pobres. Mas as limitações impostas pela ecologia nos exigem intensificar as políticas de solidariedade.

É de nossa responsabilidade como social-democratas, que sempre fizemos uma ligação entre os esforços para a proteção do meio ambiente e a defesa da solidariedade Norte-Sul e o fortalecimento da democracia, assumir este novo desafio. Nós devemos, segundo a bela expressão de Bjorn Engholm, "fazer as pazes com a natureza, caso contrário será a natureza que nos declarará guerra".

Cada um de nós compreende que as implicações dessas opções exigem da nossa Internacional Socialista a continuação do trabalho de Willy Brandt, fazendo evoluir os nossos métodos e a nossa organização.

Eu me dirijo agora ao nosso secretário geral. Eu interpreto vossos desejos ao congratular muito sinceramente Luis Ayala pela sua reeleição e, sobretudo, pelo memorável trabalho que dia após dia ele tem desempenhado. Eu associo ao seu sucesso o de toda a equipe permanente.

Os senhores compreendem que, na minha condição de novo presidente eleito, não tenho condições de responder às muitas propostas e sugestões que foram apresentadas ao longo deste congresso ou por ocasião de reuniões fechadas. Me

parece oportuno pedir ao nosso secretário geral que coloque como ponto essencial da ordem do dia no nosso próximo Conselho a questão da organização.

Nosso sucesso faz a discussão sobre a aceitação de novos membros mais complexa. Nosso dever é o de ser acolhedores em relação às organizações políticas que ocupam um lugar de destaque nesta conjuntura histórica. Mas nós devemos dar à adesão à nossa Internacional sua significação mais elevada. A adesão a um projeto político que respeita a vontade coletiva, que inscreve no futuro os valores fundamentais que durante dois séculos constituíram o patrimônio do socialismo democrático. É necessário ser muito realista na admissão





**Defender a solidariedade Norte-Sul, fortalecer a paz mundial e eliminar o racismo são objetivos da luta dos socialistas**

de novos membros. Por isso temos o maior orgulho em acolher hoje tantos novos partidos, para os quais faço votos calorosos para a sua ação no seio da nossa comunidade.

Eu acredito expressar aqui o sentimento geral ao dizer a Bettino Craxi que ele tocou no ponto chave, quando falou sobre o papel indispensável que a nossa organização terá na convergência das forças democráticas na Itália. Eu acho que isso supõe a superação de uma história longa e difícil. Esse processo necessariamente exige a evolução do Partido Democrático da Esquerda (PDS, na sua sigla inglesa, ou seja, o antigo Partido Comunista Italiano)<sup>5</sup>, para que compromissos concretos possam ser assumidos e avance o projeto de uma marcha em direção à unidade dos três partidos italianos que pertencem à nossa organização.

Nesse Congresso, pela primeira vez, um antigo grande partido comunista aderiu aos ideais socialistas, mesmo que, é verdade, trata-se de um partido que soube desde os anos 70 marcar o seu próprio caminho. Esta evolução está naturalmente carregada de simbolismo. Mas ela coloca novas questões sobre a maneira pela qual nós podemos

ajudar a evolução dos antigos partidos, não mais associados ao comunismo. Me parece que nós encontramos para a Hungria uma solução equilibrada<sup>6</sup>. Mas, tantos outros já bateram à nossa porta, que esta será uma questão que deveremos debater durante muito tempo ainda.

Na sua mensagem, Willy Brandt nos disse que era preciso fazer avançar a Internacional Socialista no ritmo das mudanças históricas. Esta é a nossa contribuição ao fazer este debate sobre as adesões. Nossa Internacional Socialista deve ter a preocupação de favorecer as reaproximações e as evoluções políticas. É isso que nós esperamos dos povos do Leste, aos quais estendemos a nossa solidariedade e nossa amizade. É o que nós desejamos em todo o mundo, onde devemos apoiar aqueles que na perspectiva social-democrata trabalham dia após dia em favor da liberdade e dos direitos humanos.

Deste modo, no futuro, teremos a oportunidade de dar forma aos sonhos pioneiros dos fundadores da nossa Internacional, e de todos aqueles que em cada época tiveram, em nome do socialismo democrático, a responsabilidade da transformação da humanidade.

Eles também, sem dúvida, foram conscientes da fragilidade dos seus esforços, mas por não terem renunciado, é que hoje somos capazes de assumir a mesma obra coletiva.

Léon Blum dizia: "Os pessimistas se

condenam a não ser mais que espectadores". Os socialistas aspiram a ser atores.

E nós sabemos que é urgente agir.

Trabalhemos todos juntos pelos nossos ideais e nossos valores de liberdade e de justiça que transcendem nossas ações.

A você, Willy Brandt

Viva a Internacional Socialista! ■

<sup>1</sup>Pierre Mauroy nasceu na França a 5 de julho de 1928. Militante socialista desde a juventude, em 1963 foi indicado para integrar a Comissão Executiva do SFIO, antecessor do atual Partido Socialista Francês. Quando François Mitterrand foi eleito presidente da França por primeira vez, em 1981, Mauroy foi o seu primeiro premier, posto que exerceu até 1984. Depois exerceu o cargo de primeiro secretário do partido, até 1988. Prefeito de sua cidade natal de Lille, desde janeiro de 1990 ocupa a presidência da Fundação Jean Jaurès, dedicada à promoção da democracia a nível mundial através da assistência aos partidos políticos e a programas de formação política.

<sup>2</sup>Ostpolitik: política de reaproximação com os países do Leste europeu

<sup>3</sup>Bruno Kreisky: presidente do Partido Socialista da Áustria, governou o país várias vezes a partir de 1970; Olof Palme: líder do Partido Social-Democrata da Suécia, foi primeiro-ministro duas vezes. Em fevereiro de 1986 foi assassinado à queima roupa, em circunstâncias não totalmente esclarecidas

<sup>4</sup>Slobodan Milosevic, presidente da recém-proclamada República Sérvia (na ex-Iugoslávia) foi um dos incentivadores da política de "limpeza étnica" contra os muçulmanos e impulsor da guerra civil que assola aquele país europeu (ver cadernos do terceiro mundo, nº 156, artigo sobre a situação na Europa)

<sup>5</sup>A social-democracia num mundo em transformação foi o tema do Congresso de Berlim

<sup>6</sup>O antigo Partido Comunista Italiano (PCI), que se transformou no Partido Democrático de Esquerda (PDI), foi aceito em Berlim como membro pleno da IS. Os três partidos aos quais se refere Mauroy são: o próprio PDI, o Partido Socialista Italiano (PSI), de Craxi, e o Partido Socialista Democrático Italiano (PSDI)

<sup>7</sup>No Congresso de Berlim, foram aceitos como observadores da IS, depois de árduo debate, dois partidos da Hungria: o Partido Socialista Húngaro e o Partido Social-Democrata Húngaro



# AUTO-ESTRADA

O Governo do Estado do Rio de Janeiro dirigiu-se ao Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, sugerindo a extensão, até o Rio de Janeiro, da Rodovia de Integração Sul-Americana, prevista, inicialmente, entre Buenos Aires e São Paulo. O Presidente do BID, Dr. Enrique Iglesias, recebeu com acolhimento a proposta do Governo do RJ, por representar uma concepção mais completa e lógica do projeto de integração regional, aumentando sua viabilidade econômica sem, praticamente, importar em maiores aumentos de custos, aproveitando o leito natural, já em pista dupla, da Rodovia Presidente Dutra, que requer, tão-somente, investimentos em melhorias operacionais. Além do mais, a extremidade norte da grande auto-estrada já está sendo preparada, em fase final, com a implantação da Linha Vermelha e suas interligações (investimento de US\$ 350 milhões). Com a extensão ao Rio de Janeiro da Rodovia Sul-Americana, todos irão ganhar, além dos países sócios do Brasil no Mercosul: o nosso Estado, que se associa com mais eficiência ao projeto de integração econômica do Cone sul; os usuários da Rio-São Paulo, que terão uma rodovia em melhores condições, especialmente depois que a Linha Vermelha, concluída a sua segunda fase, desafogar a entrada da Cidade e, sobretudo, proporcionar conexões com as grandes estradas do País à própria Rodovia Sul-Americana, além de dar acesso à região industrial do Vale do Paraíba, ao pólo siderúrgico de Volta Redonda, ao porto profundo do Rio e ao maior portão de entrada de turismo em nosso País, que é o Rio de Janeiro. Abaixo, o texto da carta que enviei ao Presidente do BID, complementando as atividades de nossa delegação na reunião promovida pelo Banco em Canela, Rio Grande do Sul:

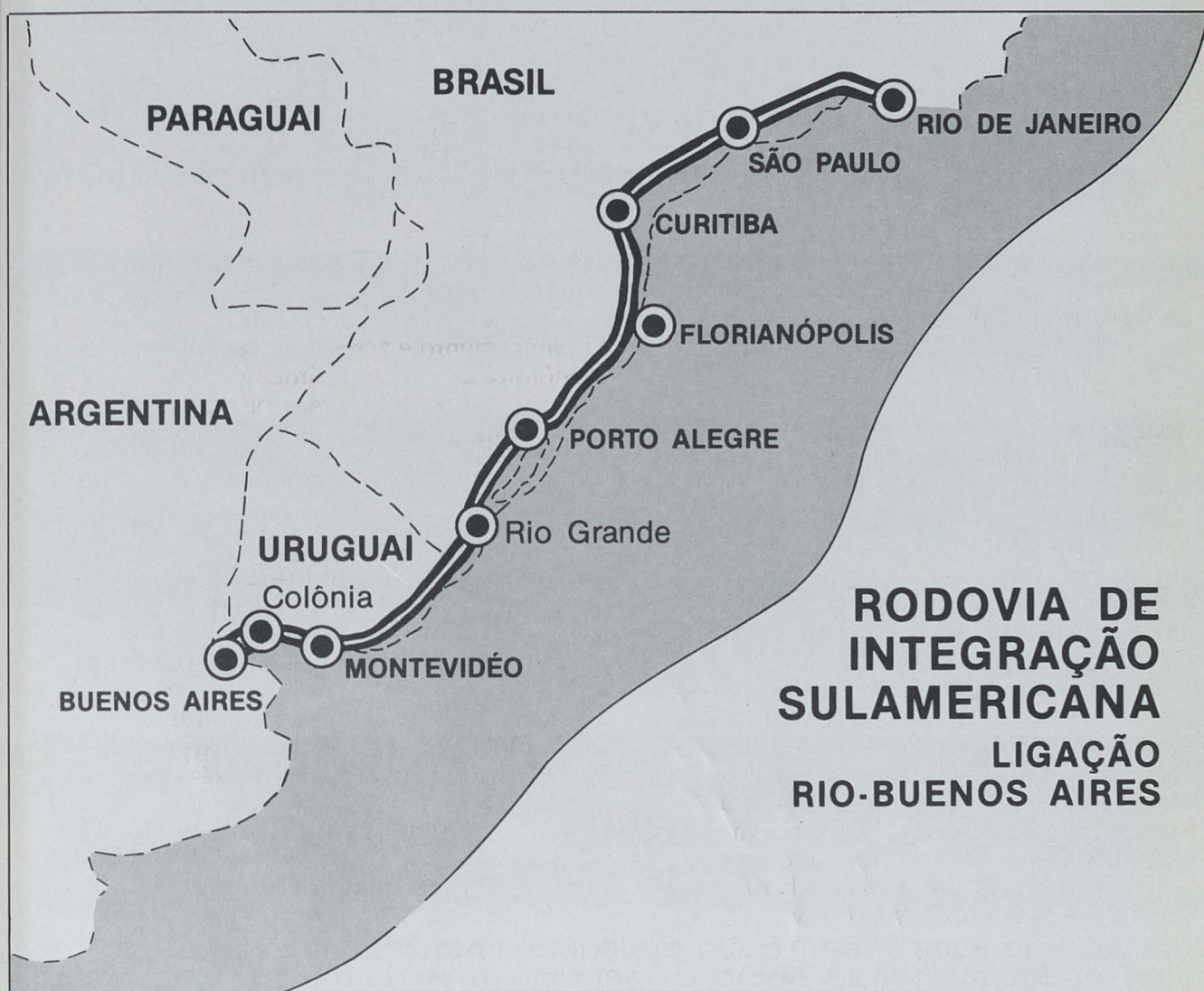
## “Senhor Presidente”:

À ocasião em que nos congratulamos, como brasileiros e sul-americanos, com a iniciativa do BID, fomentando a execução da Rodovia Sul-Americana, que integrará o Brasil com o Uruguai e a Argentina, julgamo-nos no dever de trazer à consideração do BID uma sugestão que, acreditamos, contribuirá para o aprimoramento e acrescerá viabilidade econômica ao empreendimento.

Nossa proposição, já levada oficialmente ao Seminário de Canela (RS), de 23 e 24 de outubro de 1992 – pelos representantes lá presentes do Governo do Estado do Rio de Janeiro, os Srs. Pedro Valente, José Carlos Sussekund e Rafael Perez Borges – é no sentido de, em lugar de se limitar a Rodovia Sul-Americana à ligação Buenos Aires-São Paulo, que se inclua, também, o trajeto São Paulo-Rio de Janeiro, ligando-se, assim, de forma contínua, Buenos Aires-Montevideú-São Paulo-Rio de Janeiro, isto é: Argentina, Uruguai e Brasil, este através dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Esse acréscimo integraria ao empreendimento, simultaneamente, as duas megalópoles brasileiras (a área metropolitana de São Paulo tem 15 milhões de habitantes; a do Rio, 10 milhões. São as duas megalópoles mais próximas do mundo, uma da outra, unidas por sistemas viários de boa qualidade, requerendo apenas investimentos adicionais ou melhorias localizadas, onde se situa o eixo rodoviário mais importante do Brasil, a Via Dutra, num percurso de 410 Km, ao longo do qual se encontra um verdadeiro colar contínuo de cidades e indústrias). Em consequência, o número de usuários se multiplicará; os principais e mais profundos e aparelhados portos brasileiros (Rio e Santos), o aeroporto internacional



# RIO-BUENOS AIRES



do Rio de Janeiro – porta de entrada do Brasil –, a mais desenvolvida rota turística do país, se acoplarão ao sistema. Numa palavra, a agregação do trecho Rio-São Paulo em muito ampliará a viabilidade econômico-financeira da rodovia e a relação custo-benefício do projeto.

Neste sentido, o Governo do Estado do Rio de Janeiro solicita ao BID a análise da proposição aqui apresentada, colocando-se à disposição do Banco, o Go-

vernador e os quadros técnicos do Estado, desde já, para fornecer quaisquer dados ou esclarecimentos adicionais a aprofundar a discussão aqui proposta: A rodovia que integrará a América do Sul tem passagem necessária pelo Rio de Janeiro”.

Atenciosamente.

*Leonel Brizola*  
Governador do Estado  
do Rio de Janeiro



BANCO CENTRAL DO BRASIL

A 0001023363 A

100 000

CAIXA DE RESERVA DO BRASIL

100 000

CEM MIL  
CRUZEIROS

A 0001023363 A

50 000 CINQUENTA  
MIL CRUZEIROS

A 2458099549 A

10 000 DEZ MIL  
CRUZEIROS

A 4382087437 A

5 000 CINCO MIL  
CRUZEIROS

A 2892009799 A

1 000 MIL  
CRUZEIROS

A 8197055236 A

Com a Conta Fácil Banerj, a sua aplicação financeira e o seu tempo vão poder render muito mais. Agora, a operação de resgate é automática e na medida exata do que você necessita, para débitos acima de um valor mínimo. Sem que você precise sequer telefonar ao banco. Ou seja, aquele dinheiro a mais que ia ser apenas um trocado parado na sua conta corrente continua rendendo. Transforme já sua Conta Verde de Aplicações Financeiras em Conta Fácil Banerj. E aplique tudo a que você tem direito. Inclusive aqueles quebrados.

**AGORA, O DINHEIRO QUEBRADO QUE IA VIRAR  
UM TROCADO CONTINUA APLICADO.**

**CONTA FÁCIL**

**BANERJ**

O QUE  
FAZ FIC  
MAIS FÁ